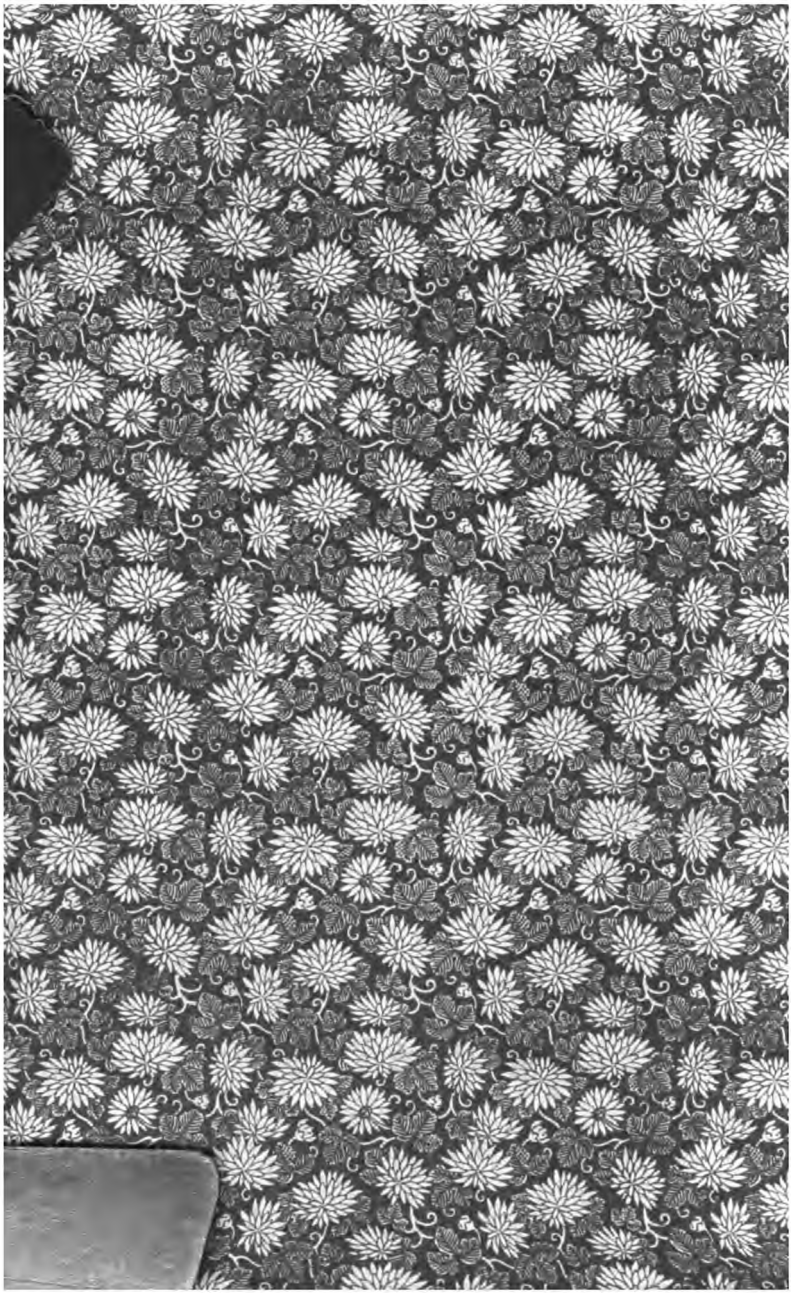
A 859,023

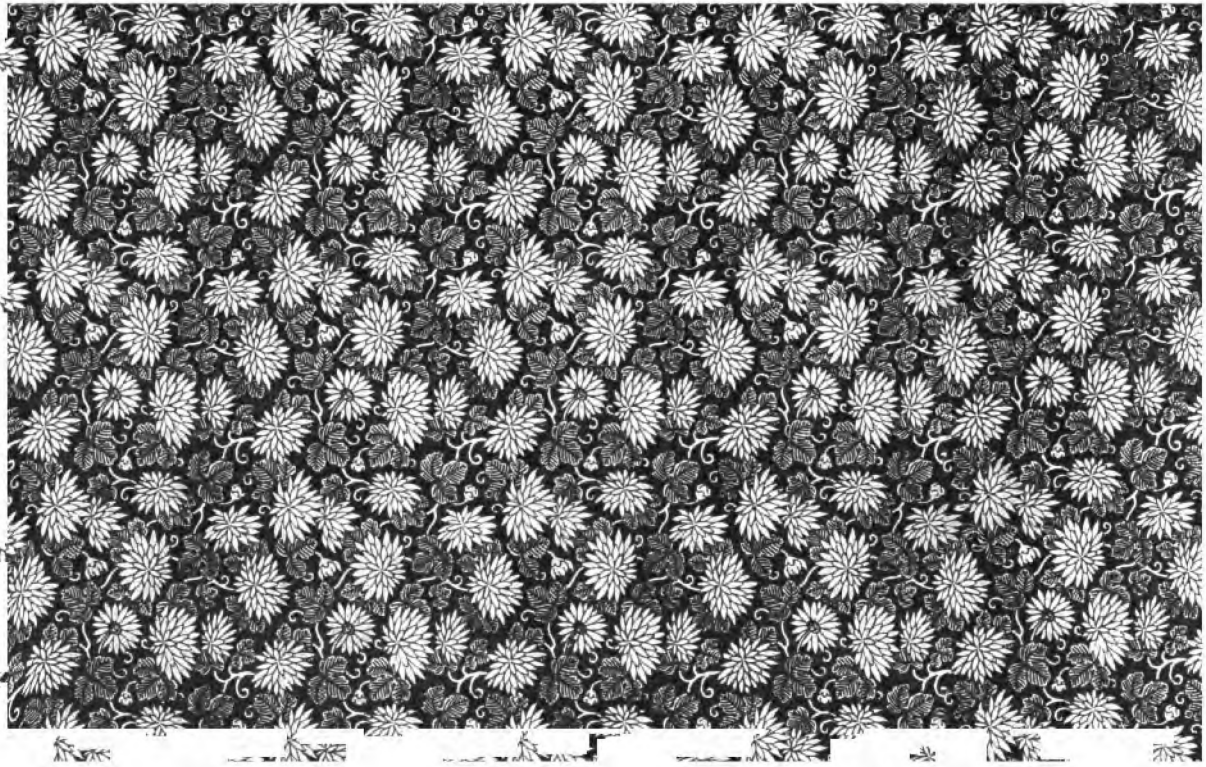
[illegible]E DE [illegible]NGLATERRA

POEMA

POR

Theophilo Braga





PROPERTY OF
University of
Michigan
Libraries
1817
ARTES SCIENTIA VERITAS

6 c 2

OBRAS COMPLETAS

—

ALMA PORTUGUEZA

—

OS DOZE DE INGLATERRA

ALMA PORTUGUEZA

Rhapsodias da grande Epopéa de um pequeno Povo

I. **VIRIATHO** — Narrativa epo-historica.

II. **FREI GIL DE SANTAREM** — Drama-lenda.

III. **LINDA IGNEZ** — Tragedia classica

TRILOGIA { 1.ª A pallida Donzella. / 2.ª Morta e Rainha. / 3.ª A Vingança do Justiceiro.

IV. **OS DOZE DE INGLATERRA** — Poema.

V. **O PEITO LUSITANO** — Rhapsodias cyclicas das Navegações.

VI. **CAMÕES** — Poema epo-lyrico.

VII. **GOMES FREIRE** — Drama em cinco actos.

Theophil Ziegler

ALMA PORTUGUEZA

Os Doze de Inglaterra

POEMA

POR

THEOPHILO BRAGA

PORTO
LIVRARIA CHARDRON
De Lello & Irmão, Editores
1902

Todos os direitos reservados.

Porto — Imprensa Moderna.

63-2,22418

A Litteratura e a Arte tendem no seu desenvolvimento normal para a expressão universalista. Na obra dos grandes genios o que mais sobrevive e nos encanta por uma perenne actualidade, é o que elles sentiram pela intuição de um estado de consciencia acima do seu tempo. Destacaram-se do ambiente exclusivista da nacionalidade presentindo a humanidade. Mas, tendo a Litteratura e a Arte attingido esta superior evolução esthetica, deverão renegar os seus nacionalismos?

Nunca.

A feição nacional é tão necessaria á idealisação esthetica, como o idioma patrio para aquelle que escreve; e como cada nação só pode existir historicamente sendo orgão do progresso humano, é suggerindo esta missão, que a Litteratura e a Arte têm de ser primeiramente *nacionaes*, para na sua elevação definirem o ideal humano, e reflectirem o sentimento universalista.

Na VISÃO DOS TEMPOS ficou esboçada uma Epopêa das Edades, em que se approximam os Symbolos tradicionaes de todas as raças e Civilisações dando relêvo ás aspirações implicitas n'elles, e fazendo sentir pela representação pittoresca do viver de cada povo as luctas para alargar as fronteiras dos separatismos dos Dogmas religiosos e das bandeiras das nacionalidades.

Por esta via comprehendemos a missão historica de Portugal. Hoje completamos a nossa evolução esthetica, elaborando os themas mais suggestivos do ideal da Nacionalidade, que se identifica com a missão universalista de Portugal no progresso humano. E esta necessidade de dar expressão artistica consciente ao sentimento nacional, impõe-se ante a obliteração propositál d'esse sentimento que tem occasionado as crises da nossa degradação e ruina.

Sob o titulo de ALMA PORTUGUEZA emprehendemos uma serie de Poemas em que são idealisadas as manifestações do genio d'este Povo, com que se tem revelado na Historia e actuado na Civilisação moderna. O espirito de independencia da raça *lusitana*, ainda hoje não confundida com a *iberica* apesar de todos os planos dynasticos e desastres sociaes, acha a sua nitida expressão artistica em uma narrativa epo-historica das luctas do caudilho d'essa autonomia — *Viriatho*.

O sentimento amoroso e o espirito de aventura, feições das mais caracteristicas da Alma portugueza, são agora representados no poema *Os Doze de Inglaterra*.

Tem esta lenda cavalheiresca a importancia de precisar o momento em que esse sentimento tem por objectivo a *ditosa Patria* amada, e em que a audacia aventureira se vae exercer nas Explorações maritimas pela costa africana e Atlantico, até á realisação dos grandes Descobrimentos da róta da India, do Brasil e da Circumducção do globo. Este momento em que o vago impulso tenta exercer-se em uma acção historica, fica accentuado nos *Doze de Inglaterra*. A revivescencia plena do *lusismo*, achando = por mares nunca d'antes navegados = a sua missão nacional, dá thema a novas idealisações segundo o estado actual de consciencia; procurando-se por essa emoção artistica sustar o processo lento de desnacionalisação que tem como resultado inevitavel o acabamento de Portugal, só pela concentração do sentimento se porá termo á incoherencia e desaggregação politica que tanto nos degrada.

PROEMIO

—

Quem ha hoje que crêa
N'isto de almas penadas?
Por mim, liberto de uma tal ideia,
Da obsessão das cousas do outro mundo
Que amedrontára as gerações passadas,
Tinha-a como ridicula, irrisoria;
Agora não!... Vereis em que me fundo.
Peço licença; entremos já na historia:

Um vulto magro, com o olhar sombrio,
De afilado nariz, unctuoso, esguio,
Conscio de dignidade, postulante,
Com incerto sorriso, poz-se diante
Da minha mesa de trabalho, e falla
Uma estranha linguagem, que me abala
Pelo influxo dos mysteriosos sêres:

«Cavalheiro! Eu sou Mestre Pero Pérez,
Graduado na sacra Theologia
Pela Universidade de Siguença;
Ante a vossa presença,
Direi o que queria:

No mundo, sabel-o-heis, quanto é fallado
Esse Cura manchêgo celebrado,
O austero sacerdote,
Que arrojou no quintal de Don Quijote
De uma fogueira á irremissivel chamma
As Novellas que tinham maior fama
De altas Cavallerias?
Com boa fé fiz estas tropelias,
Não porque eu fosse um chatarrão ou tolo,
Mas só por terem dado volta ao meôlo
Do Cavalleiro da Figura triste,
Que á pobreza, á desgraça não resiste
Absorto em tanto engano!
Quiz salvar este meu parochiano,
E comprazer com a infeliz sobrinha
Que em lamurias constantes me entretinha.

Mas... Tudo a aziaga sorte me invertia!

Essas Novellas de Cavalleria,
Contra as quaes se revolta o meu bom senso.
Eram exemplos de heroismo immenso,
De protecção aos fracos pelo forte!

Quando, emfim, me averguei á lei da morte
E parti d'este mundo, oh desventura,
Não encontrei a paz da sepultura,

Nem pôde algum funéreo responsorio
Guiar minha alma para o Purgatorio;
Achei-me condemnado a andar errante
No mundo, para traz e para diante,
Castigo, expiação rude
Por extinguir exemplos de virtude
N'essas Novellas de Cavalleria,
Da Justiça, do Bem espelho e guia.
Das peregrinações sentindo o tedio,
Como o termo da expiação já tarda,
Interroguei o Anjo meu da Guarda,
Que me diga: Se existe algum remedio
Com que fosse minha alma despenada?

Volveu:
— Na Bemaventurança entrada
Tens por certo, se na terrena vida
De covardia e sordido interesse,
Algum Poeta ingenuo se atrevesse
A restituir á admiração devida
As Novellas em que ninguem já pensa
Sem desdem, pela estupida sentença
Com que ao auto de fé as condemnaras. —

Lembrei-me então, que da fogueira raras
Foram as Obras que escaparam... Mas,
Esse *Amadis de Gaula* portuguez,
A flor das flores da Cavalleria,
Especial excepção me merecia!
Do meu bom gosto agora me não jacto;
Talvez, por este facto,

Pode algum poeta portuguez, acaso,
Ter compaixão de mim, e restituindo
As Novellas á sympathia antiga,
Assim, assim dê aso
A que o negro fadario seja findo,
E de minha alma em pena a atroz fadiga.

Nos meus errores pelo mundo insanos
Vim pois a Portugal ha setenta annos;
E a GARRETT expondo os meus tormentos,
Condoeu-se de mim! Que sentimentos
Ao Poeta inspira um amoroso fogo!
Para me despenar, um Poema logo
Da Tradição dos *Doze de Inglaterra*,
Que o ideal da Cavalleria encerra,
Começou, dando vida ao heroico thema.

No seu final estava quasi o Poema;
(Fatalidade que persegue a um morto!)
Trazido dos Açores para o Porto,
O navio em que vem se submergia,
Mettido a pique pela artilheria
Do miguelino Cêrco, ao qual incita
A hora do saque da Cidade invicta!
Perdeu-se o Poema, quando entrava a barra;
Magoado o Poeta este desastre narra;
Só eu comprehendo essas palavras sérias,
Continuando um fadario de miserias.

Bem tarde tive alfim conhecimento
Do quanto admiras o genial portento,

E a perda sentes d'essa excelsa joia;
Como é pois natural, não perdi boia,
E o antigo pedido hoje renovo:
Não é para fazeres Poema novo!
Basta dar luz ao Poema que se occulta,
Que então minha alma assim liberta exulta.»

Ouvindo estas palvras, isto tudo,
A sombria figura eu fitei mudo,
De Mestre Pero Pérez a presença,
Do Theologo graduado por Siguença!
Julguei ter ante mim algum maluco
Fugido ao manicomio. Já retruco:

— Aqui estou prompto, Mestre Pero Pérez,
A trabalhar na empreza que quizeres,
Sendo a libertação vossa o pretexto;
Como posso eu adivinhar o texto
Do Poema dos *Doze de Inglaterra*,
Perdido, quando a nave ao Porto aferra...
Lá no fundo do mar ha tantos annos?

«Eu vos descobrirei esses arcanos,
Patenteando o Poema ideal, sublime!
(Diz o graduado por Siguença.) Ouvi-me:
Sabereis, que afundando-se o navio
Que trazia o Poema, lhe accudiu
A Rainha das Fadas, pressurosa,
Titania, bella mais que a fresca rosa;

Com o Ramo de Lirios, que fascina,
Tornou em vólta a agua cristalina
Em fórma de uma urna surprehendente;
Guardou dentro o Poema, reverente!
Não contraría em nada a Sciencia isto;
Sob as grandes geleiras tem-se visto
Typos primévos, antediluvianos,
Que se conservam ha milhares de annos.
A Natureza aos seculos vindouros
Ensinou a guardar os seus thezouros.
Podereis lêr o Poema linha a linha,
Se Titania, das Fadas a Rainha,
A uns olhos, que o véo mortal conteve,
Com o Ramo de Lirios toque leve...»

Crendo que Mestre Pero com tal rogo
Me estava disfructando, adverti logo:

—Já não é pouco a minha transigencia
Com as Almas penadas! acquiescencia
Dou aos sonhos de Fadas espontanea;
Emfim, se conseguires que Titania
Tocando-me com o Ramo seù de Lirios
Me figure na mente mil delirios.—

Sorriu-se o Licenciado. O ár me opprime,
Não sei então que se passou; senti-me
N'uma atmosphera que fascina e enleva,
Immovel, sem que um passo a dar me atreva;
Por momentos a vista se me offusca!
Pela fronte perpassa uma aura brusca
De indizivel frescura, almo perfume
Como a presença incognita de um nume.

Na visão subjectiva toma vulto
O que aos olhos mortaes estava occulto:
N'uma oceanica furna
Eu vi grandiosa a cristalina Urna
Que se me abriu; pousei a mão no Poema,
Na surpreza da admiração suprema!
Li...

Acordando inesperadamente,
Acho-me á mesa de trabalho. Em frente
De Mestre Pero Pérez a figura
O meu olhar attonito procura;
E esse vulto que alli ante mim vira,
Como doentio sonho se esvaíra!
Na aéria decepção busco equilibrio;
Que importa? Da illusão não fui ludibrio,
Nem a imaginação inane aberra,
Se ainda de longe nos meus versos brilha
A influição da ignota maravilha,
Do Poema dos *Doze de Inglaterra*.

OS DOZE DE INGLATERRA

INVOCAÇÃO

Ficções encantadoras, deliciosos
Contos da antiga Armórica, Lais bellos,
Lendas, Tríadas, Chronicons piedosos,
Devaneios de amor meigos, singelos,
Feitos do Rey Arthur imaginarios,
Cantados pelos Bardos solitarios;
Quando prendiam da barbárie os élos
A Europa, em lucta de tristeza e espanto,
Vós trouxestes ás almas puro encanto.

Vós ensinastes a galanteria
Pelo enlêvo da feminina graça!
Déstes um alto ideal á valentia,
Aos Bardos a expressão do sentimento
Da independencia de opprimida raça.
Das edades, do sepulchral moimento
Evocando bem viva a Tradição,
Trouxestes forte apoio na desgraça
Da saxonia invasão.

Oh, deixae-me poisar sedentos labios
No mysterioso cymbio do Graal Santo,
Onde se prova o travo
Que nos torna prophetas, vates, sabios,
Que nos liberta do lethal quebranto,
E nos dá da immortalidade o favo!

Quando hoje impera a abjecta idolatria
Do vil Bezerro de oiro,
Afastae-nos do estólido desdouro,
Guiando-nos ás fontes da Poesia!
Merlin, traze-me o dom da prophecia
Para vêr se do Luso a antiga gloria,
Se esta pequena Terra
Se tornará suprema ainda na Historia!
Percival, Lancelot, Flores, Tristão,
Nas vossas almas todo o amor se encerra;
N'este egoismo da sociedade em guerra
Vinde-nos aquecer o coração.

Deixae-me em vosso seio hoje sonhar,
Vós, oh bella rainha Gwenivar,
Brancaflor, e Yseult a sem ventura,
Que achaes tanta doçura
N'um amor infeliz!
Vinde, Fadas gentis,
Morgane e Viviana,
Pois tendes do encantamento o dom
Nos sonhos amorosos de esperança;
Lá quando a realidade a alma nos cansa,
Arrebatae-me á Ilha de Avalon,
Para os lindos palacios de esmeralda,
Ou do Monte Salvat levae-me á falda.

N'esta gehena de odios
De um seculo que expira
Da força bruta nos sangrentos brodios,
Para o espirito do desalentado
Quando incerto delira,
Como um refugio ostenta-se o passado;
Do Amor, Valor e Honra os episodios
Dão-nos contra as miserias do presente
Da Poesia a miragem absorvente.

Ficções consoladoras,
Que os roqueiros castellos
Sombrios, solitarios,
Povoastes de tantos vultos bellos!
Abri-nos os cancellos
D'esses caminhos tortuosos, varios,
Que levam á região de outras auroras.

A seducção das vossas maravilhas,
Por esse Tenebroso Mar profundo
Que ao Luso não aterra,
Fez-nos buscar as Encantadas Ilhas,
Desvendar Novo mundo,
Dando ao homem pósse integral da Terra.
Quando de Portugal murchas as palmas
Caíu no cativeiro castelhano,
Pelo suave engano
O poetico mysterio
Das ficções, nos fortificou as almas
Entrevendo a visão de um Quinto Imperio.

N'este tremendo e funebre momento
Em que um Povo deslisa para a vala,
E apathico se cala,
Sem ter a consciencia do seu fim,
Quem podesse vibrar o sentimento
Das harpas de Taliésin, de Aneurin!
Quando do paroxismo a hora avança
N'um hausto do Ideal dar-lhe esperança.

CANTO I

O AGGRAVO DAS DAMAS

I

Trégua final da Guerra dos Cem annos!

N'aquelle tempo, e pouco tempo havia,
Contam-no assim veridicas historias,
Que Ricardo Segundo de Inglaterra
Ridente á Côrte regressou de Londres.
D'essa entrevista apparatosa volta
D'entre Ardres e Calais com o Rei de França,
Carlos o Sexto, espelho de lealdade.
O que foram os memorandos dias
De sumptuosa e real magnificencia,
Só Chronista sincero e talentoso
Como era o bom Froissart póde contal-o.
Lá andou elle, preoccupado sempre
Em narrar aos vindouros os successos
Do triumphal encontro dos monarchas,
Que entre as duas Nações a Paz celebram,
Trégua final da Guerra dos Cem annos.

II

Quem sabe, acaso, se é a Paz estavel?

Com o Tratado que a assegura firme,
Foi tambem assignado o casamento
Do joven rei Ricardo de Inglaterra
Com Isabel, princeza infantil, filha
Do rei de França.
A benção do Arcebispo
De Cantorbéry em Calais os une.

III

Já na Sala estrellada o Rei sentado
No solio está, da côrte recebendo
Mil felicitações dos Duques, Condes,
Das gentis damas. Bem feliz regresso!
Entre os presentes, notam-se os dois tios
Do soberano, o Duque de Glocéster,
E o de Lencastre, a quem sorrindo abraça,
Com effusão: á côrte participa
Do casamento a venturosa nova.

Entre applausos, malicioso exclama
N'um francez culto, usual em toda a côrte
Desde a conquista antiga dos Normandos,
O Duque de Glocester:

— Senhor! déstes
Frisante exemplo de prudencia e tino,
Desposando Princeza de sete annos,
Na edade toda de pureza estreme!
Ah, por certo, esse meio é o mais seguro
De colher uma flôr incomparavel,
A edênica flôr da virgindade,
Em época como esta, quando as Damas
Da mais alta linhagem fazem gala
De delirante e audaz desenvoltura,
Tornando-nos odiosos os costumes
Da outr'ora celebrada Côrte ingleza.

Logo o Duque de Yorck, de atrevido
Sólta um remoque sobre o mesmo assumpto:

— Tambem os casamentos prematuros
Vantagens trazem; dão ás vezes tempo
De se fazerem dois ou mais divorcios,
Succedendo-se em séries os maridos.

O Rei sorriu-se, e alguns dos cavalleiros.

Certas Damas córaram despeitadas...
Assim, a formosissima Joanna,
Mãe do monarcha, que em primeiras nupcias
De Salisbury o Conde desposara;
Desquitando-se d'este, a Thomas Holland
Depois se consorciou, para deixal-o
Por sua vez, e a final casando
Com o glorioso Principe de Galles,
O da negra armadura, o cavalleiro
Mais apôsto e gentil da christandade,

O Justador mais firme e destemido
De quantos florearam lança e espada.
Ao lado da Rainha mãe, ainda
Do povo pelo nome conhecida
Da Donzella de Kent, alli se achava
A galante, graciosa e seductora
Isabel de Lencastre, filha excelsa
Do Duque João de Gaunt; pela face
Espalha-se uma sombra de despeito
As acerbas palavras escutando,
Que ferem tanto o seu orgulho altivo.
Ella fôra tambem casada outr'ora
Com o Conde de Penbroke, e desquitou-se;
Ao Conde de Huntingden se consorcia,
Talvez sonhando em convolar de novo
Para a surpreza das terceiras nupcias.

IV

Na fausta recepção da Côrte ingleza
Katterina Bonet, sempre formosa,
Brilhava alli tambem; — antiga amante
Do Duque de Lencastre, ainda ha pouco
Por sua esposa o Duque a recebera!
O Rei Ricardo o casamento approva
Do poderoso tio, firme apoio
Nos assaltos contra a soberania
De outros tios prepotentes, que o rodeiam;
Do magnanimo Duque de Lencastre
E Katterina os filhos legitíma,

Os quatro filhos de uns amores loucos
Que datam lá dos paços de Saboya,
De quando o Duque em tempo era casado
Com Branca, a encantadora prima sua.
Amores continuados ante a Infanta
De Pedro Cruel, Dona Constança, filha,
A orfã compassiva, que trouxera
O direito á Corôa de Castella.

Quando o povo em revolta lançou fogo
Ao palacio do Duque de Lencastre,
Vendo n'essa catastrophe um aviso
Dos céos, desposa a ardente Katterina
Com Sir Owen Swinford... Mas, quem pode
Vencer paixão fatal, irresistivel?
Katterina abandona o bom marido,
Ao palacio regressa, com pretexto
Da educação das duas filhas lindas
Do Duque, obsesso de uns amores loucos...

V

Em volta das tres Damas, a quem frios
Os acerados epigrammas ferem
De Glocester e Yorck, outras senhoras
Por melindradas da Estrellada Sala
Combinam de ausentar-se.

Malicioso
O Rei Ricardo, que sorria, intenta
Prolongar um tal lance; o Duque fita.

Comprehendeu-o Glocéster: lisongeando
Pela escolha da esposa de sete annos
O monarcha risonho, volve prompto:

— Accusações, não serei eu que as faça;
Não sobe a tanto o meu atrevimento!
O tribunal da Historia incorruptivel
Sentenceia severo e com clareza.
« Com clareza? E aonde ha Chronista ousado
Que as memorias indignas perpetúe!
Devolve o Duque de Lencastre inquieto.

Triumphante Glocéster respondia:
— Lêde o velho Chronista, o apaniguado
Do Solar vosso; do erudito Kuyghton
De Eventibus Angliae, obra eximia!

O Rei deu ordem logo, que trouxessem
Da sua bibliotheca o magno in-folio,
Pergaminaceo Codice encadeado.

O Conde de Arundel aproximou-se
Da marchetada estante; abre ao acaso,
Começa a lêr... com pasmo a Côrte escuta:

= Das mais altas linhagens, as Senhoras
Alarde fazem de desenvoltura!
Vestidas de homem, trajam com donaire
Cotas de seda com variadas côres;
Com cintos de ouro; levam na cabeça
Longos capuzes, que com garbo enrolam
Em fórma de turbante, andando armadas

De punhaes ponteagudos. Sofreando
Indomitos cavallos, imprevistas
Aventuras no seu capricho correm
Essas Damas inglezas, que acompanham,
Taes como ellas, mancebos desregrados...
Os matrimoniaes laços dissolvendo. =

VI

Fez Ricardo Segundo menção breve,
Que a pungente leitura se interrompa.
Alli, d'entre as Donzellas mais graciosas
Da côrte, uma se ergueu, quebra o silencio:

« Rei, Senhor! Nós pedimos-vos justiça
Contra este aggravo estólido, flagrante,
Pelas leis santas da Cavalleria!

O Rei voltou-se para os circumstantes:

— As palavras da Chronica, que ouvistes
Dos *Eventibus Angliae*, facilmente
Poderão apagar-se! De que serve
Pelo Poder real mandar trancal-as,
Taes palavras, se d'ellas convencidos
Se mostrarem diversos Cavalleiros?

Perplexos todos, falla uma outra Dama:

« Vós, Senhor! perguntae n'este momento,
Para nós bem solemne e angustioso,
Se os Cavalleiros, que presentes vêmos,
Convencidos confirmam o sentido
Das iniquas e estupidas palavras!

A pergunta formúla o Rei Ricardo.

No mesmo instante doze Cavalleiros
Estenderam as dextras para o livro,
Que estava franco sobre a estante aberto!

Sob a impressão de attonita surpreza
A Côrte inteira fica. Com amargo
Sorriso, o Rei Ricardo olhou em volta,
E com serenidade imperturbavel
Ergueu a voz:

— Está o campo aberto
Para quem d'estas Damas aggravadas
Por paladino appresentar-se entenda!

Do seu logar nenhum dos Cavalleiros
Deu um passo. O silencio gela o sangue!
A estupefacção geral comprime
Os corações sob emoção tremenda.

VII

Com generosa e intrepida linguagem,
Tranquillo o Rei Ricardo proseguia:

— Aqui, presente está um Cavalleiro,
Da Inglaterra o mais intemerato;
O que mais longe tem levado a fama
Das valentias suas e proêzas.
Vêde o preclaro Duque de Lencastre!
Sir João de Gaunt, que é o quarto filho
Do rei magnifico o terceiro Eduardo.
Ninguem, como elle, sabe das leis de honra,
E da Cavalleria as questões graves
Resolver com aprazimento e acerto!
Seu proprio pae o armára cavalleiro;
Quando tenra criança andou nas guerras
Entre Inglaterra e França, floreando
Desde Calais até Bordéus as armas!
Elle tambem se achou longe, em Castella
Capitaneando indomito a vanguarda
Na terrivel batalha de Najarra,
Que ao despojado Rei repoz no solio.
E quando de Trastámara o Bastardo
Ao desditoso irmão roubou o throno
Na derrota de Montiel, e o assassina
Por suas mãos indignas, fratricidas,
Mais outra vez o Duque de Lencastre
Mostrou-se o Cavalleiro incomparavel:
Do Rei assassinado, a delicada

A desvalida filha elle desposa;
Dona Constança, em breve falecida...
Ao Duque de Lencastre eu encarrego
Do protesto das aggravadas Damas...

Para os degráos do throno o Duque avança,
Do Rei, sobrinho caro, a mão beijando:

— No meu palacio de Saboya góso
O prazer da amoravel companhia
De dois claros espiritos, que me honram
Sendo meus commensaes: é Geoffroy Chaucer,
O primacial poeta de Inglaterra;
Micer Froissart, o principal Chronista
Da França illustre, e com certeza o julgo
Nas europêas côrtes o primeiro.
Sobre este delicado ponto eu quero
Conferir com taes sabios. Eu convido
Para um festim no paço de Saboya
As Damas e Donzellas resentidas,
Ámanhã...

« Muito bem! (Bradaram todos:)
Ahi, resoluções definitivas
Devem tomar-se...»

A Côrte applaude alegre
Do generoso Duque o pensamento.

VIII

Ao outro dia, sendo já sol alto,
Dos paços de Westminster, doze Damas
E Donzellas gentis de inclyta estirpe,
Descendo pela extensa escadaria
Que dá sobre o Tamisa, sorridentes
Em um dourado bergantim entraram;
Rio acima, lá vão arrebatadas
Ao impulso de impavidos remeiros,
Desfraldada a bandeira de Inglaterra.

Entre as galantes damas se destacam
Pela belleza e graça incomparavel,
Egberte, como a ondina do nevoeiro;
Ao lado, mais do que uma rosa fresca
Na rórida alvorada, brilha Ethwalda!
Que diaphana alvura alabastrina
Tem Adhelm, vencendo a propria neve!
Para que repetir agora os nomes
Das sylphides que encantam? certo, a barca
Açafate de flôres parecia
Fluctuando ao som de agua pelo rio.
E rio acima, ao longo do Tamisa
Pelas auras primaveraes levado,
Era o baixel sagrado da Theoria
Dos mysterios do Amor...
Então, de longe
Se avistam, negrejando no horisonte,
Os sumptuosos paços de Saboya,
Solar do excelso Duque de Lencastre.

Na superficie nítida das aguas
O estandarte real roçava ao leve,
Ostentando bordado a fios de ouro
De Inglaterra o Leopardo, emblema altivo.

Um menestrel á prôa vae cantando
Lai vehemente, que as virações decóram,
E os remos em compasso cadenceiam:

Pensamento
Indeciso
Do momento
Que se gosa,
No perfume
De uma rosa
Vagamente
Se resume,
Pois suggere
E provoca
De repente
Um sorriso
Sobre a bocca
Da mulher.

*

Um sorriso...
Da belleza
Pura norma
Não se finge,
Casto emblema
Da visão
Sem egual;

Mas o Poeta
O transforma
Na expressão
De um Poema,
Em que attinge
Com surpreza
O Ideal.

*

D'esse Poema
Tira o povo
Cantar novo,
Vivo thema!
Mas ignora
Quem o fez;
Na voz solta
Que resume
O perfume,
Riso e verso,
D'essa hora
Fugidia,
Tudo volta
A' energia
Do universo
Outra vez.

IX

Sobre o eirado do palacio, o Duque
Com o bom poeta Chaucer, velho amigo,
Com uma irmã da esbelta Katterina
Agora consorciado, conversava;
O chronista Froissart, embevecido
Na perspectiva das correntes aguas,
Avista ao longe o bergantim soberbo,
Que traz da Côrte as Damas e as Donzellas.

Desde o palacio até ao rio se estendem,
Revestindo os degráos do desembarque,
Peças extensas de veludo rubro.
O Duque avança a receber as Damas,
Dando a mão, cada uma salta em terra
Com gentileza em tudo inimitavel.
Katterina, a duqueza, e antiga amante,
Na sala do docel aguarda-as leda,
E ao som dos estridentes instrumentos
Que os menestreis embocam, entre todas
Trocam-se affaveis saudações e beijos.

X

Do matinal banquete se annuncia
A hora: uma corneta retroando
Pelas arcadas vastas do palacio,
O toque de agua ás mãos reconheceram.

Eis numerosos pagens vêm ligeiros
Com jarros e gomis de prata fina,
Alvas toalhas, com agua perfumada
De rosa e de jasmim em refulgentes
Bacias de um lavrado e rico argento.

Para o Tinnel, a sala apparatosa
Do jantar se dirigem os convivas;
O Seneschal aponta-lhes logares.
Mesa extensa, massiça, de carvalho
Se estendia por toda essa ampla quadra
Ladrilhada de marmores lustrosos,
Juncada de alecrim, de madresilva;
Tapeçarias bellas de paizagens
Com caçadas, torneios e paradas
Revestem as paredes sumptuosas.
Debaixo de um docel bordado a ouro
De carmineo setim o espaldar vê-se
Que o Duque cede ao Rei quando o visita.

Já são servidos os primeiros pratos:
Vêm quartos de veado, um gamo inteiro,
Vitella, pombos, lebres e cabrito,
E pastellões dourados, entre flores.
É rigorosa a ordem dos serviços!
Em vez do *Entre-mets*, que é do costume,
Em attenção ás Damas, manda o Duque
Que o Menestrel, que as acompanha, cante
A soláo, sobre a tiorba Aria de Côrte.

Olhou em roda o Menestrel, descobre
De Katterina quasi á flôr dos labios
Fugaz sorriso... e toma-o por thema:

Soláo

Quando por tardes de agosto,
A lisa face do lago
Estremece ao leve affago
De subtil, tépida aragem,
Do halito imperceptivel
D'essa brisa
Que desliza,
Reflecte a ignota passagem.

Tambem no suave rosto
O sorriso indefinivel,
Nos labios esbóça a imagem
De um instantaneo momento,
Revelando, em magoa e gosto,
O sorriso
Indeciso,
Fugitivo pensamento.

Breve se apaga á flor de agua
Da fagueira viração
Alado, trémulo beijo;
E o sorriso... expressão
De intima e occulta magoa,
Mudo fica,
Mas indica
A anciedade de um desejo.

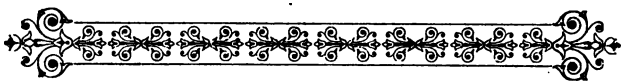
—

Chaucer olhou para Froissart, que entende
Bastante de Poesia, embora a Historia
Seja a fórma que mais o encanta e absorve;
Disse-lhe breve:
— O Menestrel conhece
Da Aria de Côrte a estructura bella;
Notae como ella tem as tres estrophes,
A *fronte* e a *sirimia*, apoz a *coda*,
Suggerindo a expressão da melodia.

Froissart applaude; o Duque, que os escuta,
Ao Menestrel entrega a barjoleta
Que traz á cinta atarracada de ouro,
Benevolente e mesmo lisongeado
Por que a Canção visara Katterina.
A uma voz, frautistas, tangedores,
Bradam: — *Largesse!* Ordena logo o Duque
Que lhes dêem duzentos nobres de ouro,
Correspondendo ao grito de *Largesse!*

Segue o banquete: Um javalí fingido
Feito de crême; as trémulas gelêas,
Brancas, vermelhas; queijos, doces, vinhos,
Com profusão! Os pagens vêm em roda
As toalhas trocando e enchendo as taças.
Ao ár erguem-se emphaticas saúdes!

O convivio desfaz-se, e vão das mesas
Para a Sala do Paramento, aonde
São servidos licôres exquisitos,
Aromaticos vinhos capitosos,
Ao som dos Lais dos Menestreis antigos,
Arias de Côrte e deslumbrantes Córos.



I

PARA a Sala do Consistorio, a sala
Circular, de espaldares guarnecida,
Reservada a conselho, entrava o Duque,
Vem ladeado por todos os convivas.
Era alli, que o motivo que trouxera
Da Côrte ingleza as delicadas Damas
Ao palacio opulento de Saboya,
Devia ser tratado. Deslumbradas
As donairosas Damas contemplavam
Vastos Pannos de Arraz, que estão pendentes
Nas paredes; solícitas inquirem
As historias, o intuito das figuras?

Um quadro lindo e immenso representa
A Côrte de Warthburgo, na Allemanha,
Quando a bella Sophia, já viuva
Do Margrave, que um Poema encommendara
A Eschembach, dá a Corôa de ouro,
No afamado Torneio dos Poetas.

Chamou-se alli um Bardo do palacio
Para explicar o quadro. O Bardo narra,
Apontando cada uma das figuras:

— Quando a bella Sophia
Entregar alegre ia
A Eschembach uma Corôa de ouro,
Triste, o poeta exclama:

« Eu não mereço ainda um tal thesouro!
E da mão da alta Dama!
Hermann, o Landgrave, o vosso Esposo,
Pediu-me que, em repouso
Eu, poeta inculto que seduz a fama,
Compuzesse um Poema
Sobre o Santo Graal...
Cortou a morte o generoso estemma
De Hermann, do Cavalleiro sem rival,
Que amou tanto a Poesia...
.....
Ah, desde o amargo dia
Trago em silencio n'alma o Poema ideal,
Aquelle Poema, que elle me pedia!
Prometteu-me Hermann a Corôa de ouro,
Que elle mandou fazer, e em premio dar-me,
Mas... doloroso agouro!
Não chegou a escutar o anciado carme
Que eu fiz para servil-o!... »

Todos, notando aquillo,
Todos se aproximaram para ouvil-o
Em piedoso alarme,
E n'um intimo encanto,
Como um celeste, indefinivel trilo.

Solta Eschembach o delicioso Canto.

E quando elle termina
A estrophe divina
Do Poema apaixonado,
Sophia, a excelsa, desce do estrado,
Corôa rica de ouro
Vem pôr-lhe na cabeça:

« — Oh Poeta! eu cumpro de Hermann a promessa,
Quem ha, que mais que tu tanto a mereça?
Tradição talismânica
De tremebundo agouro,
Dos Niebelungens material Thezouro,
Fonte de odios, vinganças e de crimes,
Tu, na alma germanica
Com teus versos sublimes
Substituiste pelo Sonho lindo
Da espiritual Taça
Do Amor puro, da Graça,
Da Esperança e do Desejo infindo,
O Santo Graal, que as nações congrassa.» —

II

Dos dois lados da sala estão suspensos
Mais dois Pannos de Arraz, representando
Em figuras, ao vivo e com relêvo,
O argumento de inimitaveis Poemas,
Alludindo ao segredo nos conselhos
N'esta Sala do Consistorio imposto.

De um lado vê-se PERCIVAL ERRANTE
Affrontando mil provações tremendas,
Por que não inquirira do sentido
Da mysteriosa Taça, nem da Lança
Que do Rei Peccador vêm á presença.
Não poz termo ao atroz padecimento,
Por que não devassara um tal segredo!

O PERDÃO DE LOHENGRIN, do outro lado
Da sala está; ostenta com assombro
A scena da aventura surprehendente
Do Cavalleiro do San Graal bem vindo,
Que de uma accusação iniqua salva
A mesquinha Donzella desditosa,
Por quem se apaixonou e a quem se entrega!
Soffre Lohengrin de tanto amor a ruina,
Perde a missão divina de Templista,
Porque Elsa o obriga a revelar-lhe um dia
Do Montsalvat o mystico segredo.

Pasmavam todos contemplando os casos,
Dos Segredos a estranha antinomia!
A Chaucer pedem com fervor as Damas
Que explique de Eschembach o pensamento,
O que exprime o conjuncto das figuras?

III

PERCIVAL ERRANTE

Ingenua, alegre, a criança
Correndo por monte e val,
Nunca de brincar se cansa,
Desconhece todo o mal.
Quem n'aquella meiga edade
Terá mais docilidade,
Tanta innocencia e candura?
Oh, santa simplicidade,
Que o vulgo chama loucura!
Com que anciada esperança
A mãe, viuva em amargura,
Se via no unico filho!
E afastal-o procura
Das armas ao fero brilho.

Correndo por valle e monte,
Aquella criança leda,
Viu surgirem no horisonte
Transpondo a extensa alameda,
Tres audazes Cavalleiros;
E seguindo á desfilada,
Mais do que o tufão ligeiros,
Pararam, prompto, na estrada
Vendo o gracioso Donzel;
E assim dirigem-se a elle:

— Como é teu nome? O teu nome!
Moço gentil, sem rival? —
Sem que elle á pergunta tome
Tenção occulta, responde:
« Eu, chamo-me *Percival.*»

No olhar dos tres Cavalleiros
A surpreza não se esconde;
Sorrindo-se prazenteiros
Para a ingenua criança,
Entre-olham-se com espanto,
Como quem rasgava o manto
De impenetravel mysterio,
Presentindo uma esperança!
Exclamam em phrase mansa,
Tomando um aspecto sério:

— Percival! tu não conheces
O segredo do teu nome? —
« Eu, não! Minha mãe, em preces.
De tristeza se consome
Quando o meu nome profere...»
— Presente a pobre mulher,
Que um dia da Ordem Santa
A alta Lei o filho encanta;
Fama terá, gloria tanta,
Quanto mais soffrer podér.—

Tocando-lhe com a lança,
Que suscita um nobre fogo,
Os tres Cavalleiros logo
Disseram para a criança:

— Oh Percival! *Per-suyval*,
Pois tens a pureza, a graça
Da candura virginal,
Teu nome exprime o ideal
De *Companheiro da Taça!*...
A Taça de Ouro procura!
Eis teu destino e ventura. —

De revelar mais temendo,
E o moço nada entendendo,
Partiram á desfilada,
Deixando-o a sós na estrada,
Enleiado n'um receio
De incerteza e devaneio.
Era já noite fechada,
Para junto da mãe veiu.

*

Anciosa a mãe o espera:
Na viuvez desolada,
Percival, Percival era
A luz da sua alvorada,
Extincta como a chiméra
De uma ventura passada.
Quando o filho a casa chega,
A mãe de lagrimas cega
Beijou-o, com que ternura!
Elle contou-lhe a aventura
D'aquelles tres Cavalleiros,
Que desfilaram ligeiros.
Uma tristeza profunda
Dá-lhe o inesperado evento;
Nas suas magoas abunda
Dorido presentimento:

= Percival! Percival, pensa
Em quanto o seu nome encerra!
Quererá por valle e serra
Buscar torneios e guerra,
Alcançar a gloria immensa
Da mysteriosa sentença. =

A mãe afflicta se aterra!

*

Percival um dia exclama:
« Quem este nome me deu
Revelou-me o meu destino:
Por Cavalleiro do Céo
A' Ordem Santa me chama,
A' busca do Ideal divino.
Minha mocidade passa
N'esta inerte soledade!
Eu quero a heroica irmandade
D'aquelles tres Cavalleiros;
Certo, são os Companheiros
Da occulta, mystica Taça! »

Quem á vocação resiste?
A mãe, desolada e triste,
Responde-lhe:

= Filho! vae;
Na guerra morreu teu pae;
Morreram teus seis irmãos
Entrando em torneios vãos!
Tu, filho, só restas hoje;
E este consolo me foje!

Fatal *curiosidade*
Te leva a embraçar o escudo,
Na tua simplicidade
Buscando a heroica Irmandade
Dos Companheiros da Taça! =

Percival o escudo embraça,
Destemido brande a lança,
E resoluto se lança
Na generosa aventura;
Mas, na sentida lembrança
Traz a mãe, com que ternura!

*

Segue por montes e valles,
Fascinado por encanto;
De encontros, sustos, os males
Como outrem não sente tanto.
Na pureza de sua alma,
Desconhecendo os perigos,
A esperança o acalma,
Applaca-lhe os inimigos.
Passa por despenhadeiros,
E por sombrias florestas,
Por covas soturnas, mestas,
Por vendavaes e aguaceiros,
E nada, nada embaraça
O Companheiro da Taça.
Este o poder do seu nome!
Não sente o frio, nem a fome!

N'este santo desvario
De que Percival acorda,
Deu por si junto da borda
De caudal, sinuoso rio,
Onde um Castello se erguia
Sobre bronca penedia.

Tocou na eburnea trombeta,
Que resôa em todo o ambiente;
Eis que desceu de repente
Uma ponte levadiça.
Era da aventura a meta?
Um cêsto á quadrella o iça...

Percival entrou lá dentro;
Guardavam-se ahi no centro
Thesouros amontoados,
Incalculaveis, fechados!
Vieram muitos creados,
Muitos pagens nobres, damas
Formando um cortejo lindo;
E logo á entrada da sala,
Junto de um brazeiro em chammas
Um velho diz-lhe: — Bem vindo! —
E sentencioso assim falla:

— Bem vindo sim, Cavalleiro!
Mandou-te Deus, mensageiro,
Aqui a este Castello;
E foste tu o primeiro
Que soube quebrar o élo
Que este solar defende
Ao que entrar n'elle pretende...

Percival saudou logo
Esse velho venerando
Que estava junto do fogo;
Pasmado ficou, notando
Sua inclyta pessoa,
Na cabeça uma corôa,
Com que magestade augusta!
Expressão serena e boa!
Do que vê nada o assusta:
Percival viu de mais perto
Sobre o peito descoberto
Do Rei ancião uma chaga,
Que em dôr de suór o alaga!
Ficou do que viu incerto.
O estranho caso o abala.

A um gesto do Rei, na sala
Entraram com confiança
Dous Pagens com uma *Lança,*
De que ainda o sangue escorre!
Como em anceio mortal
No olhar mudo recorre
O Rei para Percival.
Nada ao Cavalleiro occorre,
A não ser da mãe o aviso.

Mas com amargo sorriso,
Com rosto sombrio, mesto,
Fez o Rei um novo gesto,
Tolhe-lhe a agonia a falla!
Entraram logo na sala
Duas galantes Donzellas,
Que era um assombro vêl-as;
Tranças de cabello louro

Cahindo em flócos hombros;
E no maior dos assombros
Trazem uma *Taça de Ouro*,
Um impagavel Thesouro,
De brilho tal, refulgente
Que illumina o vasto ambiente.
Pararam do Rei em frente,
Que de vêl-a se conforta,
E a expressão semi-morta
Torna-se altiva, ridente!
Os pagens e as Donzellas
Demoraram-se na sala,
E nada o espanto eguala
De Percival, que se cala!

Como que dilacerado
Por incognito veneno,
O Rei triste e desolado,
Como o que soffre um desdouro,
Mandou por um leve aceno
Que levem a bom recado
A *Lança* e a *Taça de Ouro*.

Percival ao outro dia
Do Castello se partia
Sem inquirir tal mysterio;
Ao velho Rei a mão beija
Como a um santo de egreja,
Porque o seu rosto cingia
Uma auréola de imperio.

Mal tinha andado uns cem passos,
Que retrôa nos espaços
Tenebrosa tempestade!
Some-se o Castello ao perto,
E por sáfaro deserto
De rochas alcantiladas
Galga com temeridade;
Por balsas emmaranhadas,
Através das saraivadas
De insistente vendaval,
Caminhava Percival.

Quando tanto azar affronta,
Sobre uma alta fraga encontra
Sentada lugente Dama,
Que em tamanha soledade
Alli por seu nome o chama.
Sentindo intima saudade,
Então lhe acode á lembrança
Sua mãe, que elle deixara
Viuva, sem esperança!...
Logo na carreira pára:
«Talvez morta esteja agora?...»

Fallou-lhe a flebil Senhora:

— Pelo caminho que levas,
Cavalleiro, em tantas trévas,
Vens do Solar que se chama
Castello das Maravilhas.
(Prosegue a chorosa Dama)
Pois á dôr tanto te humilhas,

Mal sabes, tiveste a posse
Das mil venturas do mundo;
Tudo era teu, se não fosse
O teu silencio infecundo,
Que lá te fez perder tudo!
Quando ante a *Lança* e a *Taça*
Te deixaste ficar mudo.
Já que tiveste piedade
Da pobre de tua mãe
Morta em tanta soledade,
E que á lembrança te vem;
Dir-te-hei como acontece
Que tornes a encontrar esse
Castello das Maravilhas,
Com sèus thesouros de bem:
Depende não só do heroismo,
Pois transpondo todo o abysmo
Lá chegarás com valor:
O velho Rei Peccador
Do Graal a posse ineffavel
Tem, que quasi o divinisa;
Mas soffre *Chaga insanavel*,
Que por nada cicatrisa,
Se não, quando um dia, ao diante
Vindo Cavalleiro errante
Áquelle ignoto Castello,
Pergunte o que representa
Á ideia a *Lança sangrenta*,
E o sentido deslumbrante
Do Symbolo santo e bello
Da *Taça de Ouro* sublime,
Que da lei da morte exime.
Por os abrolhos que trilhas,
Quando por fim tu chegares
Ao Castell' das Maravilhas,

Recorda tantos pezares,
Por não fazer ao Rei velho
Uma esperada pergunta!
Guarda bem este conselho
Dado com verdade muita:
Dos dois Symbolos sagrados
Ninguem o véo descobriu,
E esse velho Rei teu tio
Dôa-t'os como legados.
Isto posso revelar-te. —

*

A Dama chorosa parte,
Na nevoa desapparece;
Percival mais dôr padece
Por esse escalvado cerro,
Lembrando o passado erro.
Os olhos enchem-se de agua
Quando á memoria lhe vem
A imagem de sua mãe,
Morta de saudosa mágoa.
Corre por invios atalhos,
Affrontando mil trabalhos
Com fervorosa esperança...
Quando ao longe os olhos lança
Viu por uns desfiladeiros
Surgirem tres Cavalleiros,
Que de prompto se approximam;
Sorrindo, alegres o animam,
E fallam-lhe já ao perto!
Tem reminiscencia vaga
D'aquelles rostos, por certo,
D'aquella luz que o embriaga
Desde a sua meninice!

Com vehemente ardor um disse,
Com voz de suave harmonia:

— Eu sou a expressão do AMOR,
Aquelle ethereo calor
Que nas almas inicia
Ineffavel bem celeste,
No pantano de odio e peste
Da triste vida terrena;
Sempre caminha sem pena
Quem tem em si tal motor! —

O segundo Cavalleiro
Com sorriso franco e austero,
Exclama:

— Mostrar-te quero
Sobre meu peito o letreiro...
Vê quem sou...
(E leu HONOR!)
Esta é a rubra flor,
Premio de todas as dores
Que soffrem mantenedores
Da Verdade e da Justiça. —

E como o que entra na liça
Radiante e prasenteiro,
Falla o outro Cavalleiro
Destemido e sem rancor:

— Eu symboliso o VALOR,
A firmeza intemerata
Do que salva a liberdade,
Do que a fraqueza redime
Do escuro è insondavel crime,
Da violenta iniquidade! —

E cada abraço lhe exprime:

= É cumprido hoje o destino
Que em teu nome se contém;
Percival, comnosco vem
Ao templo do Graal divino!
Da Dôr, da Morte o resgate
Terás no Monte Salvat. =

D'ali partiu Percival
Co'os Companheiros do Graal
Á visão pura e ideal.

IV

Chaucer assim descreve a immensa tela
Que se anima ante os olhos, que palpita;
As Damas pasmam! commovidas pedem,
Insistem com o Poeta, que elucide
A situação grandiosa que contemplam:

« Do Rei, que á sombra está do roble antigo,
Do albinitente Cysne, que deslisa,
Da argentea barca o ignoto Cavalleiro,
Que a Dama vira em sonho, e na ancia invoca
Quando accusada, triste e sem defeza...
Oh, relatae-nos de Eschembach o Poema! »

Chaucer começa; era um encanto ouvil-o:

O PERDÃO DE LOHENGRIN

Sobre o selvatico Monte,
Que cérca espesso arvoredo,
Em volta infindo horisonte,
N'um mysterioso segredo,
Sem que olhar profano o affronte,
Ergue-se um Templo sublime
De indizivel magestade,
Sacrario da divindade,
Que da morte e dôr redime
Se entra ali a humanidade.

N'esse templo sacrosanto
O Santo Graal é guardado;
Mas, todo fulgor e espanto,
Á vista mortal vedado,
Por surprehendente encanto
Só Cavalleiros venustos,
Que passaram pela terra
Fazendo continua guerra
Contra tyrannos injustos,
Guardam o Templo que o encerra.

Como uma nuvem que passa
Do sol o clarão offusca,
Ao Graal, a mystica Taça,
Uma sombra opaca, brusca
De subito o brilho embaça!
Aviso da Providencia?...
Percival, ante esse evento
Diz, vendo a estranha apparencia:
— É victima a innocencia
No mundo, n'este momento!

Por certo, grande injustiça,
Alguma enorme desgraça
N'esta hora aziaga se passa,
Sem ter quem entre na liça
Contra o crime audaz que a ameaça!
Um de vós, oh Cavalleiros,
Que guardaes o Santo Graal,
Vá combater esse mal,
Por mares, desfiladeiros,
Por mando de Percival! —

Os Paladinos presentes
Exclamaram com tristeza:
«Accusada por parentes
É uma joven Princeza!
Em seu rancor, impudentes,
Clamam: Que o irmão matara,
Para herdar do irmão o throno!
Ella, em tamanho abandono
Nenhum defensor depára...
Erma de apoio e abono.

Que um de nós marche, de prompto
Em defeza da innocencia,
E contra a brutal violencia
Da firme lança erga o conto,
Dando á Justiça evidencia!»
Entre-olhando-se ali todos,
Reconheceram Lohengrin,
O virginal Paladim
A quem compete por modos
Ao odio, ao crime pôr fim!

Que marche! Lohengrin agora,
O filho de Percival,
O mais novo do San Graal,
Vae por selvas, mar em fóra,
Longe, impedir este mal!
No mesmo instante apparece
Um Cysne de alva plumagem,
Trazendo do rio á margem
Batel, que de ouro parece,
Para a phantastica viagem!

Disse Percival ao filho,
No momento da partida:
— Á innocencia opprimida
Vae restituir todo o brilho,
N'uma missão bem cumprida!
Não olvides o San Graal!
Olha, que a afflicta donzella
Que vás defender é bella...
Por formosura mortal
Não troques fúlgida estrella!

Vae, e combate sereno;
O throno, que lhe pertence,
Dá-lh'o! Mas, a ti te vence,
Liberto do amor terreno!
De um castigo te convence:
Por lá, se tu te cativas
Dos amores enganosos,
Do Santo Graal os arcânos
Ineffaveis tu te privas,
Soffrendo, errante, cem annos! —

Lohengrin parte ridente,
Pelo alvo Cysne levado
Na barca de ouro fulgente,
E ao ultimo signal dado
Chega á liça de repente!
Enorme o assombro, a surpreza!
Denodado entra na liça
Que a abjecção covarde atiça;
Da desolada Princeza
Vem defender a justiça!

Elsa, a que gemia afflicta,
Vendo o esbelto Cavalleiro:
« Na angustia mortal, que dita!
Eil-o, o meu sonho primeiro,
Em que ha tanto a alma acredita!
Com elle eu tenho sonhado;
Quando ninguem respondia,
Não me faltou, por que eu cria!
Tinha n'elle confiado
No transe atroz da agonia.»

Lohengrin entra na arena;
Que gentileza e pujança!
Com valentia serena,
Ao primeiro golpe lança
Por terra o vil, que sem pena,
De um fratricidio nefando
A orfã Princeza infama!
Logo a innocencia se acclama!
Tudo exulta alegre... quando
Lohengrin sente que a ama.

Do triumpho n'esse instante,
Sem que ninguem o empeça,
A Corôa de Brabante
Pede ao Rei, e na cabeça
De Elsa a impoz, como amante!
N'este rapido momento,
Tocando os macios cabellos,
O casto effluvio, que anhelos
Lhe acorda no pensamento!
Já sonha beijal-os, tel-os.

Do goso sente o delirio
Vendo-lhe o offegante seio;
Não se lembra do martyrio
A que o leva o devaneio
De aspirar terreno lirio!
Já dos arcanos se esquece
Que ha no selvatico Monte,
Do Santo Graal perde a fonte,
E o Cysne desapparece
Sumindo-se no horisonte.

Que Lohengrin ora pertença
Á vida terrestre, escura;
Mas o amor de Elsa compensa
Do Santo Graal por ventura,
A perda tacita, immensa?
Ah! saberá a Donzella
Corresponder a tal fogo?
Beijando a mão de Elsa, logo
Ao Rei pediu a mão d'ella;
O Rei attendeu ao rogo.

No amplexo do noivado,
No silencio do seu quarto,
Elsa diz: — « Oh meu amado!
De te vêr nunca me farto;
Ês quem eu tinha sonhado.
Nos meus sonhos de ventura
A tua visão fluctúa;
E á luz pallida da lua,
Eu, mesquinha creatura,
Só posso dizer: sou tua!

« Se tens n'alma algum desejo,
Que te causa angustia e pena,
Pois que assim triste te vejo,
Oh meu doce esposo, ordena;
Por obedecer-te almejo.»
N'um delicioso excesso
Tomando-lhe as mãos nas suas:
— Pois tanto amor me insinuas,
Só duas cousas te peço,
E é bem pouco... só duas! —

« Em mim manda! » — Ah, nunca inquiras
Quem eu sou! nem d'onde hei vindo!
Porque o sonho em que deliras,
Este aério sonho lindo
Breve se torna em mentiras! —
Aterrecida fica Elsa;
Promette, embora lhe custe
Cumprir tal vontade e ajuste;
Fitando a belleza excelsa
Do esposo... crê mago embuste...

No olhar d'Elsa a incerteza
Sente Lohengrin n'esse instante;
E que insondavel tristeza
Vendo a resposta hesitante,
Sem a candida affoiteza!
Exora com anciedade,
Firme, á esposa repetindo:
— Quem eu sou? nem d'onde hei vindo?
Que importa á felicidade
D'este sonho aério, lindo?

« Felicidade? E ha ventura
No que é para mim mysterio?
Como posso achar doçura
N'um sonho indeciso, aério,
N'uma miragem escura?
Como viver n'este sonho
De amor, se tanto desejas
Que eu ignore quem tu sejas?
Quando o noivado risonho
Excita as negras invejas? »

Como ferido de morte
Sem Lohengrin saber aonde,
Por que mais a dôr supporte,
Triste as lagrimas esconde;
Responde-lhe d'esta sorte:
— Esposa, sempre querida,
Tens aqui á tua vista
Um Cavalleiro Templista,
Que jurou prostrar na lida
Quem contra a innocencia invista!

Manda o secreto Estatuto
Do Santo Graal, gloria immensa,
Que me bata resoluto
Sem esperar recompensa,
E fuja ao desejo bruto!
O teu amor para mim
Em premio e gloria o converto;
Não lamento o desconcerto,
Por pena o expia Lohengrin
Cem annos pelo deserto.

Do Templo, a que pertencia,
Sobre o selvatico Monte
É perdida a occulta via;
Ao Santo Graal, viva fonte,
Nenhuma luz lá me guia!
Não poderei por meu mal,
Sem que soffra dôr mais dura,
Tornar a vêr a luz pura,
Fulgor do Santo Graal
Que immortal faz a creatura.

Julgaste que eram enganos
Com que tanto amor mantinha;
Do Santo Graal os arcanos
Guardando, eu assim detinha
A expiação de cem annos! —
Olhando com amargura
Para a noiva, entrega o annel
Que Elsa trocara com elle,
E pela floresta escura
Seguiu errante o donzel.

Não lhe custava o tormento
De lacerar-se por tojos;
Investe a furia do vento,
Vae por barrancaes de rojos,
Immerso em um pensamento.
A lembrança dolorida
Que mais o punge e tortura,
É esse alvor de ventura
Que transluzira na vida,
Flor extincta, prematura!

Esse immenso amor sentido,
Aquella morta esperança,
Um, por mal comprehendido,
Outra, por desconfiança,
Tudo, tão cedo, perdido!
E vae ao rumor das aguas
Seguindo a margem do rio,
Deplorando o desvario
De tanto amor? tantas magoas?
Não! mas a fé que mentiu.

*

Juntos estão, no entretanto
Sobre o selvatico Monte
Os Cavalleiros, que o Santo
Graal guardam, com a fronte
N'uma auréola de encanto:
=Lohengrin vaga perdido
Pelo mundo em desatino,
Sem saber o seu destino,
Por ter na alma substituido
O amor terreno ao divino.

Não sabe os passos que leva;
Bem certo é que o seu castigo
Por lá na mundana tréva,
Sem achar conforto e abrigo,
Só com cem annos se céva!
Mentiu-lhe amorosa falla,
Como as pérfidas sirenas,
Entre as miserias terrenas!
Mas que outra dôr esta eguala?
Vale um seculo de penas! =

Obumbrado o Graal santo,
Fulgiu com intensidade!
Os Templistas com espanto
Da divinal claridade,
Mandam que, ligeiro quanto
Pode o alvo Cysne, corra
Rio abaixo, e traga preste
O Cavalleiro celeste,
Lohengrin, e o soccorra
Em um flagicio como este.

O Cysne chegou no instante
Em que Elsa procura o esposo;
Perdão pede ella anhelante,
Sem na dôr achar repouso,
Exânime, agonisante!
Lohengrin, de um amor louco
Sorrindo com piedade,
Perdôa-lhe por bondade,
Perdendo-se pouco a pouco
Pelo azul da immensidade.

V

Olhos fitos no commovente quadro,
Foi grande o encanto ouvindo a estranha historia,
Il bel sogno d'amore...
D'entre as Damas
A gentil Ethwalda, com ternura
Em lagrimas banhada, desmaiara!
Solicitas lhe accodem, a confortam;
Volta a si, e interrogada explica
A commoção d'aquella intima angustia:

« Eu bem presinto, que serei como Elsa!
No dia do Torneio, sem defeza
Me encontrarei talvez!... Se o Cavalleiro
Por ventura vier... poderá dar-me
O seu amor?... Opprime-me o futuro.

Entre carinhos, mimos e sorrisos
A graciosa Ethwalda se reanima:
E assentados nos ricos espaldares
Grave fallou o Duque de Lencastre:

— Eis-nos no assumpto, por casual ventura:
Pelo Rei de Inglaterra encarregado
Estou da alta missão, unica e bella,
De organisar o nobre desaggravo
Das offendidas Damas de sua Côrte,
Por allusões iniquas, não galantes!

Por experiencia propria reconheço
A inhibição de dirigir-me agora
A Cavalleiros nossos, aos inglezes
Bem celebres no mundo. Aqui presente
Está Froissart, o lucido Chronista
Que ha visitado Côrtes tantas, todas
Por essa culta Europa; elle nos póde
Informar, qual será n'este momento
O paiz, onde puro se conserve
Da Ordem Santa da Cavalleria
O puro ideal; a esse pediremos
Ousados e amorosos Paladinos.

«Duque e Senhor! (responde com respeito
O Chronista francez:) Vós, certamente
Conheceis que os successos temerosos
Do nosso tempo estão-nos revelando
Que a Ordem Santa da Cavalleria
Cae n'um desalentado paroxismo!
Substituem-na as Companhias brancas,
De Aventureiros, e de Salteadores,
Mercenarios, que vão de terra em terra
Servir as ambições de ignobeis causas...

Ali, d'entre os presentes Cavalleiros
Alguns por entre dentes rosnam; eram
Dos que andaram por Portugal e Hespanha.
Impassivel, Froissart cortez prosegue:

«Novo Poder no mundo hoje apparece:
A arraia-miuda, essa gentalha, — o Povo,
Que contra os Barões grita, dizendo isto
Que ouso aqui dizer-vos:

Aut liber aut servus,
Unus sumus in Christo!

Vós conhecestes esta onda humana,
Quando mais de cem mil, cegos de furia,
De Essex e de Kent nos Condados
Se alvorotaram; mais, quando irrompendo
Pela Ponte de Londres, arrombavam
As portas da Cidade! N'esse tempo
De Saboya o palacio foi queimado
Com todas as riquezas que continha,
Joias e indumentarias maravilhas!
E lá por França? Os *Maillotins* não vêmos,
Ante os quaes abandonam a cidade
De Paris o Preboste e o proprio Bispo,
E toda a Burguezia rica! Vêde
Tambem no Languedoc! Ahi mataram
Os *Tuchins* a Nobreza, só porque ella
Tem as mãos delicadas, brancas, finas!
Ah, se olharmos agora para a Italia,
Ahi vereis os *Ciompi* levantarem-se
Em Florença! Ora em Flandres já se insurgem
Os brancos *Chaperons*... Ah, Senhor, temo
Que exterminem do mundo a galhardia!
Um vento de revolta corre o mundo,
E alevanta da gleba estas poeiras!
Mas não se perdem justas esperanças:
Conheceis Portugal! N'aquella terra
Morrem de amor ainda os Cavalleiros;
E vós sabeis como o Amor é sempre
Vivo estimulo do Valor e da Honra!
Foi pelo amor, que um grupo de mancebos
A *Ala dos Namorados* constituindo,
Jurou salvar a Patria portugueza
Ante a invasão das hostes de Castella!
O heroico Amor centuplicou-lhe as forças;
Triumpharam na victoria incomparavel
No campo e matagaes de Aljubarrota.

Presentes aqui vêmos Cavalleiros
Que lá campearam n'esse grande dia;
Não me deixam mentir...

VI

Sorriam ledos
Os Capitães inglezes, que estiveram
Em Portugal, com suas Companhias
De Aventureiros, bravos, combatendo
Pelo Mestre de Aviz, do Povo o eleito:
Eram Reinaldo Cohham valoroso,
Cressyngham destemido, Elias Blithe;
Confirmam a palavra do Chronista,
Que d'esses feitos breves cousas narra.

Concluindo:

«Senhor! a vossa filha
A mais nova, Philippa encantadora,
Que eu conheci menina, está casada
Com o moço rei de Portugal; a ella
Vos dirigi; por intermedio e graça
Da soberana, é claro, se convidem
Os Doze Cavalleiros portuguezes,
Que alevantem o repto arremessado
Contra as inglezas Damas, que eu adoro.

VII

Ao Duque de Lencastre, luminoso
Pareceu de Froissart o pensamento!
Ergueu a taça, entretecendo um brinde
De Portugal ao sentimento heroico!
Todas as Damas, todas as Donzellas
Os perfumados cálices aos labios
Levam, roçando-os levemente. Pedem
A Froissart, que ao serão de hoje lhes conte
Da *Ala dos Namorados* o episodio,
Que a curiosidade extrema excita.

CANTO III

PATRIA E AMOR

I

Jorros de luz dos bronzeos lampadarios
Do palacio ducal pelas janellas
Em catadupas lucilantes fulgem.
Festões de flores pelo ár rescendem
Olorantes, ornando o salão vasto,
Onde retinem vibrações frementes
Dos menestreis nas sonorosas harpas.

Pela primeira vez, depois que extinctas
São as duas Duquezas, as donosas
Branca e Constança, que infeliz destino
Truncou na flórea edade, alli se via
Pela primeira vez representada
À côrte de Westminster, d'onde viera
Uma constellação de formosuras.
Dera o Rei permissão que o casamento
Do tio seu, do Duque de Lencastre
Com a mulher que tanto e sempre amára
Através de uma accidentada vida,
Se fizesse a final. A Côrte acata
A generosa outorga do monarcha,
Com distincção visita Katterina.

II

Repleta estava a apparatosa sala
De Damas, Capitães e Cavalleiros,
Quando chega a Froissart o Duque, e pede
Que pelo empenho em todos manifesto,
Da *Ala dos Namorados* conte a historia.

Na espontanea e genial simplicidade,
Sem se fazer rogadò, o bom Chronista
Assim narra a episodica façanha
Da liberdade de um heroico povo:

A ALA DOS NAMORADOS

Em Ourem está o exercito acampado.
No arraial de Dom João Primeiro
Um Cavalleiro lia ao Rei, pausado,
Gyron le Courtois, de um francez troveiro.
Mudo, esquecido, attento e enlevado
Em roda escuta cada Cavalleiro,
Sem se lembrar, n'um goso como este,
Do cêrco, das batalhas e da peste.

Absorvidos n'aquelle vivo lance
De uma intérmina e esplendorosa audacia,
Na leitura chegados são ao transe
Da selva... que *Gyron le Courtois* passe-a
A' desfilada, e em braços seus se lance
Meleane gentil; e assim salvasse-a
De um covarde e obscuro rapto ignobil
Pelo impulso de sobrehumano mobil.

Com denodo elle a salva da requesta!
Ia a Dama gracil sempre calada
Na amplidão solitaria da floresta,
E notando a espantosa desfilada,
A galhardia altiva e manifesta
Do Cavalleiro por quem foi salvada,
Pergunta:
« O que no mundo faz de prompto
Cavalleiro invencivel a tal ponto? »

E *Gyron le Courtois* volve:
— Em verdade,
Posso affirmar, Senhora, o Amor sómente
Tem o poder de influir heroicidade,
De elevar-nos além da vulgar gente!
Se da Santa Ordem tenho a dignidade
Sustentado com braço firme, e crente,
Foram minhas façanhas proclamadas
Todas pelo Amor puro suscitadas! —

Bruscamente interrompe-se a leitura
No lance do Poema mais brilhante.
Pávido mensageiro o Rei procura,
Terrivel nova chega n'esse instante:
=Vem do Rei de Castella a hoste dura
Talando Portugal por 'hi adiante;
O exercito sem numero, que timbra
De espalhar morte e ruina, chega a Coimbra!

Vem descendo, dirige-se a Leiria,
São mais de trinta mil os inimigos!
Em marcha ininterrupta noite e dia,
Lisboa ameaçam subitos perigos!=
Os animos pavor frio invadia;
Aonde deparar apoio, abrigos
Contra o ataque de esquadrões ingentes
Sete mil Portuguezes combatentes?

Como hão de fazer frente á enorme massa?
Só um milagre! Audaz o Condestavel
N'esse milagre crê; o escudo embraça,
Reune a sua vanguarda imperturbavel;
Quer do Rei castelhano erguer a ameaça
A' terra que ama, á Patria adoravel;
E esse intimo e vivo sentimento
Reduplica-lhe a força em tal momento.

E emquanto os mais prudentes conselheiros
A situação pondéram com clareza,
(Não inspira o perigo lisonjeiros,)
Considerando instavel a Realeza
Erecta em Coimbra em votos altaneiros,
A derrota prevêem sem surpreza!
Mem Rodrigues de Vasconcellos brama;
De *Gyron le Courtois* lembra-se, e exclama:

— Todos vós, Cavalleiros, que a ardentia
Do Amor com vosso sangue se coaduna,
Que a *Gyron* invencivel o fazia,
O Amor agora, um mesmo Amor nos una!
Hade o Amor inspirar-nos valentia;
Embora trinta mil homens reuna
O invasor, e se ria de nós poucos,
Venceremos, pois somos de amor loucos.

Realisando proezas sobrehumanas,
Faça cadą donzel ou namorado
Contra essas rudes hostes castelhanas,
Por seu Amor um Voto denodado:
Quebrantar as algemas vis, tyrannas
Unificando cada apaixonado
A Dama que tornou da alma senhora
Com a ditosa Patria que se adora! —

Em torno a Mem Rodrigues que assim falla,
De atrevidos Donzeis formou-se um troço;
Entregam-lhe o commando da nova Ala
Em que entra o que ha de apaixonado e moço!
Prendas que cada um em si traz, cala,
São divisas de indomito alvoroço!
Onde mór perigo ha, firmes postados
Os da *Ala* vereis *dos Namorados*.

Nun'Alvares commanda a Ala direita,
Mem Rodrigues a esquerda, e ambos crentes
N'um milagre do Amor, ninguem suspeita
D'onde surgem impulsos vehementes
Que a força bruta espanta e audaz sugeita
Dos castelhanos esquadrões frementes;
Avançando com a força em que confia
O Castelhano Rei sae de Leiria.

Eis de cem Cavalleiros escoltado
O Condestavel segue destemido
Para reconhecer cortina ou lado
De montes á passagem franca erguido:
Para o nascente é tudo um escampado
De duas leguas planas de comprido,
Sobre a varzea do Lena, logo nota,
Que ondula de Leiria a Aljubarrota.

Foi ahi que Nun'Alvares decide
Dar batalha, impedindo o Castelhano,
Que para lá já sóbe, e se divide
N'uma arrancada de tropel insano!
Na alvorada conduz então á lide
O exercito pequeno lusitano,
Dispõe seiscentas lanças na vanguarda,
Dois mil, quinhentos põe á retaguarda.

Toda a esquerda a Mem Rodrigues deixa;
A *Ala dos Namorados* indomavel
Pelo sul o quadrado ao fundo fecha
Como barreira tersa, inquebrantavel!
Para que a retaguarda não se mecha,
E o Rei ahi se quede invulneravel,
Defendem-no entre as bellicas mudanças
Cinco mil homens, setecentas lanças.

*

Era já o sol alto e ardente; vê-se
Redemoinhando nuvens de poeira!
Troço de cem ginetes apparece
A explorar o campo na dianteira
Da hoste castelhana, que parece
Vir n'uma ordem de marcha bem ligeira!
E ás Alas portuguezas de repente
Procura torneal-as ao poente!

Das duas Alas, presto inverte a ordem
O Condestavel; a horrida refrega
Sem começar, quantos a terra mordem!
Declina o dia, ao término já chega.
Que horroroso estampido! Que desordem!
Um d'esses trons que o Castelhano emprega
Para ao longe atirar balas de pedra,
Rebentou! a milhares peões redra.

A confusão terrifica se espalha!
« A elles! » Clamor forte pelo ár sôa.
Destroça-se a fileira aonde ha falha;
« Por San Thiago! » Brado rouco eccôa!
E' delirio frenetico a batalha,
Em golfões de rancor a morte vôa,
Caíndo lança em riste sobre a banda
Em que Dom Nuno Alvares commanda.

O tropear dos cavallos, o alarido
Das trombetas roufenhas, os doestos
De quem de uma lançada vae ferido,
Dos esquadrões desnorteados restos,
Nas sombras que da noite tem descido,
O escalavro dos bellicos aprestos,
Poças de sangue tábido e abjecto,
Dão ao momento um pavoroso aspecto.

Mas a frente da linha de batalha
Dos Castelhanos já diminuía,
E ainda á força penetrar trabalha
A cunha que o terreno alli fazia.
Cedendo o campo, sem que a audacia valha,
A vanguarda portugueza ora ia,
E a linha de reforço que ahi bota
O Condestavel, era quasi rota!

N'este unico momento decisivo
A *Ala dos Namorados* a acção toma,
Confiada do Amor no incentivo,
A derrota e a propria morte doma!
De corpo a corpo é o combate activo.
Desce a noite; cada balsão que assoma
Já não se differença quando chega,
Os vultos são phantasmas na refrega!

Repentino rumor resôa ao perto:
— Já fogem! Elles fojem! — Com espanto
O pendão de Castella cae, aberto
Com rasgão que vae de um a outro canto!
Em debandada vão com passo incerto
Castelhanos em rancoroso pranto,
Tropeçando, ou sepultos pelos fôjos;
Fica o campo alastrado de despojos!

III

Ouvindo a emocionante narrativa
Mostram-se as Damas bem maravilhadas
De existir um Paiz, lá onde, ainda
Exerce o Amor excepcional imperio,
Amor, que inspira insolita bravura,
Amor, que a patria terra assim liberta!

«De Portugal virão os defensores,
Cavalleiros do Cysne, que invocamos
Na angustia nossa, em nosso desaggravo.»

As Damas a Froissart encarregaram
De formular a nítida Mensagem
A' Côrte portugueza, para a lide
Os Doze Cavalleiros convidando.

O sincero Chronista accede alegre.

IV

Grave fallou o Duque de Lencastre:

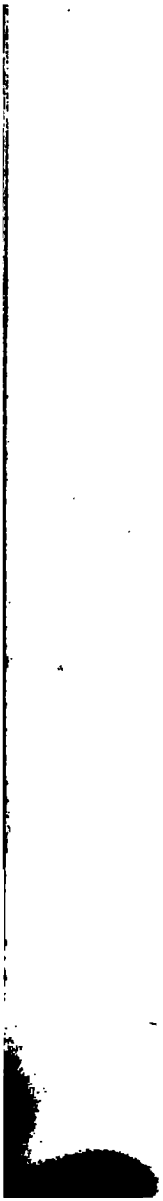
— Da Carta ao rei Dom João Primeiro enviada
Quem hade ser o Cavalleiro digno
Que se preste a servir de Mensageiro?

Robert Grantham, que attento, silencioso
Ouvira a commovente narrativa
Da Batalha de Aljubarrota, exclama:

— A Portugal irei levar com gosto
A graciosa Mensagem. Tambem estive
Por lá na Aljubarrota, e na vanguarda!
Contemplei a bravura incomparavel
Da *Ala dos Namorados!* Com certeza
O Amor, o Amor centuplicou-lhe as forças,
Como a *Gyron le Courtois* da Gesta!
Vêr Portugal inda outra vez desejo;
Vêr o Mestre de Avis, e a excelsa esposa
A Rainha, bom Duque, a vossa Filha.

V

O Duque de Lencastre jubiloso
Mandou buscar a escrivaninha de ouro;
Pede a Froissart, que em claro estylo passe
Salvo-Conducto, que em seu nome assigna;
Aos Principes e Reis endereçado,
No qual roga que tratem como em tempo
Ao proprio Duque, o seu Enviado agora,
Robert Grantham, mui nobre cavalleiro.



CANTO IV

A MENSAGEM DUCAL

I

A Lisbôa um Enviado de Inglaterra
Ha chegado, um rumor corre na Côrte.
Por ventura trará o Tosão de ouro?
Virá pedir o auxilio das galeras
Que o rei Dom João Primeiro se obrigara,
Por secreto Tratado de Alliança
A prestar em serviço á Gran Bretanha?
Ao seu encontro partem escudeiros,
Vão ao caes esperal-o ao desembarque;
Para a pousada assás garrida o trazem,
Com viandas, vinhos, delicados doces
Confortam-no em carinho gasalhoso.

Logo ao dia seguinte o Mensageiro,
Reposto dos enfados da viagem,
Paramentado das melhores roupas,
Ao som de trompas e outros instrumentos
Ao modo portuguez, era levado
Ao palacio real por cavalleiros
Que á aposentadoria em chusma vieram.
Cavalgando com luzimento e garbo,
Trajando ricas, roçagantes sedas
Caminham para os Paços do Castello.

II

Robert Grantham é o nome do Enviado,
Esse que em Portugal esteve outr'ora,
Valente Capitão fallado ainda,
Da Companhia dos Aventureiros
Que combateram lá na Aljubarrota.
Do céo de Portugal com que saudade
O Capitão ficára! Com que gosto
Acceitou a missão, que aqui o trouxe,
Que o Duque de Lencastre lhe confiára!
Traz as discretas e polidas Cartas.

III

Na sala de apparato o rei estava
Sob um docel de sêda de Damasco;
Dona Philippa de Lencastre, a esposa,
Puro exemplar da maternal ternura,
Ao seu lado direito, tendo em volta
Junto de si os Princepes esbeltos,
Esses, que um dia viverão na Historia.
O arguto Chanceller João das Regras,
O fervoroso e heroico Condestavel
Dom Nuno Alvares Pereira, que sustenta
Tradições santas da Cavalleria,
Ambos juntos do throno, o odio esquecem
Entre a toga e a espada, a lei e a força,
Pensam na Patria amada, grande e livre!

IV

Entra na Sala regia o Mensageiro
Do Duque de Lencastre, respeitoso
Por sua vez curvando-se em mesuras
De cortezia ao Rei e á Rainha.
Um pagem n'uma argentea salva toma
Duas cartas por fita verde atadas.
A missiva por propria letra escripta
Do Duque de Lencastre á filha excelsa
Ao aceno do rei é aberta e lida
Por voz do Chanceller pausadamente:

«Mui muito soberana Filha!

A' vossa
Bondade incomparavel recommendo
Lembranças de mim, sempre desejoso
De vos servir, e de augmentar sem conto
Vossas prosperidades, não querendo
Outro premio, nem mesmo maior gloria
Do que noticias vossas apraziveis.

Eu vos supplico, em honra e reverencia
De vosso Pae, que junto ao caro Esposo
O poderoso rei Dom João Primeiro
De Portugal, intercedaes que outorgue
Sua Soberania graciosa
Licença a Doze jovens Cavalleiros

Da Côrte portugueza, para virem
Em nobre empreza ao Reino de Inglaterra
Lidar em prol das leis do Amor e Honra
Ou da galanteria! Que ao presente
É Portugal a terra generosa
Em que o culto das Damas se conserva;
Aonde o Amor é férvido incentivo
De acções de pundonor, de heroicidade.
Vosso Pae amantissimo

e só vosso
Joham de Gaunt, Duque de Lencastre.»

Com a Carta á Rainha logo entrega
O Mensageiro um marchetado cofre
Forrado de veludo azul; continha
Um ricamente encadernado Livro,
De illuminuras aformosentado:
Offerta do insigne poeta Chaucer
A' Rainha Philippa venturosa,
Que desde pequenina a estremecia.
Era um codice bello de poesias:
Côrte de Amor um poema se intitula,
O outro *Endecha do Cavalleiro Negro*,
No qual trata do amor de Joham de Gaunt
Com Branca de Lencastre; e a Elegia
A' morte prematura e inconsolavel
Que ella inspirou, — *O Livro da Duqueza.*

Com um sorriso que saudade exprime
A Rainha agradece. Que leitura
Para os Serões da côrte, entre os Infantes!

V

A Carta de mensagem, dirigida
Ao Rei, seu genro, pelo egregio Duque,
O Chanceller Doutor João das Regras
Solemnemente a lê á Côrte attenta:

«Rei poderoso, e Senhor meu mui digno!
Cuja Corôa, por valor só vosso,
E por um Povo que intentou ser livre,
Que vos présa e respeita, foi ganhada
E conferida por um voto franco!
Desejando-vos mil prosperidades,
Que todas mereceis, o mundo admira
Vosso heroismo, e o dom de sympathia
Com que soubestes rodear-vos sempre
Dos mais intemeratos Cavalleiros,
Que alliam ao amor da Patria cara
Sentimento de fé, e ao mesmo tempo
No remanso da paz a Côrte esmaltam
Com festas, justas, árdidos torneios,
Em poeticos serões, galanterias,
Que pelo mundo a fama hoje publíca.
Vós, oh inclyto Rei, ouvis attento
A voz do Povo, que justiça pede,
E juntamente andaes mantendo o culto
Pelas Leis santas da Cavalleria,
O brio de cortezia inquebrantavel
Prestada ás Damas inviolavelmente.

Justo é que me dirija a vós, pedindo
Concessão para Doze Cavalleiros
Que da opulenta Côrte lusa venham
Lidar em campo aberto, frente a frente
Com Doze Cavalleiros da alta Côrte
De Ricardo Segundo de Inglaterra!
De um a um, dois a dois, e quatro a quatro,
Farão os paladins escaramuças
Em desaggravo das graciosas Damas
Por injustas palavras offendidas.
Sempre a servir-vos e honrar-vos, beija
Vossas reaes mãos

o *Duque de Lencastre.*

VI

Fôra das Cartas com assombro ouvida
A leitura; eis em todos os semblantes
Transluz uma indizivel alegria!
Então o rei Dom João Primeiro falla:

— Micer Robert Grantham, sêde bem vindo
A Portugal! Aqui n'este meu reino,
Em reverencia e honra de meu sogro
O poderoso Duque de Lencastre,
Desejamos que as homenagens todas
Luzidamente sejam-vos prestadas.
Quanto á resposta do triumphal convite
Leval-a-hão os proprios Cavalleiros
Em breve, em viagem para Inglaterra.

Parecia que todos já pretendem
Tomar parte na generosa empreza
Que apparece imprevista. O rei ordena
Que asserenem os animos; prosegue:

— Sendo presentes tantos Cavalleiros,
Como fazer a escolha d'esses Doze,
Sem melindrar os que excluidos forem
Pelo numero da gloriosa empreza?

O Doutor João das Regras, com bom senso
Opina:
— Seja a escolha feita á sorte!

Nuno Alvares Pereira, o Condestavel,
Pelo monarcha sendo consultado,
Responde sempre leal:

— Eu por mim lembro
Que seja feita a escolha d'entre os bravos
Que lá da Aljubarrota na vanguarda
Do portuguez exercito, a victoria
Decidiram, só pelo Amor unidos,
E pelo Amor tornados invenciveis!
Da *Ala dos Namorados* diga a sorte
Quaes hão de ser os Doze de Inglaterra.

Um unanime applauso a sala atrôa.
Felicita a Rainha o Condestavel;
O Rei, a delicada ideia acclama:

— Nunca a Justiça e a bravura unidas,
Attingiram verdade mais sincera!
Bem se vê que na mocidade vossa,
Valente Condestavel, meditastes
De *Galaaz* nas aventuras bellas,
E soubestes moldar n'esses Poemas
O typo ideal que sois de Cavalleiro.

VII

Da *Ala dos Namorados*, os que estavam
Na recepção, alli, logo se reunem;
Vão fallar á Rainha: que ella as sortes
Tire por sua mão; e indique o dia
Da cerimonia festival, brilhante,
Dos escolhidos para o Passo honroso.

E emquanto o Enviado inglez fallava
Ao Chanceller, agora á puridade
De um segredo de Estado, que trazia,
(Que é bem que os Reis de França e Hespanha ignorem,
Illudidos com a insólita Mensagem
Do convite dos Doze da Inglaterra,)
Dona Philippa de Lencastre alegre
Responde aos Cavalleiros que a rodeiam:

— Ámanhã, ámanhã, em Cintra todos!
E' na Sala das Pêgas que o sorteio
Hade ser feito. Dae-me os vossos nomes
Para os lançar na urna, e apoz a gloria!

CANTO V

NA SALA DAS PÊGAS

I

Fôra longo contar a galhardia
Da deslumbrante e alegre cavalgada
De gentis Cavalleiros pressurosos
Pela alvorada em trote para Cintra.
Todos esses que outr'ora se encontraram
Na *Ala dos Namorados* sustentando
Denodados da Patria a independencia,
Vão n'um garboso, incomparavel troço
Ao paço ouvir as ordens da Rainha.
A' frente d'elles, perstigioso chefe
Mem Rodrigues de Vasconcellos marcha.

O principe Dom Duarte e os Infantes
Ao encontro da ardente comitiva
Se aproximam na estrada; já se reunem.
No torreão do paço flammejante
A bandeira das Quinas tremulando,
Que enthusiasmos e confiança inspira
No estremado exito da empreza!
Trajam todos de seda, e as espadas
Têm cópos de ouro, alguns com pedras finas.
Dos ginetes se apeiam; aos terraços
Vêm as damas, solicitas donzellas,
Contemplando esse esplendido cortejo.

II

Mem Rodrigues de Vasconcellos sobe
A fallar á Rainha, que sahira
Da missa da Capella; alli lhe entrega
A lista dos Donzeis e Cavalleiros
Das sortes ventureiras.

Promptamente
Ordem é dada para entrar na sala
A exaltada chusma. Bipatentes
De par em par as portas se franqueiam
Da vastissima quadra conhecida
Pela *Sala das Pêgas*, da aventura
Do occulto amor que a tradição memóra
Do rei... de uma surpreza da rainha...
Feliz coincidencia! N'esse instante
Ouvem-se os menestreis, annunciando
A entrada da Rainha; vêm as damas
Adiante, e rodeando logo o estrado
Faz-se um silencio immenso.

III

Donairosa
Sóbe a rainha os tres degráos; corteja
Com insinuante magestade e graça
A *Ala dos Namorados*, os que restam
Da empreza de Aljubarrota, ainda

Livres de coração.
Um pagem entra,
Uma urna de prata rebatida
Appresenta á Rainha; contém nomes
Dos Cavalleiros hoje alli presentes.
Momento de emoção intensa e viva!
Cada qual mudo espera que o designe,
Que ora o escolha, que o proclame a sorte
Um dos Doze...
A Rainha sorridente
Tira da urna cheia de bilhetes
O primeiro; da branca mão recebe-o
Mem Rodrigues de Vasconcellos, leu-o:

= *Alvaro Vaz de Almada.* =

Pela sala
Frémito de alegria se prolonga,
Quando eccoara o imperecivel nome
Do primeiro dos Doze de Inglaterra,
O coração mais puro e generoso
Que inda pulsou em peito lusitano!
Typo completo da fraternidade
Entre leaes e bravos Cavalleiros.

Alvaro Vaz de Almada sáe da turma,
Sobe ao estrado, e ajoelhando em terra
Beija a mão á rainha, e vae postar-se
Ao dextro lado, reservado agora
Aos Doze eleitos para o Passo honroso.

A soberana tira uma outra sorte;
A Mem Rodrigues a entrega; lê-se:

=*João Pereira.*=
O nome do sobrinho
Do inclyto Condestavel; satisfeito
A meia voz Nuno Alvares observa:

— Emfim, aprouve á sorte compensar-me
Concedendo que vá por mim meu sangue
Enaltecer-se na estrondosa lide
Que hade dar que fallar por todo o mundo.—

E emquanto o novo eleito se destaca
Da *Ala dos Namorados* a ajuntar-se
Ao que a sorte primeiro distinguira,
Outro papel tira a rainha; attentos
O nome aguardam! Quem será? Ouviu-se
Proclamado com clara voz na sala
O outro

=*Alvaro de Almada,*= conhecido
Por *Justador;* um appellido usado
Para assim distinguil-o do primeiro,
Embora na lealdade e no heroismo
Sejam eguaes os Cavalleiros ambos.

IV

A commoção na sala era opprimente;
A aspiração á gloria deixa na alma
Anciedade, incerteza, como o que ouve
Lêr sentença que finda pela morte...,
Eil-a a sorte do quarto Cavalleiro!

Leu-se:

=*Alvaro*...

A angustia do que espera
Torna-se em agonia! Mem Rodrigues
Leu o nome completo em que hesitara,
Proclama:

=*Alvaro Mendes de Cerveira!*

Foi então que se viu d'entre os mais novos
Dos Cavalleiros que alli estão presentes
Um ajoelhar-se pávido ante a imagem
Bella da Virgem, que na sala infunde
Amor e Piedade indefinivel;
Recolhido em concentração ficara
Quasi extactico, em quanto vão tirando
Restantes sortes. No intimo bem da alma,
Na emoção do espirito profunda
Elle fizera um voto... se o seu nome
Não ficar esquecido!

V

Vae seguindo
O sorteio sereno, imperturbavel:

=*Lopo Fernandes Pereira*=é o quinto;

O sexto:

=*Martim Gomes de Azevedo.*

Ajoelhado e mudo permanece
O moço cavalleiro, absorto, immerso
No voto ardente que o destino vérga.
Vae entretanto proseguindo a sorte.

Acclamam:
=*Luiz Gonçalves Malafaia.*
=*Pero Homem da Costa.*
Que momentos!
Já poucos nomes faltam para os Doze!

Eis:
=*Sueiro da Costa.*
No silencio
Tremendo e augusto que na sala impera,
Ouve-se lêr:
=*Ruy Mendes de Cerveira.*
Vem:
=*Ruy Mendes da Silva*=adiante logo.
Só falta um nome a completar a turma
Dos Doze de Inglaterra. O derradeiro,
Quem será?

VI

Caprichosa a sorte é sempre!
Mesmo a Rainha n'esse instante hesita;
Metteu a mão na urna resoluta...
Na sala o nome de
=*Alvaro Gonçalves Coutinho*, esse da alcunha de *Magriço*,
Eccôou sonoro; o assombro alcança todos!

O joven Cavalleiro, que estivera
Até alli de joelhos, repentino
Se ergueu, como acordando de um terrivel
E anciado pezadello; gravemente
Vem ao estrado da rainha, beija
Reconhecido a mão da soberana,
E exclama apoz:

— Senhora! aqui a todos
Cumpre-me declarar que fiz um voto
De ir a pé em romagem ao Sanctuario
Da Senhora de Guadalupe! Ouviu-me
No meu pedido! e bem o patentêa
No ultimo dos Doze de Inglaterra.
Affrontando os perigos, inclemencias,
Irei por terra, irei peregrinando
Em honra da Senhora, quanto possa,
Transpondo o mar lá no Canal que a França
Separa da Inglaterra. A vós sómente
Compete o conceder-me uma tal graça.

Commovida a Rainha, com applauso
Dos Cavalleiros todos lhe devolve:

« Outorgo-te este voto denodado
Em que hasde a morte defrontar por vezes,
Com tanto que na capital londrina
Ao prazo do torneio te appresentes.

— Não faltarei! A Virgem dos perigos
Me livrará; emquanto á lei da honra
De mim depende só cumpril-a firme.

VII

Dos Doze Cavalleiros terminada
Era a eleição; agora estão reunidos
Em volta da Rainha, que os saúda
Pela missão que a sorte lhes confiara.
Charamellas e doçaínas sôam
Dando fim á festiva cerimonia.
Na torre do palacio n'esse instante
Sôa a hora de terça; ao jantar prompto
A comitiva segue para a mêsa.
Que os Chronistas celebrem a opulencia,
A profusão do opiparo banquete,
A alegria dos brindes, os bons ditos,
Os manjares, os capitosos vinhos;
Mas nada chega ao singular encanto
Do serão, em que as Damas distribuiram
As Divisas dos Doze Cavalleiros.

VIII

Passou-se o dia discorrendo á solta
Nos amenos jardins que o paço cercam,
Cantando e rindo, emquanto estão as damas
Recolhidas, sollícitas, compondo
As graciosas *Divisas*, que hãode á noite
Caber em sorte a cada cavalleiro.

Que intenções maliciosas! que mysterios,
Que prenuncios fatidicos encerram
Essas phrases concisas, sibyllinas!
São as doze Divisas extrahidas
Dos poemas francezes mais selectos,
Mais lidos pelas Damas.

IX

Chega a Cintra
Um recado do Rei, que á noite o esperem,
Quer estar ao serão; tem-no em Lisboa
Conferencia secreta, demorada
Com o Enviado de Inglaterra. Ignoram
Todos o assumpto d'essa conferencia;
E os dois Embaixadores escolhidos
Para assignar em Londres um Tratado,
Ignoram a missão que lhes confia
O Rei, que na politica vê longe!
Só João das Regras sabe um tal segredo.

As horas passam lentas; desce a noite,
Lucilações dos candelabros fulgem
De alto abaixo pelo palacio ingente;
Para a *Sala das Pêgas* são as portas
Patentes; vêm os Doze de Inglaterra
De ora em diante no sentimento unidos
Da alta empreza a que vão dar nome e lustre
A' portugueza Patria, que ainda um dia
Terá na Historia inolvidavel nome
Pelos feitos que amor mais alto inspira.

X

Doze Divisas acham-se escolhidas;
São segredo recondito das Damas!
Só ellas sabem de intenções occultas
Que essas phrases encerram.

O Rei tarda.
Dizem que traz o Embaixador comsigo,
Para assistir á festa em que as Divisas
Se darão á ventura. As melopêas
Dos menestreis na grande sala embalam
Os colloquios apaixonados, sonhos
N'uma atmosphera de esperança e goso.
De repente um rumor o ár atrôa
Como de carros pela estrada; certo
Será do Rei a comitiva. Os vivas
No ár acclamam-no, è ao atrio baixam
Os Cavalleiros indo ao seu encontro.
Micer Robert Grantham vem com o monarcha.

XI

Com cortejo de Damas e Donzellas,
Já na Sala das Pêgas a Rainha
Serena aguarda o desejado esposo.
Entra o Mestre de Avis, e a alegria
Rejubila por todos os semblantes;
Beija-a na face, e os Infantes caros
Abraçou com ternura. Logo fallam
Da eleição dos Doze de Inglaterra.

Quer El Rey conhecel-os; ao aceno
Vem da Rainha os Doze Cavalleiros,
Que a mão do Rei singularmente osculam.
« Para a eleição completa ainda falta
A entrega das Divisas. (Graciosa
Ponderou a Rainha.)
— Sem demora,
(Volve o monarcha) n'este mesmo instante
Complete-se dos Doze a investidura.
A Divisa é um puro sacramento,
Clara expressão do ideal do Cavalleiro.
Micer Grantham lerá mesmo as Divisas .
Que a sorte distribuir; perante a Côrte
Da Inglaterra authenticas as torna.

XII

Um pagem toma a salva, em que dobradas
Em coração Divisas doze estavam;
E a cada um do grupo, que a Rainha
Distingue a dextra sua concedendo,
Appresentada a salva, ledos tiram
Á ventura uma incognita Divisa.
Por seu turno ao Enviado de Inglaterra
Vão entregar a ignorada senha.

Micer Robert Grantham pede licença
Ao Rei, quer delegar uma tal honra
Na Infanta Dona Isabel, futura
Duqueza de Borgonha encantadora.
O rei concede; a Infanta radiosa,
Candida, ingenua, vae pausadamente
Lendo as Divisas, chêa de surprezas,
Dando-lhes intenção incomparavel:

De Alvaro Vaz de Almada eil-a a Divisa:
— *Li porterai foi!*
Soube alguem na sala
Comprehender o sentido mysterioso
D'essas palavras que o acaso unira;
Logo o Infante Dom Pedro pensativo,
O generoso Duque de Coimbra,
Abraçou com fervor o Cavalleiro
Com quem contrae fraternidade heroica.

De João Pereira, destemido e affavel,
Loiaulment aimer! é a Divisa.
Trop haut penser! ao Justador compete.
Coube a Alvaro Mendes de Cerveira:
Espérance ne ment!
Sómente as Damas
Comprehendem sentido e coincidencias
D'essas Divisas, que entre si explicam
Nas allusões de sonhos, de esperanças;
Que furtivos olhares, que sorrisos
Maliciosas trocam! Do Pereira
Lopo Fernandes, a Divisa excita
Ironicos sorrisos, pois contrasta
Com o caracter seu apaixonado
Por todas as mulheres; diz a letra:
Feindre la froideur!
Só uma Dama
Não se atrevera a rir, crendo que a sorte
Quiz occultar o amor que ambos juraram.

Agora Martim Gomes de Azevedo
Entrega a breve senha; a Infanta leu-a:
Les joies dans le désir!
Será verdade
O sentido que aquella letra encerra?

Peine endurer! Laconica, expressiva,
Pertence a Luiz Gonçalves Malafaia,
Traduz a gentileza de caracter.
Amors m'ocie! A Pero Homem da Costa
Coube essa phrase que é um grito d'alma;
Todos na côrte sabem que é flagrante
Do pensamento implicito a verdade.
Mas, o que mais espanta, é que este lemma
Cuer dolant! casualmente competisse
A Sueiro da Costa.
Outros commentam
Fait penser! de Ruy Mendes de Cerveira.
Os que estão na amorosa confidencia
De Ruy Mendes da Silva consideram
Rêve au quel on s'attache!
Que mysterios
O tempo imperturbavel não explica!

XIII

Falta o Magriço! Que Divisa a sorte
Lhe destina? Com anciedade as Damas,
Attentas interpretam as palavras
Da phrase, a que um valor estranho ligam!
Plus est belle qu'ymage!
Com certeza,
Que á Senhora de Guadalupe allude!
Quem ha mais bella do que toda a imagem?
Ouviu a Virgem seu ardente voto;
Ella o fez um dos Doze de Inglaterra.
Não completa a Divisa esse mysterio?

A Rainha quedou-se pensativa;
Conta o caso ao monarcha. O rei confirma
A concessão d'elle ir por terra; o Enviado
Felicitava o joven Cavalleiro
Por celestial destino preferido.

XIV

É do serão pragmatica improvisos
De Esparsas, Mottes sobre taes Divisas;
E que themas de amor!
N'aquelle instante
Vira o Mestre de Avis o bom Lobeira,
Que lá na Aljubarrota fôra um bravo,
Armado Cavalleiro a par dos moços;
Acenou-lhe festivo:
— N'esta noite,
Desejo que o Enviado de Inglaterra
Oiça por tua bocca recitado
O caso de *Amadis*, hoje no mundo
Tão celebrado com vehemente enlevo.

«Mandaes, senhor. O obedecer é gloria.»
Diz Vasco de Lobeira; e então recita:

CRISAUTO DO AMADIS

Foram dizer a Oriana,
Que Amadis na Penha Pobre,
Vestido de burel negro
Com que misero se encobre,
Chorando de noite e dia

A ventura que não volve,
Faz penitencias tamanhas
Que está em risco de morte!

Oriana bem quizera
Dar-lhe o perdão, mas não pode,
Que o Cavalleiro fiel
Tornou mentido o seu mote!
Quando em braços de Briolanja,
Em paga de um feito nobre,
Como foi vingar-lhe o pae,
E restituil-a ao seu dote,
Acceita a flôr do seu corpo,
Que é o mais que ella dar póde!

Resentida, com taes novas
Oriana se commove;
E quer ir desconhecida,
Peregrina, á Penha Pobre,
Para vêr com os seus olhos
Quanto Amadis por lá soffre!
Veste um habito de monge,
O rosto um capuz encobre,
Com um bordão de romeiro
Como quem d'Além-mar torna,
E traz do Santo Sepulchro
Perdões a culpas enormes,
Eil-a á Penha Pobre chega,
E n'uma selva remota
Entre medonhos fraguedos,
Uma caverna descobre!
Seu coração presentira
Que alli está quem de amor morre,
Amadis, o desolado
Que sempre a Oriana adora.

Chegando á bocca da furna,
Velho companheiro accode,
Magro ermitão, que pergunta:
— Buscaes a Beltenebrós?
Vindes, peregrino, a tempo,
Que da angustia n'um transporte,
Sem cuidar do céo ou inferno
Só por penas de amor morre.

Falla o fingido romeiro:
« Mas, como salval-o posso,
Se mentiu ao juramento
Do amor que o fez grande e forte?
— Bem sabeis, bom peregrino,
Que a culpas de toda a ordem
Na Egreja sempre ha remedio
Que purifica e absolve!
Ide ouvir de confissão
O triste que ahi se estorce,
E perguntae em segredo
Se quando lhe deu a posse
Da virgindade Briolanja,
Em quem pensava n'essa hora?

Oriana entrou na caverna,
E reconhecendo logo
No semblante macerado
Amadis, ao qual se encobre,
Sentiu immensa piedade,
E um pensamento lhe occorre:
« Sou romeiro do Sepulchro,
Com perdões que salvar podem;
Confessa pois a verdade,
Da verdade te soccorre:

Á lealdade a Oriana
Faltaste, infiel ao mote,
Nos braços de Briolanja,
Princeza, mas não tão nobre;
Como hade ser perdoado
Quem fez perjurio de morte?
— « Oh santo romeiro, ouvi-me,
A este innocente accode!
Dormindo com Briolanja
Eu não fui infiel; nota,
Que o pensamento em Oriana
Eu tinha n'esse transporte;
Se o corpo vergou, é lodo,
A alma guarda a pura norma,
Com Oriana eu sonhava,
Com Oriana ainda na morte! » —

As lagrimas ás bagadas
Nas faces cavadas correm!
Não se contém Oriana,
Bota o negro capuz fóra,
Cáem-lhe as tranças nos hombros,
Semblante risonho mostra!
Abraçam-se com vontade,
E ficam bocca com bocca,
Amadis e Oriana,
Tanto a saudade os provoca.
Bem dissera o Eremita
Que a Beltenebrós conforta,
Que tem a Egreja remedio
A culpas de toda a ordem,
Mysterio da *felix culpa*
Que o perdão converte em gloria.

XV

Sorriu-se o Rei ouvindo a narrativa
Do velho novellista; recordando
Uma egual situação, ciume vivo,
Quando a esposa com outra dama o vira;
E a divisa: *Por bem!* que a pêga palra,
Doce perdão motiva.

É serão alto,
Da collação a hora sôa lenta;
Das iguarias o aroma incita
O paladar. O rei está cansado,
Para a mesa caminha; a comitiva
Apoz vae, discreteando alegremente.

XVI

Durante a collação um Segrel canta
O *Lai do Amor e Morte*, contrapondo
A' paixão de Amadis a paixão louca
De Tristão, o primor dos namorados!
A côrte applaude o vívido contraste:

AMOR E MORTE

Tristão a Yseult diz:

— Eu sei quanto me odiavas!
Com um Philtro cuidavas
Dar-me a morte, a final...
Mas o Philtro fatal,
Quando o levei á bocca
Em vez de odio provoca
Um amor repentino!
Tornou-se-me um destino
Desvairado, absoluto,
Este Amor com que lucto,
Do qual vencer-me deixo!
Nem contra elle me queixo
Da acção com que illudia
Honra e Cavallaria
Do velho Rei meu tio,
Quando leal me incumbiu
A mensagem gloriosa
De lhe ir buscar a Esposa,
Trazer-te, seu thesouro!
Para eterno desdouro
O invisivel incendio
Do louco amor accende-o
Mais o Philtro hoje ainda!
E tu, Yseult linda,
Provaste inadvertida
A magica bebida
Que te tornou amante,
Que faz mais delirante

CANTO VI

O FESTIVAL DA PARTIDA

I

Por entre alas dos altos personagens
Da nobreza e da côrte, deslumbrantes
Vinham da Sé os Doze Cavalleiros
Pela sorte escolhidos para a Empreza
Do passo honroso de Inglaterra. O Bispo
A todos elles confessado tinha;
Para breve a partida é decidida.
Trombetas e atabales retroando
Longe espalham um ár que communica
A emoção convicta do triumpho.
Sobre o altar-mór da Sé foram benzidas
As Espadas dos Doze Cavalleiros;
Uma por uma o Rei nas mãos as toma,
E a cada Cavalleiro ufano entrega.

Dansas do povo em todos os sentidos
Percorrem a cidade alvoroçada,
Entoando as seguidilhas, os descantes,
Chistes improvisados inda ha pouco
No revoltoso cêrco de Lisboa!
O povo dá signal de força e vida;
Sabe o Mestre de Avis quanto lhe deve.
Quem ousa atraiçoar essa crente alma?

II

Poz-se o cortejo em marcha para o Paço
Do Castello; era ahi que se devia
Celebrar ceremonia apparatosa,
O Pacto leal da Irmandade heroica
Entre o Infante Dom Pedro, o justo, o recto,
E o firme Alvaro Vaz de Almada.

Logo
Que á sala do docel chegaram todos,
A Rainha e o Rei foram sentar-se
N'aureas cadeiras de espaldar, rodeados
Pelo Principe e Infantes dadivosos.
Eis ao lado direito da Rainha
Os Doze Cavalleiros escolhidos
Para a nobre aventura de Inglaterra.
Inaudito espectaculo! Começa
O Auto, nunca até aquelle instante
Celebrado na Côrte portugueza,
Na santa Ordem da Cavalleria!

O Chanceller Doutor João das Regras
Clama em voz clara ante o auditorio attento:

— Nosso Rei e Senhor Dom João Primeiro
Foi por dois Cavalleiros requerido
Para hoje um Pacto de Irmandade heroica
Firmarem entre si, inquebrantavel
Por toda a vida e para a morte entre ambos!

Este grão da Santa Ordem, por costume
Immemorial de antigos Cavalleiros,
Pode espontaneamente ser tomado
Entre dois denodados Justadores
Antes de uma batalha, ou depois d'ella;
Mas, n'uma Côrte em paz, qual hoje a nossa,
Ao Rei compete conceder tal ordem,
E ao juramento eterno da fé mutua
Dar validade como soberano.
Isto acontece aqui n'este momento... —

Calou-se o Chanceller. Brandindo o estoque
Aos quatro pontos cardeaes do espaço,
Exclama o Condestavel com voz firme:

— Que esses dois Cavalleiros se appresentem;
Vae começar a augusta investidura
Do mór grão sobre os outros recebidos,
Já celebrados pela Ordem Santa! —

Do pé do throno destacou-se o Infante
Dom Pedro, o Duque de Coimbra, e avança
Até meio da sala; do outro lado
D'entre os guapos Doze Cavalleiros
Sáe presto Alvaro Vaz de Almada, e ambos
Apertando-se as mãos intimamente,
Beijaram-se, em signal, perante todos
De mutua Fé, de Paz e de Irmandade!

E ambos confessam:

« Este beijo exprime
Que eterna uma Fé unica nos une,
E até morrer por ella aqui juramos! »

Então o Bispo, que ante si aberto
Tinha o Livro das Santas Escripturas,
Foi collocar-se entre elles, que pousaram
As dextras sobre a pagina sagrada,
Tomando o voluntario juramento:

«Se pela mesma Fé morrermos ambos,
Irmãos na morte nos reconhecemos.»

Solemne ao seu logar volvera o Bispo.
O Condestavel sua vez espera
Para cumprir suprema ceremonia
Que só a elle competia. Exclama
Ante os dois Cavalleiros:

— Este beijo
A Paz inquebrantavel significa
Entre vós, entre as luctas da existencia! —

O Condestavel ledo se approxima
D'esses dois Cavalleiros: toma a espada
Que ao Infante Dom Pedro pertencia
E a Alvaro Vaz de Almada a entrega!
Deposita nas mãos do Infante a d'este,
Dizendo n'um sorriso de confiança:

— D'estas Espadas é egual o lustre!
Não poderão falsal-as na sua honra
Estes dois estremados Cavalleiros,
Inda que a morte injusta os atraiçôe!
A troca das Espadas representa
Nos companheiros de armas a confiança
Na Honra e no Valor até á morte! —

III

Seguiu-se o acto mais solemne, aquelle
Que antigos Cavalleiros celebravam
No campo da batalha entre a refrega,
Ou depois do combate, quando ainda
Dos golpes fundos escorria o sangue,
E gota a gota em terra o misturavam,
Symbolo da união até na morte!
Sellando o pacto da Fraternidade.

Como padrinhos, vêm dois Cavalleiros
Junto aos dois Irmãos de Armas; desnudaram
O braço esquerdo a cada um, mostrando
A veia percordial, e apoz declaram:

— Faz-se a união completa pelo sangue!
Dos Martyres o sangue derramado
E' Baptismo de fogo na Fé pura!
Quem o sangue verter pela Justiça
Mundificou-se no Baptismo da Honra!
A identificação faz-se das almas. —

Prompto o Infante Dom Pedro, n'esse instante
Feriu o braço esquerdo, de egual modo
Alvaro Vaz de Almada o fez; goteja
O sangue, e sobre o solo se mistura,
Alto exclamando:

« Assim como esta terra
Confunde em si agora o sangue nosso,
E o guarda como mãe commum no seio,
Assim a mesma terra a ambos cubra
Quando um dia, em perigos invenciveis,
Já sem força um de nós succumba exangue.
Que um com o outro aos transes sobreviva!
Juntos, que a ambos prostre a mesma morte! »

IV

A emoção na sala é inexprimivel.

Que vagos e fataes presentimentos
Pelo espirito passam nos que assistem
Áquelle pacto! Se a Irmandade heroica
Será um dia lugubre effectiva!...
No semblante presago da Rainha
Vislumbrava uma nevoa de tristeza!

São os dois Cavalleiros conduzidos
Até junto á Rainha; alli findava
Da ceremonia o insolito apparato:
A Rainha tomando de uma salva
Duas faixas de panno de alvo linho
Pensa as duas feridas com ternura;
Cumpre a missão que só compete ás Damas,
Pela Santa Ordem da Cavalleria.

E emquanto os dois constantes Cavalleiros
De mãos dadas vão percorrendo a sala
No ambito em redor, e recebendo
A cortezia, o reconhecimento
De quantos Cavalleiros são presentes;
N'aquella hora foi-lhes permittido
Beijar as mãos das Damas todas, todas,
Como retemperando as suas almas
No desinteressado sentimento.

V

Durante o ritual cavalheiresco
No grande acto sollicito cumprido,
Tonos estrepitosos e guerreiros
De sistros e atabales resoaram
Na vastidão das salas.

De repente
Silencio inesperado! todos olham:
Um grupo de Escholares bons trovistas,
De Clerigos jograes e Goliardos,
Vem recitar heroicas Cantilenas
Da Materia de França, que bem quadram
Allusivas ao Festival do dia.

Todos escutam com encanto e pasmo.

CANTILENAS DE ROLAND

I

A IRMANDADE HEROICA

Sédia em Worms o rei o seu Campo de Maio;
Guerra contra os Saxões hi votam sem desmaio:
— Tempo ora he de jungir as tribus da Germania
Ao imperio da França e á Cruz! A insania
Das tribus de Westfal, Angarios, Osterlinde,
Bem é que pera sempre e de uma vez fiinde.

Carlos Magno transpoz logo o Rheno; apparece
Em Mayence, avançando até o paiz d'Hesse.
Eis chegado a Diemel, que he dos Saxões limite.
Ao homem livre nada ha que mais o incite
Á lucta, que um ataque á patria, á sua terra!
Todo o Saxão accode agora á santa guerra.
Carlos Magno confia entre tantos azares
Na valentia e ardor que anima os Doze Pares!
Com ardil os Saxões em hora astrosa e infesta
Conseguem de os traer para a grande floresta,
Esse bosque sagrado, aonde outr'ora Arminio
As legiões de Varo arroja ao exterminio.

N'essa floresta está firme Columna erguida
Que ha seculos memóra a tam sangrenta lida,
Irminsul! testemunho eloquente, directo
Da geração que fez livre a grey e o seu tecto.

Quem, hoje, vencerá no sanguinoso duello?
Ao valor de Roland fez Carlos Magno apello;
Oliveiros, que entrou no angustiado conselho,
Jurou que para si Roland é sempre o espelho.
Outros Pares estão dultosos e calados,
Fremosamente já pera a lide ordinhados.
Para as azes ferir de rijo a mantenente,
Sem tempo a consirar tantas tribus e gente,
Partirom-se d'alli os dois: Roland a destro,
Oliveiros com gram aficamento a séstro.

Fallou o Emperador aos seus; diz-lhis assi,
Com voz que as almas torna intrepidas em si:

— Ora olhade, os Saxões querem guanhar a França,
Entendem de a cobrar por nostra malandança!
Nos corações poedé os imiigos vencer,
Ou prenderemos hy todos morte a valer. —

Turpin occorre alá em vestimentas alvas,
Trazendo em asta grande a Vera Cruz. E ás salvas
Que a multidão guerreira em taes instantes usa,
Bradou:
— Vedes a Cruz! Poede em ella fiuza! —
Orade-a, e com fee pedide-lhe que Aquel
Que por nós prendeu morte, a essa hoste revel
A morte hoje se dee. —
E ouvindo todos isto,
Dixeram logo: «Assi o compra ihesu cristo!»

Fezerom oraçom muy ledos e esforçados.
Magotes de Saxões, povos confederados
Como que em turbilhão de genetes e arqueiros,
Rijamente se vão de encontro aos deanteiros.

Todo o que era francez contra elles fez frente.
Espadadas, lançadas dão-se a mão tenente,
Alli vêem-se andar cavallos sêm senhores,
Cavalleiros por terra e ainda feridores;
Da huma e outra parte os Saxões derribando
Muy ledos, e de todo o prez alto bradando:

=Este he, o dia este he da salvação da França!=
Maltreitos os Saxões recúam á matança
Em hora má, irada em tanta coyta e presa,
Nem lhes valia rem contra a sanha e crueza!
O que Roland obrou nom póde contar home,
Nem per lingoas se pode em Gestas dar renome;
Exalçado hade seer de honra, prez e bondade
Por tamanho trabalho em toda a Cristaidade.
Conquereu Irminsul, e a Columna derruba,
E aos Saxões deixou como ao leão sem a juba!
Oliveiros estroe a èsmaiada gente,
É tambem vencedor! Batalha da torrente
Hasde ser para sempre a todos renembrada.

E a quando se fiindou a horrenda algarada,
De ira e sanha de Deus, e triste mesquiidade,
Roland diz:
— Bem queria oje teer irmaidade
Com o bravo, o leal, denodado Oliveiros,
Que da França é a gloria, e flor dos Cavalleiros. —

Oliveiros volveu:
« Se as palmas queres dar-m'as,
Meu orgulho era ser de ti oje Irmão de Armas!»

Das feridas dos dois o sangue ainda goteja;
O que Oliveiros quer, Roland tambem deseja.

Roland toste cavou na terra com o sabre,
Uma leiva alevanta, e na cova que hi abre
Deixou pingar então o sangue que lhe escorre.
Oliveiros com fee ao mesmo lôgo acorre,
E ao sangue de Roland ajunta o sangue seu.
Roland falla:
— A não ser a Deus do alto céo
E ao grande Emperador, nom devo mais fieldade
Do que ti, a ninguem! E por esta Irmaidade,
Quer tenha eu terra, ou marka ou floresta ou fronteira,
Por ti e a tua voz ver-me-has na dianteira. —

Oliveiros folgou de um vervo tam jucundo
Ouvir; torna de pram:
«Por certo, n'este mundo
Nunca houve, Roland, nunca houve home nado
Que como eu vos amo, assi fosse el amado!»

Com a leiva cobrindo a cova, com voz forte
Bradou:
«Eis-nos irmãos! e irmãos até na morte!
Como cobre esta leiva agora os sangues nossos,
A tal nos agasalhe a mesma terra os ossos!»

Roland o abraçou com a fronte alto erguida:

— Nós somos d'ora em diante irmãos, mas para a vida.
É na vida pensando, Oliveiros, que eu peço
A mão de tua irmã, de Alda, se eu a mereço!

Oliveiros, de ledo, exclamou:
«Ah, não vejo
Mais completa união do que essa!»
E deu-lhe um beijo.

VI

Esse Cantar guerreiro applaudem todos.
O proprio Rei Dom João Primeiro falla
Rejubilando para o Condestavel:

— Quanto as Gestas do bom Roland aprazem!
Bem dizia o Rei Sabio nas Partidas,
Que só consentiria em sua Côrte
Cantos de feitos de armas; só a elles
Prestar attenção devem Cavalleiros! —

Sorriu-se João das Regras com malicia,
Lembrando-se, que outr'ora o Condestavel
Lia na mocidade sempre os Poemas
De aventuras de Amor, que o empolgavam,
Principalmente a *Galaaz*, modelo
Que imitava de um Cavalleiro-virgem!
Sobre a face do Bispo lampejara
Um clarão de alegria! Pela sala
Anda o Copeiro-mór annunciando
Que a meza é prompta, e serve-se o banquete.

De braço dado o Rei e a Rainha
Caminham, vão atraz os Irmãos de Armas,
Logo a Ala dos Doze de Inglaterra,
Micer Robert Grantham, o Enviado,
Apoz os Cavalleiros e Fidalgos
Sem curar precedencia ou gerarchia.

VII

A sala do banquete era colgada
De riquissimos pannos, tendo as armas
E os emblemas heraldicos do Mestre,
Que como Rei de Portugal unira
As insignias da Casa de Lencastre.
Demorou-se o Enviado inglez mirando
Logo as Armas de Portugal, e exclama:

=Senhor! eu estou vendo n'estas Armas
Como sobre o Brazão do reino vosso
Que adoptastes, á Cruz floreada
Da nobre Ordem de Avis unir soubestes
Nas suas quatro pontas a divisa
A Flôr de Liz da Casa de Lencastre!
Ao escudo do morto rei Fernando
Vós ajuntastes esses quatro Lizes
Sobre o escudo exterior, em que se agrupam
De tres em tres symetricos Castellos!
Tambem vejo, Senhor, sobre a Corôa
Dos seis antepassados, que era aberta,
Que hoje alado Dragão tendes por timbre
Assentado. E' sem duvida esse monstro
Vencido pelo inglez San Jorge, agora
Invocado em antithese á Castella
Como grito de guerra! Comprehendo
Como o Portugal vosso e Inglaterra
Identificam crenças, interesses!...=

O Rei sorriu-se; acaso lhe lembrava
O Tratado secreto, que ia em breve
Ser assignado em Londres!
Vão na Empreza
Do Passo honroso dois Embaixadores;
Mas, para que estas cousas não transpirem
Entre o povo murmurador... Irrompem
As musicas triumphaes, e os Cavalleiros
Vão em roda das mezas observando
A profusão, riqueza das baixellas,
A sumptuosidade inconfundivel.

Aos convidados deram-se os logares.
Mal começa o banquete entra na sala
De Escholares trovistas grupo inquieto,
Que recíta as heroicas Cantilenas
Dos feitos de Roland e Carlos Magno:

II

A GUERRA DE HESPANHA

Na Côrte imperial grande gente asunada;
Mais viçosa e mais tersa onde ha outra nomeada?
Ende em seu throno está Carlos Magno em ledice;
Começando a catar a um lado e outro, disse:

— Um mandadeiro a cá me trouxe aquesta letra
De dois Emires bôos; em ella se me impetra
Contra o neicio Califa auxilio d'armas no Ebro;
Para um soccorro a tal meu conselho celebro.
Vós que assi vos preçaes de serdes o espelho
De alta cavalleria, er dae toste o conselho:

Devo eu armas filhar? Todolos em campanha,
Pardês, irmos ataa esse reyno d'Espanha?
A derrubar do throno o Califa traedor,
Para adduzil-o á Ley de Christo Redemptor? —

Catando-se antre si os Pares Doze, avem
Despos esto quedar cada hum sem dizer rem;
Mas o Emperador que nos seus rostros lia,
Dois bandos conheceu quando em côrte siia:
Em mantener a paz um todo o empenho filha,
O outro pela guerra em ardimento brilha.

Em esto, pela páz aveo fallar entom
Contra a malaventura o arteiro Ganelon:

« Senhor, triste aventura, além dos Pyreneos
Andar em prol de cães imiigos de Deus.
Pois nom ajades dulda: às fronteiras do norte
Ora assaltadas traz o Saxão bruto e forte.
De grado o poder vosso oh deve ser poupado
Quando hostes sem fim vos ameaçam o Estado.
Desi, creede, Senhor, em quanto aos Sarracenos
Sempre antre si rivaes, o seu poder he menos,
E nom he maravilha, um dia, sem espada
De os vêer reduzir a si medes a nada.»

Sem chus querer ouvir, ergue-se alli Roland;
Mostra no coraçom quanto he seu pezar grande:

— « Sabedes bem que a guerra he para nós sagrada;
Por guisa alguma a paz seja a cabo votada!
Seja tolheita Hespanha á vil mourisma perra,
E ao Crescente faça a Crux doorosa guerra.

Em quanto eu o Crescente em Hespanha hasteado vejo,
Certas, he para nos hũ gram dapno sobejo.
A guerra, quando ella he de boa puridade
Aos homens justos faz, dinos da liberdade.» —

Oliveiros, que sempre a Roland acompanha,
Alvidrou ja de pram pela guerra de Hespanha,
Como o maior amigo, outro hi nom ha assim;
Ancelin de Gasconha, Ogier e Turpin,
Tambem Thibaut de Reims, e Ricardo-o-Velho,
Henrique seu sobrinho, e Gerer, tal conselho
Os Doze Pares têm, pondo em remembrança
A gloria, o nome boo da bella e doce França.
D'aquelles Pares Doze alli nenhum é menos
Que a guerra se levasse aos increos Sarracenos.

Lançou o Emperador em roda seus olhares,
E disse a mui gram sen para os Doze Pares:
— Pois que o Roland quer, não por fólardimento,
A guerra, agouro creo de um feliz evento.

D'onde siia se alçou Ganelon, o contrairo:
«Eu duldo que Roland não seja sem desvairo!
Sabede, o invencivel Roland, o justador,
Falece en valentia: é perdido de amor.
A sua despedida agora bem miralda,
Vel-o-edes á partida ir beijar a mão de Alda.»

Oliveiros rugiu, vendo fallar da irmã;
Carlos Magno accorreu ao perigoso afan:

— E' certo que a Roland outorguei eu licença
De arreceber esposa Alda, em minha presença;

Mas, não sei rasoar, como o rijo guerreiro
Que invencivel foi sempre, a final prisioneiro
Quedou por tão immenso e repentino amor? —

Com simpleza Roland explica ao Emperador:

— « Na bocca de Alda um dia acaso eu diviso
Suave, encantador, ineffavel sorriso...
Sorriu-se para mim Alda... E desde aquella hora
Sem eu saber porquê, ficou de mim senhora.» —

VIII

Na mesa superior, da primasia
Assentara-se o Rei e a Rainha;
Em seguida o Enviado de Inglaterra,
Os Infantes apoz e o Condestavel,
O Chanceller, e o Bispo de Lisboa;
Logo os Mestres e os Commendadores
Das Ordens nobres, com os Conselheiros
Do monarcha, e os Doze de Inglaterra.
As outras mezas eram occupadas
Em volta, em bancos, pelos Escudeiros.

Tem a mesa das Damas na cimeira
Dona Isabel, a Infanta, (essa futura
Ciumenta Duqueza de Borgonha,)
A que á sorte tirou gratas divisas
Dos Doze de Inglaterra primorosas.

Não quiz o Rei que houvesse os Entremezes
De Jograes, nem as chufas, pantomimas
De chocarreiros e histriões, costume
Dos banquetes nas côrtes mais ruidosas.
Ordenou que os trovistas continuem
Uma recitação de feitos de Armas,
Propria só de banquete em um tal dia.

A Cantilena de Roland prosegue:

III

O PASSO DE RONCESVAL

Momento o mais atroz da sangrenta referta!
Quando Roland, absorto em pugna ardente, acerta
De passar junto ao bravo e impavido Oliveiros;
Para o irmão de armas diz:
«São teus golpes certeiros;
Só com o conto da lança a mourisma derreias;
Mas cercam-te esses cães em tredas alcateias!
Vencem-te, se Hauteclaire agora não brandires.
Convem que d'este passo a fios seccos te tires.»

Oliveiros batalha; e respirando a custo,
Volve para Roland:
— Por mim não tenhas susto.
Não dão tempo estes cães de levar mão á cinta.
Não as perdem! no ár hão de aparar a finta. —

E apenas pôde abrir uma clareira em volta,
De Hauteclaire sacou, e pelo ár a sólta;

A lamina refulge e o destroço espalha
Nas fileiras do rei, entre a suja canalha
De Marsillo, que pasma e espantado fugia.

Roland por outro lado a Durandal brandia,
Essa Espada que tem lavrados punhos de ouro,
Com reliquias que valem o melhor thezouro!
Nada ha que aos dois heroes o passo audaz lhes vede,
Rompendo a hoste cerrada ao odiento Mafamede;
Vendo bravura tal, seguros dos revezes
Consideram-se os leaes Cavalleiros francezes
Como quem está dentro em um firme baluarte.

Roland ao lado esquerdo olhou! subito parte,
N'um instante transpõe, valles, invios outeiros,
Vendo a espessa mourisma em torno de Oliveiros,
E o berreiro infernal de basta chusma infinda.
A espada Hauteclaire no ár fulgia ainda,
Mas seus golpes mortaes nem todos têm emprego,
Cahindo de alto a baixo em pancada de cego.

Seguiu para esse lado; a Oliveiros acode,
O irmão de armas salvar promptamente elle póde.
Mas lançada violentà atravessou-lhe as costas,
Por onde o sangue escorre e se coalha ás póstas!
Oliveiros no emtanto, exangue, a espada núa
No delirio da sanha a brandir continúa,
E emquanto sente vida o braço seu não pára.
Perto d'elle Roland tremendo golpe apára...

— Aqui tens teu irmão! — Com ternura elle exclama:
«Es tu, Roland? Perdôa! (E para si o chama.)
Eu já não vejo a luz, eu já nada conheço.
De novo, inda outra vez, Roland, perdão te peço.»

E esvaindo-se em sangue, ao cahir o susteve
Docemente Roland, que as lagrimas conteve.
Sobre a relva o deitou; desprende-lhe a viseira,
E enchendo Oliphant na propinqua ribeira,
Lavou-lhe com piedade o affogueado rosto;
Fitando-o algum tempo em insondavel desgosto,
Fallou Roland a sós, dizendo d'esta sorte:

— A irmandade heroica em vida e além da morte
Nós jurámos os dois! Eis-te morto; d'esta arte
Está tudo acabado, e eu não posso faltar-te.
A raça vil de Agar, conhecendo-me firme,
Só pela tua morte ousou assim ferir-me;
Covarde, torpe, abjecta, e nojosa e damninha,
Descobriu a final que tua morte é a minha!—

Voltando o terno olhar para o lado da França,
De Durandal beijar as reliquias não cansa,
E como que a oração derradeira fazia!
Depois, com decisão para o valle descia
A affrontar de Agar as turmas traiçoeiras,
Que fogem perante ell' como ao vento as poeiras.

Não vendo já de pé Cavalleiros francezes,
Indomavel e só, vae d'encontro aos revezes,
Arrazando o tropel sem fim dos Africanos.
Não pode a Durandal com seus golpes insanos
Sobrepujar alli o numero sem conta.
Oliveiros é morto! A Roland tudo aponta
As lanças; cada qual busca embargar-lhe os passos,
Da vida vende caro os momentos escassos,
E como quem se arroja á insondavel voragem,
Bradando com desdem, cae:
— Fartar, villanagem!—

IX

Terminado o banquete apparatoso,
Que de cinco cobertas era, e ainda
De mais cinco serviços cada uma,
Vem aos convivas doces delicados,
Aromaticos vinhos, malvazia,
Moscatel! andam pagens com toalhas,
Bacias e gomis de prata fina,
Em que abluem as mãos os convidados.

Os varletes as mezas levantaram,
Ficou a sala para a sessão prompta;
Agruparam-se as Damas ladeando
A Rainha; os colloquios, os segredos,
Os rifões se entrecruzam saborosos!

Interrompem-se subito as conversas.
Satisfeito se mostra o Rei, quando entram
Os trovistas com nova Cantilena,
E á Estoria de Roland põem remate:

IV

O ECCO DE OLIPHANT

Carlos Magno voltara á sua côrte d'Aix,
Pensoso, amargurado, e bem triste, bofé!
Melenconico vem d'essa empreza da Espanha,
Onde leixou ficar sua melhor companha.
Ora em chegando á côrte ouviu soar distante
Trinta leguas ou mais, a corneta Oliphante.

Dixi entom para si:
— Certo he isto signal
Que meus Pares estão a esta hora em transe mal. —

N'essa hora sestra a aaz em que Roland vinha,
Passando em Roncesval, um fraguedo a detinha,
Que rodou da montanha atá o váo profundo;
Apoz aquelle vem das alturas segundo,
E mais, e mais e mais, sem valer afouteza
A' gram cavalleria e á bravura franceza!

Socorro o Emperador mandou a Roncesvalles;
O horror quem saberá contar de tantos males!

Os que voltam de lá, contam que os Doze Pares
Todos mortos estão em teebrosos algáres,
Teendo em volta de si os corpos dos imiigos,
Que talharam assi e formam seus jazigos.

Via-se alli Roland estendido no outeiro,
Abraçado ao montante, o fido companheiro,
Durandal, a melhor das melhores espadas!
Nos cópos ainda tem as reliquias sagradas.
Roland poude-a britar escontra uma pedra
Em duas! Bem parece as Taboas da Lei vedra;
Soube-a assi salvar das mãos dos Sarracenos!

Alda, vem attrahida aos estranhos acenos
Que faz o Emperador, que as barbas arrepela!
Vem novas de Roland demandar a donzella.
Vendo a espada partida, esmaece em palor,
Ao throno se chegou:
«Que novas daes, Senhor...»

Carlos Magno estremece, e balbucia apenas:

— Roland, ao combater as aazes sarracenas,
Ante uma vil treiçom que o quiz fazer escravo,
Preferiu á affronta o morrer como um bravo.
Despediu-se com dôr da sua *Durandal*,
Que espedaçou de um golpe em fraga em Roncesval;
E ao cahir com valor entre tanta matança,
Não se esqueceu de dar o adeus ultimo á *França*,
De encommendar tambem alli sua alma a *Deus!* —

Alda tinha no chão fitos os olhos seus.
Esto asculta a donzella... ende lhe pezou muito!
E como em terra cae da alvore um fruito
Abanando o suão, caiu dizendo assi:

« Não entendeu Roland espedir-se de mi...
Sei quanto elle me amava! é que a morte lhe lembra
Que á campa o seguirei e para a Gloria ensembra! »

Nas entradanhas d'alma infinta e aguda é a door;
Alda caíu passada aos pés do Emperador,
Illuminando a face o angelical sorriso
Que em Roland sogigou alma, valor e juizo!

X

Nos Paços do Castello assim findara
A festa esplendorosa; na alvorada
Do novo dia se effectua o embarque
Dos Onze de Inglaterra. Sobre a antena
A Frol da Rosa, a náo gentil balança.

Oh poeticos momentos da partida!

CANTO VII

A NÁO FROL DA ROSA

I

Da parte de El-Rei, ordem por escripto
Deu-se ao Capitão-mór do mar, que prompta
Tivesse a Frol da Rosa apparelhada,
A Frol da Rosa, a náo velleira e linda,
Para em breve sarpar. Sob o commando
Vae de Affonso Furtado; ella é que leva
A bizarria pura, os Cavalleiros
Que vão ao praso instituido em honra
Da feminil fraqueza em Inglaterra.
De bellicosos animos, são Onze
Que embarcam; o duodecimo do grupo,
Magriço, por alcunha, ousado e franco,
Recebera especial Salvo-Conducto
Pelo punho do portuguez monarcha
Assignado, e aos Reis todos dirigido,
Aos Principes da Europa e Christandade,
Para que o deixem proseguir por terra
No cumprimento de um piedoso voto,
Sem que lhe empeçam seu caminho, e chegue
No dia assignalado á Côrte ingleza.

II

De Ricardo Segundo de Inglaterra
A confidencial Carta recebera
O rei Dom João Primeiro . .
Em consequencia
D'essa missiva, que, secreta, envolve
As bases de um Tratado de Alliança
Que interessa aos soberanos ambos,
Vão n'esta viagem dois Embaixadores.
Antes do embarque alegre e auspicioso
Dos Onze Paladinos, que dão lustre
A' nossa Lusitania, sem ruido
Já da Náo Frol da Rosa estão a bordo
O Doutor Martim D'Ocem, homem grave,
E João Gomes da Silva, encarregados
Da missão delicada, mas occulta,
De assignarem as bases do Tratado. . .

Que habil estratagema! Emquanto sôa
Pelo mundo o insolito alvoroço
Da Expedição dos bravos Cavalleiros,
Que vão desaggravar da Côrte ingleza
As gentis Damas, por formal convite,
A Hespanha, a França e a Escocia ignoram
Esta partida dos Embaixadores,
E interesses que as duas Côrtes tratam!
Até mesmo os Chronistas abastantes
D'esse Tratado ignorarão a letra.
Presentimentos da Diplomacia. . .

III

Para a Náo Frol da Rosa são levados
Differentes caixões com prata em barra,
Emprestimo de El Rei Dom João Primeiro,
Que envia ao sogro, o Duque de Lencastre
Sempre faustoso e sempre perdulario.
E' nobreza dever! Aquelle feudo,
Ou mal paradas dividas do Duque,
O Védor da Fazenda desconhece.
Como o burguez bom senso, que domina
Esta edade da prosa, que se esboça
Por entre Emprezas de Cavalleria,
Mistura a conveniencia e o heroismo!

IV

Na Egreja de San Domingos, rito
Da Ordem Santa se cumpria exacto,
Armas velando os Doze Cavalleiros!
De confissão ouvidos, commungaram;
Tendo a episcopal benção recebida,
Vão descendo o Rocio ao mar, embarcam.
Tropel, chusma de povo e de fidalgos,
Que os seguiam frementes de alegria,
Choram, vendo abraçar á despedida
Os companheiros onze o Cavalleiro

Que em terra fica, e que por terra parte.
Momentos de emoção! E quanta inveja
Sentem os que não vão n'esta aventura
Por arbitrio da sorte repellidos!

Das janellas as damas acenavam
Com lenços de cambraia; enviam beijos
Por felicitações da despedida,
Aos sinceros e bravos Paladinos
Que pelo Amor ainda a morte affrontam.
A la moda da terra, entre descantes
O povo em bando vae á borda da agua,
Tambem honra a cidade o bota-fóra,
Uma dança mourisca de retorta,
E a Judenga fazendo arremedilhos.

V

Postrimeiro de Março. Desfraldaram-se
As velas da formosa Náo ligeira
Frol da Rosa; eis a antêna já suspensa.
Galerno e de feição o vento infuna
O panno largo.
Ao mar!
Váe rio abaixo,
A altiva, a apercebida companhia
Dos Cavalleiros Onze de Inglaterra.
Andados muito ao largo, inda se avista
Toda a Serra de Cintra, que se esfuma
No azul saphira do horisonte infindo
Como a infinda saudade que suscita.

Vêem só mar e céo!
São quatro dias
Desde que as terras da querida Patria
Aos olhares attonitos se ocultam.

Subito um nevoeiro espesso e frio
Diffunde-se nos áres, vae cerrando
Opacamente o céo e o horisonte!
Parece que um encantamento envolve
Agora a Frol da Rosa, e que entre as vagas
Do Oceano insondavel vae perdida.
E' pelos Capitães do mar nomeado
Sempre Affonso Furtado como o nauta
Que mais vezes tem feito a travessia
De Inglaterra; com elle vão seguros.
Mandando navegar a todo o panno,
Sem temor de parceis, tem confiança
No roteiro que leva.
O nevoeiro
Mais denso ainda, temeroso dura
Mais um dia; torna a viagem triste,
Aborrecida, inquieta, provocando
Nas imaginações terror do ignoto!

VI

Eis que através d'esse humido sudario
Manchas divisam no horisonte largo,
Azuladas, escuras, permanentes!
Serão nimbos caliginosos, prenhes

De granizos, de raios, de borrascas?
Os Cavalleiros que na tolda vagam
Da não arfando, sempre em passo incerto,
Com interesse inquirem, reflectindo:

— Por ventura serão aquellas manchas
Terras de bruma, já por nautas vistas,
Signaes certos das *Ilhas empoadas*
De que nos falla o povo?
«Ah, essas Ilhas
Pelo Mar Tenebroso, mysteriosas,
Existem espalhadas! Portulanos
E Periplos antigos as descrevem.»

Discute um outro grupo a mesma these:

— Por certo que os Antigos, que deixaram
De *Ilhas Afortunadas* a noticia,
E da famosa *Antilia*, não quizeram
Enganar os vindouros com chimeras!
«Que bello campo de bravura e heroismo,
Percorrendo este incognito Oceano,
Affrontar destemido as tempestades,
Parceis, restingas, syrtes e baixios,
Monstros marinhos bem maravilhosos,
E a descoberta obter de tantas Ilhas! —

Alvaro Vaz de Almada aos companheiros
Diz n'um sorriso cheio de confiança:

— Virá tempo, em que não achando em terra
Os Cavalleiros condição de lucta
Em prol do triumpho do Valor, da Honra,
Ao mar se arrojarão, á descoberta

De novos Mundos! Uma tal empreza,
No audaz combate contra os elementos,
Quanto não é mais digna, grande e bella
Que o vil assalto de homem contra homem! —

O horisonte fitando, então reparam
Que os azulados pontos, que parecem
Ilhas á mente escandecida, agora
Se conglobam. Semelha um continente!

— Será a *Antilia* o que ora estamos vendo?
Ou as *Sete Cidades* pela prôa?
«Se fossemos lá ter casualmente!
D'ella falla Platão, segundo affirmam
Homens cultos de acerrima leitura.
— Mas, quem hade dar credito e assenso
A pagãos escriptores, de uma edade
Que a luz da fé não tinha esclarecido?
«Sim, a Egreja na tradição conserva
A memoria d'essa encantada Ilha;
E é bem certo que quando os Sarracenos
Nas Hespanhas entraram, trucidando
Povoações, e destruindo tudo,
Um Bispo conseguiu que o seu rebanho
Refugiado em barcas aportasse
A essa Ilha, onde em paz segura e pia
A fé christã manteve e a sua gente. —

Malicioso volveu um Cavalleiro
Lido nos poemas da galanteria:

— A *Ilha de Avalon* já me parece!
«A Ilha de Avalon? Aquella Ilha
Para onde, arrebatado da batalha

Foi, mal ferido, o Rei Arthur? e d'onde
Hade surgir lá em vindouros tempos
Vindicando aos Bretões a liberdade?

Todos, crentes, reforçam a lembrança
D'esse Cyclo da Távola Redonda;
Do Santo Graal as lendas tambem vieram;
Animam a conversa aos Cavalleiros
Que da viagem vae tomando o tedio.
Fallam da Espada magica chamada
Escalibor, que o Rei Arthur brandia;
A Espada do Condestavel lembra,
Pelo armeiro de Santarem forjada,
De tempera invencivel:
— Emquanto ella
Fôr brandida por mão leal, ah! nunca,
A Patria nunca de outrem subjugada,
Portugal sua independencia perde! —

Olha o Capitão-mór do mar sombrio
O Doutor Martim d'Ocem, e contendo
Um sorriso sarcastico, murmura:

«Não me temo de uma invasão armada,
Inda que pelo proprio rei pedida;
Nem que abandone ao inimigo o povo!
Mas Portugal só tem a arrecear-se
Dos Tratados! d'essa ardilosa rêde!
Doutores, Bachareis podem tudo hoje...

Ninguem comprehendera a ironia.

VII

No entretanto o ár se purifica,
Limpida a atmosphera mais se acclara;
Serenidade immensa pelo espaço!
Era um gosto a viagem. Parecia
Que a flux derrama o sol palhetas de oiro
Pela amplidão oceanica; balançam
A Frol da Rosa no seu ésto as vagas.
Eis no horisonte esboça-se uma nuvem,
Toma o aspecto de um Baixel! em breve
Mais distincta, navega no sentido
Da linha norte sul; já parecia
Que vinha a aproximar-se! E' certamente
Um Baixel? Ao olhar se representa
Infunado o velame, audaz singrando...
Que nação tem navio de tal grandeza?

— E' o *Baixel-Phantasma!* (O Mestre brada,
Affrontando o terror da marinhagem.)

Quem ha que ignore essa medonha lenda?
Errante anda nos mares o navio,
Cujo piloto, solitario e mudo,
Foi condemnado á maldição tremenda
De poder atracar jámais á terra...

«Não terá fim tal fado?
— Dura, emquanto
Esse Piloto do *Baixel-Phantasma*
Não encontrar um peito compassivo

De mulher, a quem dôa a negra sorte,
Com desinteressada affeição pura,
Com amor só piedade, e não desejo. —

«Mal de nós todos (exclamou o Mestre)
Se o que vêmos n'esse horisonte, longe,
E' o *Baixel-Phantasma!* andando sempre
N'esta volta do mar, todo o navio
Se acaso o encontra ficará perdido
Irremissivelmente na tormenta!»

Nota o Capitão-mór do mar, com calma:

— Olhando bem, o nimbo se esvaece;
Já de um baixel a fórma não conserva!
Que maravilha! Ia jurar que a Barca
E' de San Brèndan...
«Mas que bom presagio!
— Desconhecidos mares sulca errante
O santo Monge, das regiões do Norte
A sós até ao Sul, contemplativo,
Nas maravilhas do Creador absorto,
Dôces psalmos resando ao som dos ventos,
Das auroras boreaes á luz divina! —

Volve o Capitão-mór do mar:
— Ao menos
Não quererá San Brèndan que se perca
Esta Náo Frol da Rosa. O escuro nimbo,
Pelo que entendo, accusa no horisonte
Signal de repentina tempestade!

Não ha tempo a perder para as manobras.

VIII

O mar se encrespa; com aspecto plumbeo,
Pesado o ár, já se respira a custo;
Desenfreado na enxarcia o vento silva.
Encastellam-se as alterosas vagas,
Cavando abysmos que de subito enchem!
Por grossas cordas de agua mais se torna
Horrida a escuridão que o dia obumbra,
Que o raio corta quando chispa e estala.

Falla o Capitão-mór do mar, sereno,
Homem experimentado n'estas fainas:

— Não era a *Barca de San Brèndan!* Menos
Esse *Baixel-Phantasma* pavoroso;
E' signal a borrasca que se accalma
Proximo ás costas de Inglaterra estarmos! —

N'isto, como se alampada suspensa
Dos céos baixando viesse lentamente,
Como as linguas de fogo, que desceram
No Cenaculo, illuminando as frontes
Dos Apostolos, — sobre os altos mastros
Da Frol da Rosa poisam sobre os tópes
Duas ambulas de uma luz suave!
Com espanto bradou a marinhagem:

— E' Santelmo! é o fogo de Santelmo!
Salve, sacro prenuncio da bonança! —

Torna o Capitão-mór do mar:
— Bem disse;
Podeis estar seguros, que a passagem
Pelo Canal terrivel de Inglaterra
Hade ser venturosa. —
Martim d'Ocem,
Todo cheio de erudição antiga,
Observando o phenomeno, explicava:

— Pagãos poetas contam que o Santelmo,
Como lhe chamam hoje os mareantes,
Eram os dois Irmãos Castor e Póllux,
Que apparecendo dos baixeis nos tópes,
As viagens tornavam favoraveis. —

Interrompe-o o Capitão, querendo
Mostrar quanto conhece as maravilhas
Que se contam do mar:
— Na voz do povo,
Dois Irmãos hão de um dia dirigir-nos
A's maritimas, grandes descobertas,
Se as emprezas do Amor, que pelas Damas
As vidas sacrificam, se mudarem
Pelo ideal da ditosa Patria terra. —

IX

O sentido das nitidas palavras
Não foi n'aquelle instante comprehendido;
Que a attenção de todos quantos vagam
Sobre o convés, ao mar, ao mar converge!

A' prôa do navio anda fluctuando
Pequeno objecto, que nem todos vêem,
Que uma curiosidade immensa excita!

Era um frasco arrojado ao mar, acaso,
Com mão angustiada! Já se empenham
Em apanhar o exiguo objecto estranho.
Conseguiram; é certamente um frasco!
Bem rolhado, não penetrado da agua.
Abriram-no: um papel continha dentro,
Com vacilantes letras mal traçadas
Em lingua ingleza! Lêem com espanto:

«Deixou por mim a formosissima Anna
Familia, e com confiança
Ambos buscamos pelo mar a França.
A tempestade insana,
Os ventos insoffridos,
Nos levam para inevitavel morte!
Ninguem deplore a sorte
Que ameaça aos já de tanto amor perdidos.»

Essas palavras commoventes enchem
De assombro os Cavalleiros! Que aventura
Bem singular esse papel revela!
Não está assignado; quem penetra
Da realidade o inesperado enigma?
Mais a imaginação ardente exalta
O caso, áquelles que ora em Inglaterra
Vão sustentar do Amor galante Empreza,
Quando a Europa se affunda em crassa edade
De interesses burguezes, legaes, chatos.
O que ha que exceda essa surpreza enorme
Que a mente enleia a todos...

X

— Terra! terra! —
Lá do cêsto da gávea, jubiloso
— Terra! — brada o gageiro, olhando ao longe.

«Terra!» cada qual clama alegremente
Por vêr que vae findar a travessia;
A' amurada se encostam prescrutando.

Falla o Piloto:
— E' terra! e conhecida;
Costas de Cornouailles avistamos.
Breve iremos surgir a salvamento
Na barra de Plymouth. E que distancia
Entre Plymouth e Londres não medeia!
São noventa e tres leguas, por estradas
Em que ha ladrões... O mar é mais seguro.

CANTO VIII

O VOTO DO MAGRIÇO

I

Emquanto singra ufana, mar em fóra
Veleira a Frol da Rosa a todo o panno,
Do voto fervoroso, que fizera,
Em cumprimento, a pé e só, por terra
Parte Alvaro Gonçalves, o Magriço.
Certo, o Rei lhe outorgou Salvo-conducto;
Mas, quem na crise hodierna desconhece
O perigo de estradas, máos encontros?

Quantos viam passar o peregrino
N'um pensamento piedoso absorto
De visitar o augusto Sanctuario
Ao pé dos montes Guadalupe sito,
De contemplar a milagrosa Virgem,
Com commovente sympathia exoram
Que os encommende á radiante imagem!
A Virgem! de ineffavel suavidade,
De um mundo novo era a ideal aurora,

Para os Sabios, como Raymundo Lullo,
Para os Poetas, em hymnos exaltados,
Para os Artistas em estatuas bellas,
Da Humanidade o symbolo perfeito!
Emquanto esta expressão de graça e magoa
Enleva as almas simples, degladiam
Sordidos mendicantes Franciscanos,
Contra os Dominicanos prégadores,
Intransigentes, furibundos, rubros,
Do Immaculatismo impondo o Dogma!
O sentimento religioso e puro
Longe estava da Egreja; vivo brilha
Na popular e ingenua singeleza.

II

Pisa Magriço o territorio hispano;
Na região de Cáceres entrava,
Que fez parte da Lusitania, a antiga.
A leste, á falda de alterosos montes
De Guadalupe, alastra-se a cidade
Que d'elles toma o nome; já se avista
Rica Abbadia de Hieronymitas,
Fundada para ser o Sanctuario
Da perstigiosa e singular imagem
Desde o tempo dos Mouros escondida,
Por crédulos pastores descoberta!
Ao entrar na cidade ao Cavalleiro,
A multidão os passos lhe embaraça!
Era a indomita, a curiosa turba,
Que escutava um jogral. Magriço pára,
Quer ouvir as corrandas, as rondenhas,

Cantar, que vagamente lhe recorda
Cousas de Portugal: A Canção anda
Pelas côrtes de Hespanha repetida;
Compôl-a um poeta portuguez fidalgo,
João Lourenço da Cunha, por vingança
Contra o Rei Dom Fernando, quando a esposa
Leonor Telles lasciva lhe raptára.

III

Sobre a intriga da côrte, largos annos
Tem passado; que voltas dá o mundo!
Lembra-se o povo do fidalgo ainda
Que trazia por timbre córnos de ouro;
Todos folgam de ouvir a Canção velha.

Ao som da sanfonina o Jogral canta;
Com malicia as estrophes accentúa:

Ay, Donas! Por que tristura
Hay tomado por empreza
Cuernos d'oro en la cabeza
Juan Lorenzo d'Acuña?

Ay, Donas! La Flôr de altura
Hermosa Dona Eleonor,
Tomól-a el Rey su Señor
A Juan Lorenzo d'Acuña.

Tienen la misma hechura
Ambas las coronas d'oro;
Pues tienen egual desdoro,
Ay, Donas! Por qué tristura?...

A multidão rompera em estridentes
Ondas de gargalhadas; percebia
As ironias do Jogral, e ignora
Qúe acceso é o odio entre as duas Côrtes!
Imperturbavel, seu caminho segue
O peregrino, e chega ao vasto alpendre,
Galilé da Abbadia sumptuosa,
Onde em tropel os férvidos devotos
De remotas regiões aguardam mudos
Que do Sanctuario as portas se franqueiem.

IV

A multidão irrompe. Quando os passos
Lá para o altar da Virgem dirigia
Fervoroso Magriço, a prestar culto,
Cumprindo o voto, que de longe o move,
Profano pensamento a alma lhe assalta:
Um tumulo soberbo e portentoso
Vira á entrada da egreja, com letreiro
Todo em ouro, dizendo:

SEPULTURA

DE DOM DINIZ...

E affirmando a vista

Lê: REI DE PORTUGAL. =

Que estranho caso!

Riu-se Magriço com desdem do embuste
Que assim explora a Historia com mentira.
Veiu o Rei Dom Diniz, quando criança,
Em visita ao Avô Affonso, o Sabio,
Para alcançar do feudo a Castella
Libertação do portuguez Estado.
E contemplando a sumptuosidade
Do tumulo real, que tanto o intriga,
Foi ajoelhar-se do altar-mór em frente,
A face em terra, humilimo, contricto.

Feita a esmola, descerra-se a cortina
Que velava da Virgem o semblante
Que Magriço adorou, maravilhado
Da belleza, que suavidade infunde
Na mais vehemente dôr! Alli se lembra
Da Divisa, que em sorte lhe coubera,
Que em si encerra um mystico sentido:
— *Plus est belle qu'ymage!*
Não se cansa
De contemplar o rosto compassivo,
Plena expressão de amor e de piedade;
E meditando na coincidencia
Da mysteriosa letra, o peregrino
Em extasi ineffavel permanece;
N'um rapido momento se affigura
Que a Virgem com sorriso lhe fallava
Na tacita linguagem sobrehumana,
Vago segredo e melodia pura:

«De longe, a visitar o meu Sanctuario
Vieste; eu quero em paga do teu culto
E devoção ardente, que em tua alma

Leves a segurança e fé, que — *Nunca*
Portugal a Castella seja unido!
Debalde, sobre os campos de batalha,
Quer pelos casamentos principescos,
Juramentos de herdeiros desde o berço,
Felonia do Clero ou da Nobreza,
Debalde essa juncção será tentada!
Dois monarchas de Portugal e Hespanha
Em epoca vindoura ao meu Sanctuario
Em romagem apparatosa vindo,
Para encobrir dynastico conluio...
Improficua traição — *Portugal nunca*
Será unido ao Reino de Castella.»

Magriço acorda do extasis; successos
Que se esboçam na tela do futuro
Sobre as duas Corôas não penetra.
E terminada a oração piedosa,
Agradecendo á Virgem tel-o ouvido
Ao ser eleito no serão de Cintra
Um dos Doze, que vão ao Passo honroso
De Inglaterra, contempla com assombro
A riqueza de innumeras offertas
Que as paredes adornam do Sanctuario!

V

N'isto, sae da penumbra um Cavalleiro
De catadura austera, e até maligna,
De um recanto onde estava; ao seu encontro
Vem n'um tom provocante, assim clamando:

— Peregrino! Que riso em vós suscita
O tumulo real com que topastes
Aqui á entrada d'este Sanctuario?

« Um embuste, que não erro de Historia!
(Volveu Magriço, em lingua portugueza.)
Nos Chronicões ainda os menos lidos,
Sabem que a Dom Diniz, rei, que a cultura
De Portugal levou a grande extremo,
Só portugueza terra os ossos cobrem.»

O Cavalleiro de sombrio aspecto
Respondeu com rancor:
— Vindes de longe,
De Portugal, talvez? Ah, não me admira
Que ignoreis factos d'estes, importantes.
Esse Rei Dom Diniz, que ahi jaz perto,
E' meu irmão; como eu tambem foi filho
Do Rei Dom Pedro, dito o Justiceiro,
E da formosa e sempre lamentada
Morta e Rainha Dona Inez de Castro,
Que o mundo proclamou *Collo de garça!*
Primogenito filho, Diniz era
Lídimo herdeiro do glorioso throno
De Portugal, roubado infamemente
Pelo Mestre de Avis, bastardo, á sombra
De uma revolução do povo ignaro.—

Depois de pausa suffocante, brama
Em colera espumando, irrefreavel:

— São os bastardos sempre uns intrigantes.
Sei que o Mestre de Avis para manter-se

N'um throno, que de herança me pertence,
Morto El Rei Dom Diniz, vilmente busca
Hoje a alliança de Inglaterra, a preço
De abjecto feudo que a nação deslustra...
Emquanto ando eu no exilio, na indigencia! —

Magriço ouvira com espanto o caso,
Mas, resoluto e bruscamente inquire:

« Ah, sois vós, Cavalleiro, ao que deprehendo,
Aquelle Infante Dom João, que em tempo
Assassinou a innocente esposa
Dona Maria Telles? em Subripas?
No seu paço, em Coimbra! e só movido
Pelo empenho de um outro casamento
Que o approximaria mais do throno! »

As palavras pausadas de Magriço,
Como chuva de fogo cáem sobre
O infamissimo Infante, ora indeciso
Na expansão que hade dar ao vão despeito.
Um duello de morte á mente occorre!
Melhor, assassinar o peregrino
Nos desertos caminhos que atravessa!
N'este rancor, que a indecisão exalta,
Mais o incita agora o vêr presente
Um fidalgo da côrte do glorioso
Mestre de Avis, que tanto, tanto odeia!
O que fará?
Fortuita circumstancia
Vem dar remate á collisão violenta.

VI

Um joven Cavalleiro, tez morena,
De um olhar que a fascinação infiltra,
Com expressão de seductora graça,
Appareceu no limiar do templo!
Quem era?
Dom João d'Eça! assim chamado,
Por ter da assassinada mãe nascido!
Eça funerea lhe serviu de berço;
Por aventuras loucas já nomeado
O moço em mil amores desenvoltos,
Pela vida de crápula, que leva!
Um demonio da sensualidade!
Dom João! este nome é já no mundo
Symbolo da volupia irresistivel.

O pae, ao vêl-o, avança ao seu encontro,
Tem n'elle o exclusivo pensamento;
Sem levantar os doéstos de Magriço
Sae do templo, entre dentes murmurando:

— Bem castigado estou com este filho,
Para deshonra eterna do meu nome.—

E sahiram os dois do Sanctuario
De Guadalupe, por impulso estranho
De um desvario indomito levados.

VII

Para memoria da Romagem santa,
Obtem Magriço em troco de uma joia
De gram valia, um lirio da Corôa
Da Virgem, murcho embora, e resequido;
Crê n'elle ter um talisman sagrado
Que de incertos perigos o defenda!

Cumprido o voto, ao Cavalleiro occorre
Que a Cidade do Porto é designada
Por popular e pia antonomasia
A Cidade da Virgem! De lá partem
Galeões e urcas com mercadorias
Para Inglaterra; para o Passo honroso
D'alli seguir viagem promptamente
Poderá. De mais, consta que no Porto
Vive santa mulher *Emparedada*,
Que nas orações suas tem virtude
De propiciar a sorte.
Leva os passos
A' Cidade da Virgem; para o Porto
Caminhava Magriço noite e dia.
Mal transpoz uma ponte, ainda perto,
Subverteu-se-lhe instantaneamente!
Não o aterra o successo, attribuindo
A salvação ao talisman do lirio
Da Senhora de Guadalupe; e segue
Com mais coragem na veloz jornada,
Por caminhos asperrimos, desertos.

VIII

Torre altaneira ao longe que negreja.
Irá pedir alli pousada? Marcha,
Vae avançando, a aproximar-se; acaso
Passava uma serrana, conduzindo
Brancas ovelhas pelo atalho; inquire:

«Que Torre é essa além, no alto do monte?»

A serrana responde, e aponta a medo,
Com o rifão que diz na voz do povo:

— A Torre da Madorna;
O que lá vae não torna.—

Magriço considera:
«Ah, não tivesse
Eu praso certo para estar em Londres!
Embrenhava-me aqui n'esta aventura.
Para a edade da Burguezia vamos,
Que o bom senso á Cavalleria incute;
Mas nunca faltará no mundo ensejo
De arrojadas, intrepidas emprezas!
Admiram-se hoje as Grandes Companhias.»

IX

Proseguindo o caminho, um outro encontro,
Um Cavalleiro de jovial semblante;
Já vira em qualquer parte aquelle rosto!
Aonde?
Reconhece-o:
Dom João d'Eça,
Que em Guadalupe quasi a furto vira.
Que fará por tal ermo o Cavalleiro?
A caça das mulheres é que o agita;
Aventuras de seducções o absorvem.

Fallou-lhe:
— Vou correr esta aventura
Da Torre da Madorna, que imagino
O Castello de Klingsor afamado
Por Minnesingers da Allemanha, estancia
Onde existe o prazer que se deseja,
E o desejo que nunca mais se applaca.

« Mas, reparae, senhor! (Volve Magriço)
Que aquelle que lá fôr, nunca mais torna!

— Por isso mesmo eu tento esta aventura.
Sou como o Caçador feroz da lenda,
Sigo no mundo uma outra caça; é bella
Mais, quanto a morte inesperada a ameaça.
Caço mulheres. Não me escapa uma!

Na Torre da Madorna, como contam
Até da infima gente as aravías,
Uma Dama ha, por nome de Gayarra,
Que attrae os homens, a quem faz amantes,
E do prazer no cúmulo os degola;
Quer a ejaculação do horrendo transe!
Requinte de volupia, que eu ignoro.
Desde o atrio á setinosa alcôva,
O palacio da insaciavel Dama
Está cheio de ossadas alvacentas
Dos homens, que em seu thalamo fruira.
Não sou eu Dom João? por isso quero
Sentir essa emoção desconhecida;
Provar ahi o meu lethal perstigio.—

Dom João d'Eça separa-se em delirio
Do peregrino em direcção á Torre!
Para o mal o guardava o *Diabo-Venus;*
Que de lá tornou breve, todos sabem
Pelas mil aventuras pelo mundo
De amores de uma erotica nevrose.

X

Sem inquirir das terras que atravessa,
Na faina da jornada preoccupado,
Pelo curso do Douro dirigido
Na Cidade do Porto entrou Magriço;
Cuida présto embarcar para Inglaterra.

Quer consultar primeiro a *Emparedada.*

N'uma gruta, na encosta das Virtudes,
D'onde se alcança a barra, o mar immenso,
Era grande o perstigio da creatura
Em vida sepultada!
Que peccado,
Ou que pesar a trouxe a tanto extremo
De renuncia completa? Ninguem sabe.

Magriço foi uma oração pedir-lhe,
Bem crente na efficacia; elle deseja
Chegar a Londres no prescripto praso;
E contando, que vem de Guadalupe,
Dá-lhe o lirio da Virgem, que trouxera.
A *Emparedada* beija o lirio secco,
E tornando-lh'o a dar, Magriço vira
Um rosto de mulher encantadora
De inegualavel distincção, que a medo
Se occulta na soturna e escura gruta.

A *Emparedada* ouviu contar-lhe a Empreza
Que convocara á Côrte de Inglaterra
Os Doze portuguezes Cavalleiros;
Com intensa amargura ella exprobava:

— Para que servem essas aventuras
De amor profano? Os nossos Cavalleiros
Não sabem, não, em que gastar o heroismo.
Sobre este territorio das Hespanhas,
Os contrarios da Cruz vencidos quasi,
Resta ir bater os mesmos inimigos
No seu reducto natural, destruindo
Na Africa adusta todas as mesquitas. —

Ficou Magriço mudo e pensativo
Com a vehemente suggestão; e vendo
Que um nevoeiro espêsso do mar vinha,
Cerrando tudo em volta, e a estreita barra,
Pergunta á *Emparedada:*
«Se do Porto
Conviria partir para Inglaterra
No primeiro navio?...»
Ella responde:
— Pelo poder da Oração te digo,
Quatro a seis dias o nevoeiro dura,
Nenhum navio a barra sáe; perdido
Será todo esse tempo. O mais seguro
E' o Caminho de San Thiago; parte,
A Compostella chega, e em penitencia;
De lá terás todo o caminho franco.
Mas, recordo-te o popular ditado:

Se vaes a San Thiago
Não te esqueça Padrão,
Para alcançar o pago
Da peregrinação.

Ahi, n'essas campinas viridentes
Entre o Sar e o Ulla, existe a penha
Sobre a qual o Apostolo prégava,
Quando se viu rodeado, repentino,
Pelos soldados do pagão Philetro.
A penha abriu-se o Apostolo escondendo;
Junto d'ella é a bocca da Caverna,
O consagrado azylo, aonde se desce
Em vigilia de expiação contricta.
Ou na vida ou na morte todo o homem
Tem de entrar na Caverna mysteriosa!—

XI

Assombrado por tudo quanto ouvira,
Para a Galliza o peregrino segue,
Entre ranchos alegres, que á romagem
De San Thiago, em canticos, caminham.
Um d'entre elles abeira-se a Magriço,
Atalho indica, que a jornada encurta;
Mettem-se ambos por elle, é noite escura,
Vão dar a Salamanca, celebrada
Pela Universidade sapiente,
Mais ainda pelas medonhas *Covas*
Onde os Pactos diabolicos se assignam
Com o sangue do braço.
Em horas mortas,
A tuna turbulenta de Escholares
De intrepidos Sopistas, passa rindo.
Fingindo os cathedraticos entonos
Da lição ostentosa e pedantesca,
Canonista fanhoso, em tom de mofa,
Com gravidade doutoral recita,
Como Apostilla ao Mandamento nono:

Um Franciscano, grosso e corpulento,
Prégando sobre o nono Mandamento,
Atacava o peccado
Horrendo do Adulterio!
Diante do auditorio embasbacado,
Pespega um casuistico argumento
Em tom convicto e sério:

— Irmãos meus! (alto brada;
E erguendo mais a voz de cada vez,
Com uncção vocifera):
— Antes peccar quizera
Com dez, vinte donzellas cada mez,
Seria a expiação menos severa,
Fôra-me a culpa menos carregada,
E faria á minha alma menos damnos,
Do que uma só vez ter, dentro em dez annos,
Trato illicito com mulher casada! —

Entre a tuna imperterrita retumbam,
Quaes dos Deuses homericos no Olympo,
Gargalhadas, que a visinhança alarmam.
Era o gosto do tempo; estava em moda
O *Evangelho da roca*, e ás leituras
Saborosas dos Contos de Boccacio,
Penetravam nos claustros mais soturnos
Como o remedio da aborrida accidia.
O mundo ecclesiastico dá thema
A vivos quadros de caricatura.
Outro escholar declama em tom faceto:

«Tem o rotundo Abbade uma ama ou Agapeta;
Como os Anjos com Deus, vivem; nada os inquieta.

Divergem, quando muito, em peccados de gula;
E se a Ama resinga, o Abbade gesticula!

Por que é que a paz do lar por tão pouco se perde,
Se ambos conformes são, quanto ao maduro e verde?

Sempre o obeso Abbade achar quer á modorra
Repleto o cangirão, que na sêde o socorra;

E do outro lado a Ama o somno nunca vinga
Emquanto se lembrar que o cangirão tem pinga.

N'um côro das estridulas risadas
Da Estudantina desvairada e louca,
O Companheiro de Magriço aventa
Que ao rancho se misturem; d'esta feita
Têm nas *Covas de Salamanca* accesso,
Onde verão com trémula surpreza
Cerimonias que a horas taes celebram:
Como é que alli o homem *perde a sombra*,
E torna á vida o *Escholar das Nuvens*,
Como se espalha a tempestade e a peste!

Magriço, horrorisado, se recusa
Ás propostas do estranho companheiro,
Que insistia:
— Não perdes o teu tempo.
Transporto-te pelo ár aonde queiras! —

Magriço encara o audaz desconhecido,
Procurando nos pés ou sobre a fronte
Do Anjo decahido os signaes certos
Por Demonologistas bem descriptos.

— Não me attendes? (prosegue com voz cava.)
Eu me atravessarei, com embaraços,
Que n'esse dia do Torneo de Londres
Só faltes tu... por covardia o tomem! —

Do seio seu tirou Magriço o lirio
Da Corôa da Virgem, beija-o crente;
Desapparece a incognita figura,
Como um sapo, que pelo chão se esgueira
Por entre as urzes e revoltas fragas.

XII

Desaffrontadamente proseguindo
Na jornada, eis diante de seus passos
Novo prodigio se lhe ostenta:
Um lago
Esverdeado e extenso, de aguas mortas;
Vem de lá som de vozes rumorosas,
Como de gente em feira os alaridos!
Magriço escuta o ruido de taes vozes,
Uma ou outra palavra quasi alcança,
Mas nada entende! Horrenda maravilha!
Seguindo triste, e crendo aquillo um sonho,
Não longe um Ermitão encontra; indaga
Do lago esse phenomeno espantoso!
O Ermitão responde:
— N'esse lago,
Que está situado em terras de Galliza,
Foi a *Cidade de Lucena* outr'ora;
Por castigo do céo ficou um charco.
Nossa Senhora andava pelo mundo
Em trajos de Mendiga, e em seu nome
Esmolando, melhor reconhecia
Quem devoção lhe tinha! Pela porta
De um ferreiro passou, e esmola pede;
Vendo a pobre mulher, brutal a empurra
Com doestos, imprecações malvadas.
Então n'um charco se afundou Lucena,
Ficando apenas por memoria o ruido
Das vozes de toda essa infanda gente! —

XIII

Caminha. Um outro grupo de romeiros,
Que alternavam piedosas cantilenas,
No espirito de unção e de aventura
Com Magriço entra alegre em Compostella.
Em Compostella! Esplendorosas festas
Consagram-se ao Patrono das Hespanhas,
O Apostolo San Thiago! Nas batalhas
Feridas contra abjectos Sarracenos,
Entre as refregas, mysteriosamente
Sobre um cavallo branco apparecia!

Os Cavalleiros Espatharios vinham
Consagrar a memoria dos milagres
Do santo heroismo, que se perpetúa
Nas egrejas de Hespanha por offertas,
Feudo que pagam todas as cidades,
Denominado os *Votos de San Thiago!*
Da Cathedral em frente, os Cavalleiros
N'um guerreiro bafordo, simulavam
O Tributo das Cem Donzellas, pago
Pelo rei Mauregato a Abderrahman;
E o rapto audacioso, que impoz firme
Remissão do infamissimo tributo.

Magriço observa do bafordo o quadro.
Um Alferes da Espatharia Ordem
Vendo a avidez com que contempla, explica:

— Foi no Campo de Las Figueras, longe
Uma legua da aldeia de Betanzos,
A duas leguas da Corunha, junto
Do rio Sarandones, que a Façanha
Heroica se passou! N'aquelle sitio,
A que *Peito Bordelo* dão o nome,
Annualmente o Khalifa alli mandava
A' cobrança do insólito tributo
Para o harem de Cordova; reunidas
Cinco Donzellas eram já, chorosas,
Para essa ignobil paga; duas d'ellas
De nome Dona Sancha e Memoranda,
Do Alcaide de Lugo, Fernão Pérez
E de Dona Maria Soares Ulloa
Eram filhas, ternissimas e bellas.
N'aquelle instante angustiado, os Mouros
Tratavam de leval-as; de repente
Cinco irmãos ao encontro d'ellas sáem;
Com mangoaes esgalhados das figueiras
Que alli vegetam, desancaram rudos
Os Mouros, e as Donzellas libertando,
A chamma ateiam da feliz revolta!
Isto mesmo vereis representado
No Escudo do Solar dos Figueirôas;
Lê-se em Nobiliarios largamente...

Entre-rindo, Magriço lhe devolve:

«Tambem em Portugal muitas cidades
Estes *Votos de San Thiago* pagam;
Andam na voz do povo eguaes proêzas
Praticadas por Goesto Ansures! contam
Que libertou sósinho seis Donzellas,
Onde ia aquella, que elle tanto amava.

N'estas questões de amor e de heroismo,
Portugal não encontra quem arroje
Mais longe a barra.»

O Alferes de San Thiago,
Maravilhado por ouvir a lenda
De Goesto Ansures e das seis Donzellas,
Volve então:
— Peregrino! Sois por certo
Um Cavalleiro portuguez? Bem vindo. —

Falla Magriço da estremada Empreza
Que anda a cumprir; d'alli se passa a França,
E transposto o Canal para Inglaterra,
Ver-se-ha no praso do Torneo de Londres.
Do Alferes de San Thiago, descendente
Dos Barões do Solar dos Figueirôas,
Não acceita a hospedagem.
Com empenho
De descer á Caverna de San Thiago
N'esta vida, de preferencia á outra,
Faz confissão geral; e lá n'esse antro
Na prova expurgatoria dos peccados
Em nocturna vigilia passar cuida!
Para Padrão contricto se despede.

XIV

A Caverna do Apostolo é situada
Na vertente de um monte sobranceiro
Ao valle, aonde está penhasco bronco
Que defende a entrada. O povo conta

Que se abrigava o Apostolo n'esse antro,
Quando ao prégar o Evangelho, brutos
Os refeces pagãos o apedrejavam!
A Caverna é amplissima e profunda;
Só pode entrar-se por garganta estreita,
Em meandros, que as carnes dilaceram.
N'aquella escuridão que aterra e gela,
Vapores entorpecem os sentidos,
E os penitentes que lá velam, sentem
Pezadellos terrificos, que egualam
Paroxismos de morte, atroz angustia!

O que alli na Caverna de San Thiago
Sentiu Magriço, elle a ninguem contara;
De lá saíu contente; a visão bella
Do destino da Patria, nobre e grande,
Teve excepcionalmente, e da nova éra,
Quando *o Mar Tenebroso* devassando
Continuará no Mundo o *Quinto Imperio!*

Quando este quadro á mente se affigura,
O Diabo com risadas repugnantes
Segreda-lhe ao ouvido:
— E' isso tudo
Vento e fumo de imaginação louca!
Núa e crúa a verdade te appresento:
A Portugal de tão gloriosos feitos
Nada aproveita a ôca, esteril fama;
Outra Nação mais habil se apodera
Das vastas Descobertas e Conquistas,
E a Portugal fará seu feudatario!
Oh, não vás a Inglaterra, Cavalleiro;
Abandona as galantes aventuras;

São caricatas n'este nosso tempo!
Vende a bravura ás Brancas Companhias,
Faze-te espadachim, ou mercenario;
Quem brande a espada tem rendoso emprego,
Põe-se ao serviço do que melhor paga,
Pois honra sem proveito, burla estulta
Com que se fraudam animos sinceros. —

XV

Surgindo da Caverna de San Thiago
Viu-se Magriço da obsessão liberto;
E informado das cousas da partida,
Ao Caminho francez se mette, á estrada
Que vem de toda a Europa a Compostella.

Infestam de continuo os salteadores
O caminho; mas não importa. Cumprem
Conegos de San João Evangelista
O voto de na estrada defenderem
Todos os peregrinos; elles guiaram
A' fronteira de França o Cavalleiro
Que encontraram cahido, e manietado,
Nu sobre a estrada! Conheceram logo
Que era um portuguez e peregrino,
Que vae ao Passo honroso de Inglaterra.
Deram-lhe roupa, e ricos atavios
Proprios da gerarchia a que pertence.

XVI

Passado o transe duro, emfim Magriço
Entra em França.
Paris estava em festa,
A maior festa que ha no mundo inteiro.
A' Cidade, de toda a parte vindos,
A' Feira enorme de *Lendit* accodem
De todas as nações os mercadores!

A Abbadia de San Diniz celebra
Em cada anno o *Indictum*, em que ao povo
No mez de Julho, expõe, em quatro dias
De onze a quatorze as divinaes Reliquias
Da Corôa de Espinhos, e os Cravos
Com que o Salvador foi em Cruz pregado.
Não é só o commercio, que congrega
Tanta gente em Paris; sempre a piedade
Mantém sincera crença com que affirma:
Quem contempla esse Espinho, perde á morte
O terror, que acompanha a hora extrema.
Da bemaventurança attinge o goso!
Ao enorme concurso, vem cantores,
Instrumentistas, volantins, que agradam
A' multidão que applaude e paga á farta.
Alli se escutam Menestreis e Bardos
Da Bretanha e da Escossia recem-vindos,
Trovador occitanico, seguido
Por Jograes, Minnesingers da Allemanha,
Com os Scaldos da Scandinavia;
Os Segreis e Singlerehrs da Suabia,
Troveiro franko e hispano Romancista,
Muito Improvisador italiano.

Como na Grecia outr'ora as Pan-Hellenias,
Elementos poeticos da Europa
No sentimento as almas unificam.
Funcção social, missão suprema da Arte!

Em certâmes exaltam os cantores
Ora a Roland, o heroe de Roncesvalles,
A Arthur com os da Tavola-Redonda,
O Santo Graal, e os Reaes de França,
Sigurd, o Cid, Antar e Carlos Magno;
Todo o Cyclo de Troya é memorado!

XVII

Magriço escuta os Cantos religiosos,
Que a Abbadia de San Diniz premeia:
Ouvem-se ahi Lollards, a recitarem
De um Evangelho apocrypho os versetes:

I

CALIX ISTE

N'esse momento extremo
Em que ia ter inicio
De Christo o sacrificio
Supremo;
Como antevendo o mal
Nos seus juizos sabios,
Ao Pae universal

Submisso, humilde pede,
Que dos sedentos labios
O Calix da Amargura
Lhe arrede:

— Negra visão futura!
Agora no momento
Do Sacrificio extremo,
Eu tremo
Ante este pensamento:
Vou morrer na intenção
Mais pura
De ás almas dar união
Na terra;
Mas a Religião
Converte isto em loucura,
Accende uma outra guerra!
Raças irmãs separa,
A ruina prepara
Do Imperio romano;
Pelo mystico engano
Da Grecia então se apaga
A luz;
E lavra
Com a minha Palavra
A Loucura da Cruz,
Que os animos embriaga.
N'um combate fremente,
Conflagra
O Occidente e o Oriente.
Horrendo pezadello!
O assombro d'estes males
Como não heide tel-o?
Eis da Amargura o Calix! —

Antevendo a impotencia
Da religiosa fórma
Ser norma
Da humana consciencia,
De si afastou Christo
O Calix! Não quiz isto.

II

O OSCULO DA TRAIÇÃO

Quando ao Hôrto Judas chega,
Beija a face de Jesus,
Com esse signal o entrega
A cohorte que conduz.
Eis sobre a face sem luz
Ficou impressa uma préga,
Incomprehensivel, fria
Como expressão de ironia!

Quem tal mysterio explicasse!

Foi esse rictus da face
Que a doçura ideal lhe vela,
O que sinistro revela
Ao poder de Constantino,
A Gregorio e a Loyola,
Ao Torquemada ferino,
Que a Lei de augusta verdade
Não quer doutrinas de Eschola,
Mas perfidia e auctoridade
De um terror, que fixe eterno
Nas almas o seu governo.

A face que Judas beija
Foi a que adorou a Egreja,
E a que sanguinarios monges
Preferiram para o culto,
Fazendo da sombra uns longes
De Mysterio ou Dogma occulto!
E' d'esse rictus medonho
Que deriva o immoral sonho
De quantos levam a vida
Apáthica, consumida
No ascetismo
Do beatifico egotismo.

III

LENDA DA ANDORINHA

Quando Jesus,
Palido, exânime,
Ensanguentado
Pende da Cruz,
A turba unanime
Ergueu um brado,
Que reproduz
Immenso espanto,
O terror santo,
Do Sacrificio!

E pelo ár viu-se
Que a adejar vinha
Uma andorinha
Como sentida
Do atroz flagicio,
De um soffrer tanto
Que excede o pranto.

E condoida,
Trémula vôa
Com ancia e pressa
Junto á Crôa
Que na cabeça
Do Redemptor
Mil picos crava!
Com que carinho,
Com que amor,
Subtil lhe arranca
Espinho a espinho
A ave branca!
A' gente ignava,
Antes escrava
Do odio cego,
A avesinha
Do puro affecto
Que em si continha,
Que exemplo dava
N'aquelle emprego
Ao bando abjecto!

* *

Jesus, abrindo
Magoados olhos,
Vendo como a ave
Mansa e suave
Ia extrahindo
D'entre a Corôa
Os crús abrolhos,
Mudo a abençôa.

Com que bondade
Em graça a banha,
Ante a impiedade
E a bruta sanha
Da multidão!

Ah, desde então
Não ha pessoa
Que á andorinha
Que se avisinha,
Não tenha amor,
Uma affeição!
Bem longe, ausente
O inverno passa;
Chega o calor,
Nova estação;
De valle em val,
Eil-a, annualmente,
Leda esvoaça,
Volta ao casal
Que ha muito a espera;
Na redondeza
Doida volita,
Da longa viagem
Dando a mensagem
Da Primavera,
Da *Natureza*
Que resuscita.

XVIII

O que mais encantara o Peregrino,
E de sua alma crente se apodera,
Foi a Lenda piedosa, que narrava
Pobre Lollard errante, que alli chega.
Magriço escuta compungido a Lenda
Do *Barizel*, que em expressão ingenua
O poder de uma Lagrima revela:

BARIZEL

Da Lagrima santa
A Lenda que encanta,
Já ponto por ponto
Aqui vol-a conto:

I

Fero e destemido, audaz, iracundo,
O Barão feudal vae por esse mundo;

De Deus, mesmo, ou do Rei
Quebra a ordem, a lei.

Tal se o mundo fosse crua e vasta liça,
Confiado na espada, faz por si justiça.

Com senhorial desdem,
Confunde o mal e o bem.

Anda commettendo taes atrocidades!
Lança o fogo a um Cenobio de frades.

Violou moças solteiras,
E conventos de freiras.

Até uma romeira, uma nobre donzella,
Na estrada atacou, vinda de Compostella.

A um padre a dizer missa
Tambem seus cães atiça.

Na caça estraga com phrenesins brutos
Aos trabalhadores, prados, hortas, fructos.

Do Barão tanto crime
Narral-os a alma opprime!

II

Sem ter contra quem mais fazer maldades,
O Barão fugiu por fim das cidades.

Junto do Eremiterio
Passou, sombrio, aério.

A' bocca da gruta viu o Anachoreta;
Seu sinistro aspecto não o inquieta.

Lembrou-se tortural-o;
E arroja-lhe o cavallo.

— Queres ouvir, monge, minha confissão? —
Abre o monge os braços: « Vinde aqui, irmão.»

Redobrou de sarcasmo,
Vendo do monge o pasmo.

O Barão refere prompto os crimes todos;
Que infernal orgulho mostra nos seus modos!

Piedoso o monge escuta,
E a alma se lhe enluta.

O Barão pergunta, vendo terminada
Sua confissão, e com a mão na espada:

— Se a morrer te resolves,
Por certo não me absolves? —

Logo interrompendo breve Padre-nosso,
Disse o Anachoreta: « Dar-te o perdão posso...

Terás do céo a graça,
Se encheres esta taça.»

III

O Barão do monge riu-se, escarnecendo,
Pois que alli bem perto agua vê correndo.

Trépa da rocha ao topo,
Para ir encher o copo.

Agua a jorros mana, é tanta a abundancia!
Não se enchia o cópo; sente uma atroz ancia.

No valle corre um rio;
Já para lá seguiu.

A' caudal corrente chega; é gigantesca,
Mas não se enche a taça com essa agua fresca!

Ao longe o mar rebrama;
Corre á voz que o chama:

Busca encher o cópo no mar que além via;
Toda a agua do mar nem sequer o enchia.

N'aquella obstinação,
Cahiu em si, então.

Tendo a consciencia intima do mal,
A alma lhe illumina um fulgor moral.

Correndo sobre abrolhos,
Lagrimas vêm-lhe aos olhos.

Uma só, na taça, casual cahira;
De uma vez a enche, trasbordou! Suspira.

Contricto vem de longe
Trazer a taça ao monge.

Compungido o velho, sereno o abraça:
« Lagrimas dão sempre celestial graça! »

XIX

Espectaculo extraordinario e novo:
Era o dia do levantar da Feira!

Paris aguarda o epilogo da Festa,
É do *Lendit* o quadro surprehendente.
Uma hallucinação contagiosa
Os mais sérios espiritos invade,
Vertigem da Farândula, da Trisca,
Uma dansa de cascavel infinda,
Formada por milhares de Estudantes.

Bandos negros, sem numero, enchamêam
Nos Geraes da Garlandia, nome grato
Da Universidade parisiense!
Os Escholares em Nações se agrupam,
França, Inglaterra e Normandia á frente,
Apoz é a Nação italiana;
A terceira a Teutonica; e a quarta
Provença, Hespanha e Catalunha a fórmam,
Os Decretistas e os Codecistas,
Os das Escholas baixas, que vozêam
As Summulas e as Regras de Donato,
Aguardam o momento, em que a cadêa
Gigantesca a cidade inteira cerque.
A hora sôa! a alegre gente irrompe,
N'esse exodo febril chamado a Trisca,
De mãos dadas, cadeia ininterrupta,
Desfilando n'uma carreira doida!
Na cabeça do Cascavel avançam
Os *Dupondios*, Novatos atrevidos,
Bacchantes, Caçadores alcunhados;
Interminos anneis desenrolando
Vão *Edictales* e *Papinianistas*,
E os *Lytae*, a que chamam Pés-de-banco,
Os *Prolytae*, ou graves quintanistas,
E atraz, fechando a cauda, o Cancellario
Da estudantesca federação chefe!

E emquanto a Trisca, a desvairada dansa
Alarga-se sem fim pela cidade,
Como onda, ou indomita enxurrada,
N'um tropel arrastando quanto encontra,
Que impressões ficam para toda a vida!
Refugio de suavissima lembrança.

In Garlandia

N'um diluvio de anhelos incessante,
Olhos fitos no azul da immensidade,
Sobre o mar da illusão — a Mocidade,
Na Arca fluctuante;

Ella vae á procura
Dos horisontes de um paiz ideal,
Em um convivio alegre, fraternal,
Sem conhecer da vida a amargura!

Da Arca alguns virão fóra,
Mas descorçoados da realidade,
Regressarão a ella sem demora,
Da apathica tristeza na anciedade.

Outros, irão de vez;
Não mais voltam á Arca; e como o abutre
De corpos mortos se repasta e nutre,
Fazem o mesmo que o abutre fez:

Vagando n'esta róta,
Lisongêa-os mais galerno vento,
Os mimos que o Poder corrupto bota,
Com que amordaça o não vulgar talento;

Da ingenua consciencia
Dissolve a energia, a dignidade,
O ascendente moral, essa potencia
Que destitue a iniqua Auctoridade!

Ficarão algemados
Ao serviço de Symbolos já mortos;
Nos ouropeis da honraria absortos,
Rindo dos puros ideaes sonhados.

Na evolução das cousas,
Borboletas argenteas, deslumbrantes,
Convertem-se em lagartas ascorósas,
Em putridos fermentos repugnantes!

XX

Fôra grande o certâme d'aquelle anno.
A Feira de *Lendit* não tem no mundo
Cousa a que se equipare. E quando immerso
Em tanta admiração Magriço andava,
Apprehensão de espirito o assalta:

«Em Inglaterra os Onze Companheiros
Deverão estar já! Se lá me esperam?
Se o Torneio se faz antes que eu chegue!
Quanta vergonha cobrirá meu nome!...»

Dormir não lhe é possivel; não descança,
Tumultuando os negros pensamentos.

Ao contemplar extactico as reliquias,
O Santo Espinho, entre a multidão, ouve
Magriço um rumor vago, que dizia:

=E' de Paris, que hade saír um dia
Um Cavalleiro audaz, que desprezando
As futeis praxes da Galanteria,
Da Santa Obediencia sob o mando
Estabelecerá nova milicia
Que vise ao bem até pela malicia.=

Presta Magriço ouvido ao rumor vago,
Que assombrado escutou, e mal percebe,
Sem saber d'onde vinha, nem que labios
Revelação estranha proferiam:

=Só depois de ferido e estropeado
Esse galante Cavalleiro apôsto,
Achando-se ridiculo, o desgosto
O faz fugir da Côrte desolado;
Ante a Virgem, n'um extasi ineffavel
Presentiu a missão incomparavel.=

Magriço meditava; não se atreve
D'esse vago rumor o objectivo
A encarnar em si. De longe, ás vezes,
Os vindouros successos mal se esboçam;
Quem comprehende de um seculo as tendencias!
Cheio de enthusiasmo e de esperança,
Ao embarcar para Inglaterra pensa:

•

«N'esse Torneio esplendido de Londres
Se eu cahisse ferido! Era o triumpho...»

CANTO IX

NA CÔRTE INGLEZA

I

Na barra de Plymouth a Frol da Rosa
Tinha surgido a salvamento, içado
No mastro real o pavilhão das Quinas;
Saúda a terra com estrondo e alardo!
Bergantins e bateis a náo rodeiam,
Com acenos festivos cumprimentam.

Os Onze Cavalleiros portuguezes
Galhardamente são acompanhados
Por quinhentos inglezes Cavalleiros,
Que a guarda de honra formam deslumbrante
De Ricardo Segundo, o mais faustoso
Dos monarchas da Europa. Dos perigos,
Dos ladrões ardilosos e atrevidos,
Que as estradas da Gran-Bretanha infestam,
Vêm resguardar os bravos Paladinos
Em defeza das Damas convocados.

Fazia gosto vêr a comitiva
Garbosa, ardente, junto á qual seguiam
Os dois Embaixadores, que enviava
O bom Mestre de Avis, a quem poderes

Secretissimos dera... Que enthusiasmo!
Que saborosos ditos vão trocando;
São como irmãos perante a Ordem santa.
Notam que os Cavalleiros portuguezes
Se ataviam com novas armaduras
Da recente estrategia, realçando
Nos animos o sentimento puro
Da confraternidade heroica e bella!

Fez Grantham uma appresentação franca
Dos Onze Cavalleiros, que se abraçam;
E do rei de Inglaterra á audiencia os leva.

II

As noventa e tres leguas são passadas;
Não as sentira a Cavalgada alegre.
Pelas ruas de Londres com ruido
Corre em um festival apparatoso;
Agglomera-se o povo, contemplando
A parada brilhante, que saúda
Com acclamações doidas, delirantes,
A nota viva, que só tem o povo!

Os dois Embaixadores, não querendo
Dar nas vistas do vulgo, se destacam
Do sequito donoso que desfila;
E pela rua de Gracechurch foram
No hotel do Falcão, sempre afamado,
Hospedar-se. Ahi esperam com descanso
Que Ricardo Segundo marque o dia
Reservado á politica audiencia.

III

Ao saber a noticia da chegada
Dos Cavalleiros portuguezes, logo
Ao seu encontro o Duque de Lencastre
Com todo o esmero e estado de grandeza
Caminhara! Que saudações de affecto!
Condul-os ao Palacio de Saboya,
Onde os hospéda principescamente!

IV

Tambem o favorito do monarcha,
Robert de Vere, já Duque de Irlanda,
Tratou de congregar em seu palacio
Os Doze Cavalléiros, que os aggravos
Contra as Damas inglezas manter juram!
Eram moços de gentileza extremos,
De opulentas familias, mas nem todos
Tem por bellicos feitos illustrado
Os nomes seus, por modo que a memoria
Na memoria dos outros sobreviva.
O que mais d'entre todos se salienta
Pela provocadora petulancia,
Pelo arrojo, era *Austin*, cuja divisa
Reflectia um caracter plenamente,
No simples mote: *Refuser d'avance;*
Mote proposital para o Torneio,
Applaudido e a sabor interpretado.

Athelard é quem conta mais edade,
Mas os trinta annos nem sequer attinge;
Ninguem como elle altivo corcel doma,
Ou faz saltar da mão rival a espada.
O mote — *Générosité effraie*,
Traduz o seu caracter duro e frio.
Nos perigos o segue um companheiro
Blundell, inseparavel, destemido;
Toz jors sans repantir! eis a divisa
Que bem define esta alma turbulenta.

Lovedey, apesar da herculea força,
Não é por isso menos requebrado
Em amores, mas sem ideal; confessa-o
A divisa — *D'amors joïr*, que escolhe.
Ou em Torneios, mesmo nos banquetes,
Dos outros Cavalleiros hão de os nomes
Distante resoar: a espada ou o garfo,
Revelarão ao mundo egual pujança
Em *Argenton*, *Clarency*, *Corleville*,
Otenel, *Turneville* e *Reginald*,
Morley, *Glaston*, que o troço audaz completam.

V

Hoje as Damas inglezas alarmadas
Estão por vêrem quem por amor puro
Vem defendel-as através dos mares,
Como Lohengrin, o ideal Templista,
Guiado pelo Cysne, em barca argentea,
Pela honra ultrajada a verter sangue!

Sobre o balcão dos paços de Saboya
Katterina Rouet, a amante bella
Que o Duque de Lencastre fez esposa
Já em terceiras nupcias, acompanha
As Damas aggravadas; donairosa
Vae fazendo notar a galhardia,
O ár marcial dos Onze Cavalleiros,
E esse olhar que enlouquece, que subjuga.

— Mas, Onze Cavalleiros, só? (Notara
Uma das Damas, que a mirar insiste.)
«Contámos mal, por certo serão Doze!
(Dizem as Damas umas para as outras.)
Tem algum por acaso adoecido?...
Ou morrido no mar?»
Conjecturando:
— Qual de nós ficará sem Cavalleiro?
Sem um heroico braço que a defenda? —
Logo Ethwalda quedou-se pensativa.

Adhelm e Egberte ficam assustadas;
Confessaram Oswalda e Jorceline
Terem contado bem os Cavalleiros,
Onze e não mais... e pávidas insistem!
Luce, Florence e Egwin mostram
Ao casual accidente indifferença,
Que a Gotslina, a Gerlanda e Ailmer suggere
A lembrança de ir inquirir do caso
Ao generoso Duque de Lencastre.
Approvado o alvitre, parte adiante
Tatwine; a curiosidade incita
Mais que o susto. Conhece Johan de Gaunt
O coração femineo fundamente,

Por acenos da bella Katterina,
Ou por impulso proprio, vem o Duque
Conferenciar solicito co'as Damas,
Sustos que as apavoram attenúa:

— Um dos Doze estremados Cavalleiros
Voto solemne fez de vir por terra,
Em romagem por Guadalupe. A escolha
Do nome seu para esta empreza julga
Devel-a á Virgem; cumpre o sacro Voto. —

Entre-rindo-se as Damas maliciosas,
Segredavam com suaves ironias:

« Oh! deve ser um coração ingenuo!»

Uma outra conjectura com empenho:

« Qual será a Divisa, traduzindo
O sentimento d'aquella alma pura,
Mais do que Galaaz? »

VI

Era no mundo
A Côrte de Ricardo de Inglaterra
A mais faustosa, esplendida e brilhante,
De uma intérmina pompa que deslumbra.
Logo que os Cavalleiros portuguezes
Da fatigante e rapida jornada
De Plymouth até Londres descançaram,

Por lei de cortezia foram todos,
Todos paramentados, conduzidos
A' presença do Rei em homenagem,
Com ceremonial polido e grave.

O Rei os convidou no mesmo instante
Para o serão da Côrte.
Que delirio
N'essa noite; e que apparatosas dansas!

VII

As aggravadas Damas remirando
Os portuguezes Paladins, anceiam
Por saberem que par e que patrono
Desde o serão pertença a cada uma.
Ao Duque de Lencastre, que influisse
No Rei pediram, para que conceda
Que as Divisas dos Onze Cavalleiros
Que a defendel-as vêm, tirem-se á sorte.
Assim ficam sabendo, qual d'entre elles
Será o Cavalleiro que as exalte
Com fé em campo raso ou estacada...

O Rei sabia a tempo ser galante.
Por sua mão quiz elle que as Divisas
Fossem tiradas, quaes Grantham lh'as dera,
Authenticadas no serão de Cintra.
Como um bando de pombas sobre um campo
Recem-semeado, as Damas gentis chegam,
Pressurosas, contentes, perturbadas,
E as Divisas da mão do Rei recebem.

Foi Ethwalda a primeira; com surpreza
Leu a Divisa que tomou; dizia:
Plus est belle qu'ymage! E um transporte
De alegria duplica-lhe a belleza,
Assômo de uma graça incomparavel.
Todas notam que exprimem as Divisas
Um delicado sentimento, e as Damas
Relação moral intima presentem
Que n'esta Empreza as liga aos Cavalleiros.

Cuer dolant, leu Adhelm, compassiva
Por essa alma que ainda não conhece;
E leu Egberte em mysterioso enleio
Fait penser. Jorceline se sorria
Pelo encanto do que escolher soubera:
Rêve au quel on s'attache.
E assim foram
Lidas e interpretadas as Divisas,
Sem se saber os nomes dos que as trazem.
Continúa o mysterio; pelas salas
Com que magia as musicas resôam.
Vae dansar-se a Pavana estonteadora,
Cadenciada por flascidas mesuras,
Essa dansa de Hespanha! agora os pares
Sómente pela letra das Divisas
Hão de ser preferidos; entre as Damas
Vae cada Cavalleiro procurando
A que fixou seu Mote sobre o peito.

E com presteza os Onze Cavalleiros
O braço dando ás Damas, conhecidas
D'esse rapido instante do sorteio,
Vêm ao meio da sala; a dansa irrompe.

VIII

Unica Ethwalda alli se vê sósinha!
Plus est bellẽ qu'ymage! Esta Divisa
Que tanto a encantara, n'este instante
Vê que pertence ao Cavalleiro ausente.
Pertence áquelle, que fizera o Voto
Da romagem por terra! No seu rosto
Indizivel tristeza se reflecte,
Lagrimas lhe rorejam pelas faces,
Quasi desfalecida cae, magoada
Por este desfavor da sorte iniqua.

De desolação tanta o Rei condóe-se;
Quer confortal-a o Duque de Lencastre,
E junto de Ethwalda meigamente
Segreda:
— Não ficaes sem Paladino.
No Hotel do Falcão dois portuguezes
Pelo Mestre de Avis ao Rei enviados
Em especial missão, alli se encontram;
Qualquer d'elles, se fôr preciso, toma
Com prazer a honorifica defeza.

Chorosa Ethwalda anciada lhe responde:
« Não é o que sustenta esta Divisa
Plus est belle qu'ymage! Não é esse,
Que eu só queria e quero...

Então o Duque
Com o Rei combinava, que o Torneio
Espere mais um dia; por ventura
N'este intervallo chegaria a Londres
O Cavalleiro Alvaro Gonçalves
Da estirpe dos Coutinhos, conhecido
Pela chistosa alcunha de — Magriço,
Mais por esta demora celebrado.

IX

Facil foi dispender o dia em jogos
Na Côrte ingleza, em festival perenne;
A linda Ethwalda a nada comparece.
Na capella da Virgem refugiada,
Concentrou-se na prece fervorosa
Que, trémula, em desmaios balbucia:

LÔA

«Virgem! Mãe de piedade,
Da sorte a iniquidade
Que a tua mão suste-a!
Sem quebra da pureza
Da minha mocidade,
Agora esta incerteza
Mata-me em tanta angustia!

Acode á que delira;
Contra mim a mentira
Não seja triumphante!
A dôr é sem limite,
Succumbo a esta dôr;
Ah! piedosa, permitte,
Salvar-me em breve instante
Venha o meu Defensor...»

E na Capella, n'um deliquio infindo,
Nem ouve os eccos dos clarins e trompas,
Pregões de arautos, e os corceis nitrindo
Já do Torneio annunciando as pompas.

CANTO X

O TORNEIO DE LONDRES

I

Foi toda a santa noite de vigilia;
Lá ficaram na Cathedral de Londres
Os Onze Cavalleiros portuguezes;
Na capella do Duque de Glocester
Os doze inglezes, seus rivaes. Ouvida
Ao outro dia a missa, depozeram
Offerendas no altar, que mudos beijam.
Vestindo cotas, ricas armaduras,
A cavallo precípites sahiram
Para a vasta esplanada aberta em frente
Do soberbo palacio de Westminster.

II

Já Ricardo Segundo apparecera
Nos balcões; muitos Duques e Prelados,
Damas, Bispos, e Embaixadores, juntos,
Vêm assistir á apregoada Lide!

Os Cavalleiros portuguezes foram
Beijar as mãos das Damas que defendem,
E colher o sorriso que os anima
Bem mais que tantos balsamos fallados.
Antes que a árdua Lide se comece,
Cada um Cavalleiro jurou — Que entra
N'esse Campo em defensa da verdade,
E em prol da Dama cujo nome invoca!
Os Doze inglezes bradam, que sustentam
Pelo sangue que em suas vêas corre,
Terem inglezas Damas esquecido
Dos bons avoengos os exemplos nobres!

III

O Rei Ricardo ao Duque de Lencastre
Dá-lhe a missão difficil da escolha
De Vinte e quatro Cavalleiros, dignos
De serem Fieis da Lide; e armar mandara
Quinhentos Cavalleiros, firmes guardas
Do Campo em volta, na maior largueza.

Surge então o Arauto, que proclama,
Depois de ouvida a estrídula trombéta:

— Que ninguem tirasse arma, ou alvoroço
Fizesse em prol de um d'esses Cavalleiros;
Senão, morra a garrote no pescoço!

Que ninguem gestos ou signaes ligeiros
Faça, ou profira phrase que pareça
Influir na contenda!
Que a mão do algoz o apprehenda,
Decepe-lhe a cabeça. —

Isto dito, logo os Fieis da Lide
Cumprindo a lei estricta do combate,
Que chamam *Correr pontas*, na estacada,
Mandam achar-se dois de frente a frente,
Os dois primeiros Cavalleiros chamam.

IV

Avançaram até ao meio do campo
Com garbo os destemidos Justadores;
Dos cavallos descendo, sobre o peito
Pondo os braços em cruz, oração fazem
A Deus, qual melhor póde. Depois sobem
Para os corceis de novo; e antes mesmo
Que se afastem para iniciar o assalto,
O Cavalleiro portuguez murmura:

— Vereis, que não é grande valentia
Melindrar Dama fraca e delicada. —

Devolve-lhe o inglez em tom de mofa:
« Qual falla o prégador de vida airada,
Ou frade goliardo, é o motejo
Que me jogaes; em vez das vossas missas
Commungareis da minha espada o gume.»

Mal escutara o portuguez o doésto,
Deu de esporas ao seu cavallo, e prompto
Sobre o inglez se arroja; o inglez o imita.
Do balcão do palacio o Rei observa,
Com homens de honra, que com elle estavam;
Pelos telhados vê-se a gente meuda,
Pelas muralhas, barbacans suspensa.
Tanta era a multidão, que vêr deseja
O desenlace da porfia insigne!
Uns confiam na corpulencia e força
Do rude inglez; com viva sympathia,
Vendo a serenidade imperturbavel
Do portuguez, crêem outros nó triumpho.
Pela serenidade só, consegue-o,
Aproveitando um rapido momento,
Em que da mão de *Austin* a espada salta,
Por um golpe só d'elle conhecido.

Ordem foi dada pelos Fieis da Lide,
Que os dois Campeões da arena se retirem;
Do triumpho inequivoca é a prova.
E dizem entre si:

— E' invencivel
O Cavalleiro portuguez, que a força
Tira da convicção que intima o anima! —

E concluem:

— Este homem só por terra
Cahirá, quando consentir que o matem,
Ou se vir cahir morto um Irmão de Armas. —

Logo entre os Cavalleiros portuguezes
Redobra o enthusiasmo, a esperança
Com o primeiro e inclyto successo.

Havia um ár, aspecto sobrehumano
Na figura do campeador, caracter
Que uma ideia arrebata até á morte!
Todo o seu sêr revela-o a Divisa:
Li porterai foi. Como ella contrasta
Com a de Austin, que a frio e provocante
Trouxera o mote: *Refuser d'avance!*

Dos seus balcões as Damas acenavam
Com alegria louca! Mas, quem era
O Cavalleiro portuguez, que admiram?
Alvaro Vaz de Almada, esse era o bravo
Que a historia guardará seu nome vivo!

V

Dado signal de novo pelo Arauto,
Outros dois Cavalleiros já se investem
De lança em riste; no recontro brusco,
Parte o mantenedor inglez a lança!
Descem a terra, e sacam das espadas,
Florêam golpes, rapidos, violentos,
Ininterruptos de alto a baixo, a fundo!
Inesperadamente o inglez ajoelha
N'uma perna ferido! E' evidente
Que a victoria compete ao que de longe
De *Justador* a alcunha merecera.
Está radiante a Dama, que a Divisa
Trop haut penser, no peito traz escripta.

Mas, entre as Damas falta a bella Ethwalda,
Que se occultara triste na Capella,
Palo seu defensor sempre esperando!

VI

Vae seguindo o Torneio; as lançadas,
Fintas, assaltos, botes estrondosos,
Succedem-se indefessos, com surprezas
Conforme os Cavalleiros se defrontam;
Descrevêl-os, só um Froissart soubera
Em pittorescas paginas vividas.

Chegado era o momento angustioso!

Já Ruy Mendes da Silva, o Cavalleiro
Undecimo, se achava frente a frente
Do campeador inglez Glaston; terçavam
Com gentileza, graça e mocidade,
Eram eguaes na edade e na bravura.
Se é a sorte das armas indecisa!
Mas, Ruy Mendes da Silva viu de longe
De Gotsline acenar vêo alvejante,
Que lhe lembra a Divisa suggestiva:
Rève au quel on s'attache! Porque o Silva,
Como bom portuguez apaixonado,
Amava já Gotsline doidamente;
Faz recuar Glaston; domina o campo.

VII

E' terrifico o instante! Entra na arena
O derradeiro lidador, o altivo
Reginald, elegante, corpulento,
Com sarcastico aspecto, pois se encontra
Sósinho, alli, sem vêr agora em frente
Um Cavalleiro com quem juste.
E todos
Olham com anciedade; Johan de Gaunt
Que á lucta presidia, talvez possa
Dar solução ao caso inopinado
Em que sem defensor fica uma dama!...

Ante o gelido pasmo e incerteza,
Um Cavalleiro esbaforido, á pressa
A linha dos Quinhentos Cavalleiros
Que circumdam o campo, rompe e chega
Junto dos Vinte e quatro Fieis da Lide,
Clamando:

—O meu logar! Meu posto, dae-m'o.
Sou Alvaro Gonçalves, derradeiro
Dos Doze Cavalleiros portuguezes;
Venha ao prazo! ao appello me appresento. —

Da poeira das estradas vem coberto,
Como mostra de quem atravessara
Grandes trabalhos da jornada immensa!
A' voz do Arauto, que sonora chama

O derradeiro justador, Magriço
Avança resoluto e vae postar-se
De Reginald em frente. Os dois se medem
Com olhares de espanto; um desdenhoso,
De alta estatura, e do vigor seu conscio,
O outro enxuto de carnes, e nervoso
Confiando nos intimos impulsos
A que obedece irresistiveis, sempre.
Emquanto as lanças enristaram ambos,
As Damas mandam dár aviso a Ethwalda,
Absorta em oração:

— Que era chegado
Ao prazo o Cavalleiro que a defende.
Plus est belle qu'ymage! traz por mote.

VIII

As lagrimas Ethwalda á pressa enxuga,
Mas, traz os olhos de chorar magoados;
Febril vem ao balcão, desvanecida
Vendo em acção o apôsto Cavalleiro
Cavalgando contente, por tal guisa,
Que a vista sua confiança infunde,
Por uma amavel e gentil presença,
E galhardia com que brande as armas.
Presto os dois Cavalleiros se approximam,
Quanto os cavallos o permittem, jogam
Golpes grandes de lança, que certeiros
Os escudos falsaram; e bastara
Tanto para que mortos ambos fossem,
Se nas lorigas fortes fracassado

As lanças não tivessem. Ora, o encontro
Dos cavallos foi de violencia tanta,
Que estropeados cáem sobre a terra
Sem mais se erguerem, como semi-mortos.

Os Fieis da Lide vieram promptamente
Para os dois Cavalleiros, que esvaídos
No chão estavam; chegam agua aos labios,
E salpicando os rostos com borrifos,
Já cada qual á pressa se alevanta
Cambaleante, metendo mão á espada!
Os escudos embraçam; recomeçam
Um contra o outro o árdido combate.
Avançando, na intrepidez fremente
Reginald fallou-lhe com firmeza:

— Pela ultima vez, varão, eu rogo
Que a chimerica empreza que defendes,
Pela Dama que nem sequer conheces,
De quem nunca escutastes uma falla,
Abandoneis! Digo isto condoido
Da vossa edade nova, inexperiente,
Para que finde em riso e não em sangue. —

Desde a cabeça aos pés mede-o Magriço;
E sem dizer palavra, para a frente
Deu um passo; o inglez assalto fórma,
Atirou-lhe tres botes successivos.
E um quarto, em que o corpo atraz recúa,
Não o fez tanto a tempo, que Magriço
Que sabia melhor da esgrima as fintas,
Lhe não tolhesse um braço, com o golpe
Que fez da rude mão voar-lhe a espada!

Magriço então tornou:

«Dom aleivoso,
Foste em máo ponto descortez com Damas;
Falsa tornas a jura que fizeste.»

Viu Ricardo Segundo o decisivo
Lance. A lei da Galanteria vence!
Honrados homens, que n'essa hora formam
O sequito real, com o monarcha
Felicitar as Damas vão, e aquella
Que por se vêr sem defensor chorava,
Pois que, mesmo sem vêl-a ha quem no mundo
Pela honra do seu nome empenhe a vida.

IX

Apoz momento breve de descanso,
Magriço foi beijar a mão de Ethwalda;
E sabendo que lagrimas amargas
Chorara a bella por demora tanta,
Enternecido diz:

— Perdão já peço
Por quanto vos eu fiz soffrer, senhora!
De todo era impossivel na minha alma
Que o Voto á Virgem quebrantado fosse!
Para hoje vêr-me n'este honroso Passo,
Propicia a Virgem fez caber-me a sorte...

«Cavalleiro! (Diz com ternura Ethwalda,)
N'este momento a comprehensão me é dada
Do intimo sentido da Divisa

Que trazeis por cimeira. A alta Senhora,
Da terra e céos Rainha, ella sómente
Plus est belle qu'ymage! Lemma simples,
E' com tal luz verdade irrefragavel.

— Esta Divisa mysteriosa e linda
Quiz, entre tantas, reservar-m'a a sorte;
Não a desmente hoje a visão terrena! —

Ethwalda fitou Alvaro Gonçalves,
E quanto elle era apaixonado sente
Na lisonja subtil. A sós murmura:

« Louca esperança a minha! cri-me objecto
D'esta Divisa, que me leva aos sonhos.»

X

Retrôa no ár o ecco das trombetas!
De quatro a quatro a lucta recomeça;
Os vencidos do anterior encontro
Pela desforra anceiam, e no influxo
Dos companheiros uns nos outros fiam
Do Torneio no triumphal desfecho.
Nova pujança audaz se manifesta!

Dos quatro Cavalleiros portuguezes
Nunca a linha se rompe, nem se quebra,
Vão os troços deixando livre o campo;
Chega o ultimo grupo...
Olha o Magriço
Para Ethwalda, que do balcão acena;
Baixando a espada faz mesura e preito,

Com a mão ella um beijo lhe arremeça.
Esse inconsciente gesto febril, logo
Da bravura ao delirio o arrebata,
Que as victoriosas palmas d'esta lide,
São empolgadas pelos Portuguezes!

XI

Resta a terceira parte do Torneio,
Termo ás Justas imposto, o do recontro
Como n'um campo raso de batalha,
Dos Doze Cavalleiros portuguezes
Com os inglezes em tropel confuso,
No lance decisivo da refrega!
Tudo attento contempla o quadro extremo,
Em que a gloria e a morte se aproximam
N'um connubio que o heroismo gera.
No derradeiro esforço a Arte da Guerra
Pela arma branca simples patentêa
Imprevistos, innumeros recursos!
Um mundo de bravura que se extingue,
Brilhante e ultimo adeus da espada e lança,
Que irão nas mãos da plebe posta a soldo
Pela escopeta e arcabuz armada,
Perder o heroico e poetico lampejo.

A valentia pessoal termina!
Quem sabe aonde a força bruta um dia
Hade levar da guerra o nobre impulso!
Se o heroe, que na acção se immortalisa,
Defensor, não labéo da humanidade,
Se torna o monstro da carnificina!

XII

Em cerrada columna os Portuguezes
Conservaram-se, a posição mantendo,
Contra os inglezes, qual muralha firme.
No solo recalcado vão cahindo,
No assalto tentado por tres vezes,
D'entre os que formam a britana cohorte
Quantos á lucta imprimem desespero!
Era attingido o término da Lide.
A trombeta, que a côr azul e branca
Do estandarte portuguez ostenta,
Fez-se ouvir, assenhoreando o campo
Que aos Doze intemeratos Cavalleiros
Pertencia. Triumpho indisputavel!
De inglezas Damas pleno desaggravo.

Com que sinceridade, jubiloso
Applaude o Rei Ricardo esse triumpho,
Que dignifica a Côrte sua tanto!
As Damas vêm á arena; ternamente
Os defensores inda ensanguentados
Gentis abraçam, levam-os graciosas,
E cada uma, a cada Cavalleiro
Que por si se bateu, pensa as feridas!

Era a *curée* dos beijos da façanha,
O alalí venturoso, com que finda
Hoje de Londres o immortal Torneio.
Agora, quando a *Jacquerie* intenta
Pelo numero bruto impõr-se ao mundo,
Harpas, glorificae a galhardia,
Da Cavallaria o ultimo vislumbre.

CANTO XI

OS GABS DO BANQUETE

I

Todos os Cavalleiros, que na lide
Do Passo honroso em Londres florearam,
Para um festim no Paço de Saboya
Em fraternal convivio, convidados
Foram pelo alto Duque de Lencastre.
Era ao dia seguinte ao do Torneio;
Os Vinte e quatro Cavalleiros juntos
Congrassam-se na sala do banquete,
Generosos, sem odios, francos, lisos,
Como valentes uns dos outros dignos.
Espontaneos, sem mescla de melindres,
Trocam-se abraços calorosos, largos
Com lealdade mascula, que encanta.

O Duque está radiante de alegria.

II

O poeta Chaucer, sempre malicioso,
E usando a liberdade de poeta,
Ao vêr agora unanimes á mesa
Os mesmos que na véspera terçaram
Golpes de morte em prol das gentis Damas,
Entre dentes murmura:

—Aqui veremos
Se os vencidos da Lide ao correr pontas
Triumpharão ao emborcar das taças!
As mãos, que não venceram pela espada
Brandindo-a com pujança, por ventura
Alcançarão desforra pelo garfo.—

Quem, a Chaucer, ao Poeta mais querido
De toda a Inglaterra, antiga e hodierna,
Não perdoará tudo? Deu-lhe o genio
O dom de vêr em estranho aspecto as cousas;
E' o Bello uma das fórmas da verdade.

III

O que seria o opiparo banquete
No palacio ducal no fésto dia,
Só poderá suppôl-o, quem conheça
De Joham de Gaunt o animo, a largueza,
O genio apparatoso, perdulario,

Que eguala mesmo na sumptuosidade
A Ricardo Segundo, o real sobrinho,
Dos Reis da Christandade o mais faustoso,
Que assômos taes ao tio não perdôa.

Ao Duque de Lencastre lhe chegaram
Pela Não Frol da Rosa grandes caixas
Com prata rebatida, joias finas,
Baixellas de lavor incomparavel,
Que o bom Mestre de Avis lhe offerta. Nada
Póde saciar-lhe a ancia da opulencia!
A' mesa estavam assentados todos,
Na cabeceira o Duque de Lencastre,
E frente a frente os ledos Cavalleiros
Em ordem tal como na Lide entraram.

IV

N'isto, emquanto as conversas mais se animam,
Entrou na sala um Menestrel já velho,
De longas barbas brancas, com uma harpa
Sobraçada, que lembra antigos Bardos,
Taliésin, Aneurim; foi collocar-se
Da sala ao fundo, mesmo em frente ao Duque.
Dizem, que o Menestrel conserva puras
As tradições dos Bardos hoje extinctos,
E o prophetico dom que Merlin teve?
E' com assombro e religião ouvido
Como alma do passado. Um Lai dolente,
Que arrebata os sentidos, em linguagem
Mysteriosa, por poucos entendida,
Começa em commovente melopêa:

TRÍADA:

— Sobre a Torre redonda de Kildar
A geração dos Bardos de outra éra,
Na pedra insculpiu Triada sem par:

Contém das *Tres Victorias* o mysterio,
Que a vulgar comprehensão julga chimera,
Tendo um ideal sentido intimo e sério.

Das *Tres Victorias* são a plena essencia
A *Força*, quando pela acção impera
No espiritual intuito da *Sciencia;*

Por saber e poder, que o homem comporte,
Sómente o *Amor* harmonico pondéra
A ideia e acção para vencer a morte.—

.....

O velho Bardo as Triadas explica:

— Dos Dananianos, audaciosa raça,
Pelo Mar tenebroso navegando
Ao oéste, a leste, á America, á Chaldêa,
Hu-avank a Civilisação leva!
Era a Força guiada pela Sciencia.
Faltara-lhes o *Amor*, que as almas liga;
E assim a Raça iniciadora e grande
Caíu na servidão sob os Quirites.
Veiu a gente Lusonia destemida,
Que a tradição athlantica prosegue,
Pelo impulso do *Amor*... O *Amor* eleva
Sobre os mais povos a alma portugueza
Aos inauditos feitos, realisando
Prodigios tantos de pessoal bravura!

Hoje é a Cavalleria agonisante,
Mas o Ideal do Amor é infindo, eterno;
Será eterno quanto o Amor inspira!
Os Portuguezes sempre apaixonados,
Tomando o Amor por unico incentivo
Ao fazerem de um territorio exiguo
Essa ditosa Patria tanto amada,
Hão de tornal-a primacial na Historia!
Do Quinto Imperio proseguindo o Sonho,
Qual não pôde Alexandre e Carlos Magno,
Unindo pelo Amor Sciencia e Força,
Darão á Humanidade a posse do orbe! —

Como seriam bellos esses versos
Ao commentar as Triadas sereno,
O Menestrel sincero, que exprimia
Tão generosos pensamentos, quasi
Um oraculo! Infelizmente á mesa
Ninguem entende a vaga melopêa.

V

O Duque de Lencastre então declara
Aos Cavalleiros portuguezes:

— Esse
Menestrel pobre, que ora ouvis, possue
Dom prophetico! Algum de vós deseja
Solevantar o véo do seu destino,
Que lhe acene. —

A' direita está do Duque
Alvaro Vaz de Almada, que sorrindo
Sem terror do futuro, anda liberto
Da crença popular da *buena dicha;*
Despreoccupado ao Menestrel acena.

O velho Bardo fita-o com surpreza;
Preludiando, a custo diz na estrophe
Que o Duque ia explicando:
— Sereis Conde
Por premio na defeza da justiça
Opprimida, e da terra patria longe...
Mas, preferis morrer na patria terra
(Hesitou por momentos, como oppresso)
A's mãos da vilanagem, sustentando
O juramento da Irmandade heroica. —

Interrompeu o Duque á pressa o Bardo,
Que o vaticinio lugubre se torna,
E do banquete as alegrias turba.
Nenhum dos outros Cavalleiros teve
Minimo empenho em desvendar a sina
Que o percurso da vida lhe accentúa.

VI

Animado o Banquete se prolonga;
Mais exaltavam capitosos vinhos
As imaginações ferventes, quando
Um Cavalleiro inglez propõe ao Duque:

«Senhor! Como sabeis praticamente,
Praxe foi da Cavalleria antiga,
Na hora da alegria, os Justadores
A' mesa, na expansão franca, alardeavam
Seus *Gabs*, blasonando valentias,
Façanhas de pujança sobrehumana!
Cabem hoje aqui bem os *Gabs* feitos
Por estes Cavalleiros portuguezes;
Queremos vêr se as obras gloriosas,
Que vae no mundo a fama dilatando,
Sabem *gabar*, depois de praticadas,
Ou carecem de poeta que as exalte.»

O Duque de Lencastre, rindo, applaude
O singular alvitre; e affavelmente
Aos Cavalleiros portuguezes pede,
Que fossem delineando o heroico feito
Que cada qual de realisar blasone,
Da phantasia na área infinda e livre!
Citou-lhes para exemplo os Doze Pares,
E os *Gabs*, themas da Canção de Gesta
Que ainda encanta e encantará quem lêa.

Entre-olharam-se os Doze portuguezes,
E comprehendendo o lance, decidiram
Mostrar, que além da força de seu braço,
Na imaginação têm maior força.
E cada um por sua vez, sem ordem,
Sem manter precedencias, appresenta
O *Gab*, o mais descommunal e altivo!

VII

Diz um, com ár convicto, imperturbavel:

«Vou descobrir as *Ilhas Encantadas*
Pelo Mar Tenebroso semeadas!
Singrarei para ellas,
N'uma galera ufana,
Sem mirar as estrellas,
E sem nunca perder a Tramontana!»

A gargalhada foi geral, abrupta
Redobrou, expansiva, irrefreavel!
Certo, era a Empreza mais do que espantosa,
Não realisada por constante esforço
De Phenicios, de Jonios e Normandos.

Logo outro portuguez audaz proclama:

— Eu, cá, resolvo pela minha parte
Ir ao Reino do *Preste João das Indias*,
A assentar com elle uma alliança!
E riquezas, que farte,
Tenho boa esperança
Que este braço ao thesouro luso guinde-as.—

Mais estrondosas gargalhadas rompem,
Ouvindo o ousado sonho alardeado;
Interrompeu-as outro Cavalleiro:

= Eu acho pouco aquillo!
Pois no Reino do Preste João, sem guerra,
Abatendo uma serra
Vou *desviar o curso do rio Nilo!*»

Os Cavalleiros de Inglaterra pasmam
Da protentosa imaginação lusa;
Pelos *Gabs* é tanto o interesse, alto
Pedindo mais com insistencia.
Escutam.

A sério um outro portuguez exclama:

— « Eu o digo a valer, porque não mango,
Pois é cousa mui certa!
Cedo, farei por mar a descoberta
Da grande *Antilia*, ou melhor *Cypango.*» —

Tocam os *Gabs* já quasi o delirio;
Mas, prompto um outro Cavalleiro brada:

« — Acho aqui pouca luz;
E eu entrevendo esplendido arrebol,
No animo propuz
Ir ao *berço do Sol.* —»

Eis, sem dar tempo á impressão causada
Para a descarga das risadas grandes,
Sobre o que este blasona, um outro grita:

— Eu heide *dar a volta inteira ao Mundo*,
Sem achar atropello
N'essas Zonas do fogo, ou do gelo,
Que transporei jocundo;
Dos Antipodas vendo a jazida,
Virei surgir ao ponto da partida. —

VIII

Cada vez se tornava mais ruidoso
O prazer dos jactanciosos ditos;
Os Inglezes perguntam impacientes
Aos Cavalleiros que inda não fallaram,
Qual o *Gab* que a audacia sua emprehende.

«Tómo a Estrella polar,
E a toda a parte a levo em uma caixa,
N'essa *bitácula* me aponta a faixa
Roteiros certos através do mar!»

Falla um outro com ár mysterioso:

— E eu? Vou dar um furo
No grandioso Thesouro de Veneza,
Em proximo futuro!
E de longe, seguro,
Hade tanta riqueza
Escoar-se, por fórma que em tal dia,
Findará o Poder da Senhoria! —

Com voz firme exclama outro Cavalleiro:

— «Nada do que ouço agora me enthusiasma;
Sem recear a morte,
Nem do mar os terrores,
Metendo a pique esse Baixel Phantasma
Que fecha *o Mar do Norte*,
Vou patenteal-o aos Navegadores!» —

Retruca logo mais intrépido outro:

= E eu? Sem affrontar nenhum espectro,
Heide empunhar o sceptro
Do Quinto Imperio, esse *Mundo novo*,
Que era um conto de velhas entre o povo;
Tornal-o-hei real!
E ao pregão de um incomparavel Plectro,
Entre as Nações modernas sem rival
Erguerei Portugal. =

Outro affirma:
— Pois eu,
Reforçando essa ideia:
Para que immortal
A nossa portugueza gloria seja,
Tomo a Lyra de Orpheo,
Do mar, n'ella tecendo uma Epopêa
Sem aos Cantos de Homero ter inveja.
Será o assumpto d'esse Poema ingente
A alliança do Oriente e do Occidente. —

IX

Faltava um *Gab* apenas; quando se ergue
João Pereira da Cunha, o derradeiro
Para fallar, logo impetuoso berra
O Cavalleiro Austin, e impaciente
Com tanta audacia que o irrita, exclama:

— «Para que te cansar mais, Cavalleiro!
Esses feitos, que ambicionado tendes,
Se realisados forem, certamente
A Portugal darão fumos de gloria;

Será tudo em proveito de Inglaterra!
De Inglaterra, da qual é feudatario,
Servindo-a com galés em guerra armadas
Dez, e por mezes seis consecutivos,
E defendendo-lhe a Corôa ingleza
De ameaças de Castella — a independencia.» —

As palavras de Austin foram um raio
Que coriscou na sala do banquete;
Instantaneo o assombro!
Sem dar tempo
A' reflexão e ás peias do bom senso,
João Pereira da Cunha arremessava
Logo á cara de Austin argenteo cópo
Pesado e grande! e com a mão certeira.
Austin cahiu, banhado em sangue, inerte,
Inânime, convulso, estertoroso.

X

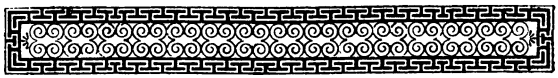
O Banquete tragicamente finda!

Foi em braços, de alli, Austin levado;
Na macerada fronte se revela
Da congestão mortal o atroz collapso.
Dispersam-se em tumulto os Cavalleiros,
Lamentando que os *Gabs* imprevisto
O deploravel termo motivassem!

Vae n'aquella hora o Duque de Lencastre
Fallar ao Rei, contar o accidente
Do segredo de Estado já sabido...
Que é o que mais que tudo o impressiona.

CANTO XII

A EMPREZA TINGITANA



I

Na Camara Estrellada, em Westminster,
Nos paços reaes reune-se o Conselho;
Vae Ricardo Segundo de Inglaterra
Assignar o Tratado, que secreto
Hoje o Mestre de Avis renova e amplia.
Alli estão de Portugal presentes
Os dois Embaixadores; testemunham
Nobres Duques, Senhores, Cavalleiros,
Com venerandos Bispos, personagens,
Todos quantos esse Tratado juram:
= Que Portugal, além dos já prestados
Serviços das galés em guerra armadas,
Considera-se sempre da Inglaterra
O mais *fiel alliado;* consentindo
Que a Gran Bretanha desembarque forças
No territorio seu todas as vezes
Que a acção continental conveniente
Ao interesse inglez seja; e por troca
Tem protecção a Dynastia contra
Qualquer hostil ameaça ou tentativa
De conquista por parte de Castella. =

Uma clausula tacita exarada
No Tratado — é que a situação descripta
Se conserve de pé, inquebrantavel
Mesmo através dos seculos, emquanto
Não fôr solemnemente revogada. —

II

Mal acabara o Rei, sobre o diploma
Que ouvira ler meditativo e ledo,
De pôr sua chancella, quando inquieto
O Duque de Lencastre entrou na sala.
Vem verdadeiramente angustiado!
Tanta perturbação o rei conhece,
Sendo o primeiro a inquirir do caso.
Na Camara Estrellada o pasmo é enorme.

III

Relata o Duque, e a custo, o accidente
Acontecido á mesa do Banquete,
No seu palacio de Saboya, e a morte
De Austin, um grande amigo do monarcha,
Que resultara pávida, imprevista.
Mais que a morte do grato cavalleiro,
Da ingleza aristocracia orgulho,
Impressiona-o a causa da repulsa
De João Pereira... E logo, pensativo,
Diz Ricardo Segundo ao seu ministro:

— Esta desgraça agora me revela
Que se os tratados de *Fiel Alliado*
A Portugal obrigam manietando-o,
Interessam sómente á Dynastia
Que o Mestre de Avis funda. N'este ponto
Hade existir antinomia surda
Entre a Nação pequena e os que a governam.

« E' por isso, Senhor, que estes Tratados
(Observou-lhe o ministro com cautella)
Celebram-se, mas são secretos sempre. »

Os dois Embaixadores, comprehendendo
A situação da especial reserva
Obtemperam :

— Tambem aqui viemos
Na viagem da Frol da Rosa, enviados
Co'a Expedição dos Onze Cavalleiros
Ao Torneio de Londres, sem suspeita
Dos Reis de França, de Castella e Escossia. —

IV

O joven Rei Ricardo claramente
Alcançou como n'esse instante acaba
De assegurar á intrepida Inglaterra
A acção continental entre os mais povos,
Defendida na sua isempção de Ilha!
Observa para o Duque de Lencastre,
E aos demais Cavalleiros que o rodeiam :

— Sobre a morte de Austin todo o silencio!
E hoje mesmo em recepção eu quero
Que os Doze portuguezes Cavalleiros
Conjunctamente com os leaes Inglezes,
E a Côrte plena á noite se reunam
Por felicitação d'esse triumpho.—

V

Um escandalo, um caso clamoroso
Na Côrte se espalhara, que trazia
Intrigadas as inclytas familias!
Da Côrte, ha tempos, desapparecera
Uma dama gentil, recem-casada...
Não se sabe quem era, nem o nome
Do audacioso amante que a raptara!
Era esta intriga o assumpto das conversas
Mais animadas entre inglezas Damas;
Contrastando na essencia com o effeito
Do desaggravo do Torneo de Londres,
Debalde inquirem pelo personagem
Do sensacional drama amoroso.

Na Camara Estrellada á noite é assumpto
De conjecturas mil; não se fallava
De outra cousa: da fuga das amantes,
Da invejada aventura deliciosa,
Que da etiqueta a rigidez quebrando
Faz que a emoção o sentimento exalte.

O Doutor Martim d'Ocem se recorda
Do que se deu no mar durante a viagem
Da Frol da Rosa, em mares de Inglaterra:
Do frasco fluctuante recolhido
Pela agitada marinhagem, dentro
D'elle um bilhete, em que se lia um nome...

Um nome? A curiosidade augmenta!
Quer o rei conhecer o conteúdo
D'esse bilhete mysterioso; entrega-o
O Doutor Martim d'Ocem, que o destaca
D'entre os papeis que o acompanham sempre
Como bom servidor de el-rei seu amo.

A meia voz o rei balbuciando:
« Deixou por mim a formosissima Anna... »

A's primeiras palavras este nome
Apenas proferido, o espanto incita;
As Damas se entreolharam penetrando
O recondito caso! inconveniente
O Cavalleiro Lovedy, aquelle
Que ao Torneio trouxera por divisa
D'amors joïr, brada inconsiderado:

— *Anna* d'Arfet... —
A impressão foi grande;
Não eram conhecidos seus amores.
Os outros Cavalleiros, Corleville,
E Morley, vendo a letra do bilhete
Dizem um para o outro, surprehendidos:

— Confirmam-se as suspeitas que formámos!
« E' letra de *Machin!* E que felizes
Serão por esse mar, a sós, entregues
A um amor profundo e absoluto!
E quem tem medo á inevitavel morte,
Quando se vae em tanto amor perdido?»

Chaucer sorri:
— Tornou-se realidade
O sonho encantador que anciava o Dante
Com os *Fieis do Amor:* n'um mar infindo
A's tormentas incolumes vogando,
No goso da existencia sempre unidos:..

VI

Emquanto alli o escandalo amoroso
De Anna d'Arfet e de Machin se assoalha,
Da intentada fuga para França,
Da perda de ambos no Oceano, entregues
A morte inexoravel, conversava
Com Alvaro Gonçalves o Magriço
A bella Ethwalda impressionada e triste:

« Quanto invejo um amor egual ao d'elles,
Ou antes, uma morte assim!
— Quem falla
Em morte, quando a mocidade brilha?
(Volve Magriço, ardente, repassado
Do doce olhar com que Ethwalda o inunda.)

E' possivel, eu creio, que os amantes
Machin e Anna d'Arfet sejam levados
Do mar pelas correntes invenciveis
A's mysteriosas Ilhas mal perdidas
Pelo Mar Tenebroso ! e lá, sosinhos,
N'esse elysio e afortunados sitios
No éden de uma natureza virgem,
Como remate de perigos tantos
Suas almas sedentas unifiquem !

« Fallaes, senhor, como um apaixonado,
Ou como Portuguez, melhor diria ! »
(Observa Ethwalda.) Respondeu Magriço :

— Como Portuguez, sim ; embora traga
O coração liberto.

« Não o creio !
(Prompta, volve a donzella com surpreza.)
Não tem coração livre o que a Divisa
Plus est belle qu'ymage traz comsigo.
Ah, por essa Divisa eu mesma posso
Penetrar o segredo da vossa alma . . . »

Enleado quéda-se Alvaro Gonçalves
Por vêr a gracilissima donzella
Querer conhecer tanto os sentimentos
Que o animam.

Ethwalda continúa :
« Ha em vós, no vosso ár uma tristeza,
Não condiz com a situação obtida
No Torneio de ante-hontem. Vós, sómente
O unico cavalleiro não ferido,
Com a alma golpeada sois indemne. »

A taes fallas, Magriço se recorda
Do que em Paris, nas mysteriosas vozes,
Da grande Feira de Lendit ouvira:

— Para mim é por certo uma tristeza
Não ter sido ferido no Torneio...
Perdi uma esperança! a prophecia
Faz de um ferido o Fundador glorioso
De uma nova Ordem, que avassalla o mundo
Com força ignota, a inteira Obediencia.

« Encobris, vejo, os sonhos do amor vosso
Com a chimera do Poder. Embora!
Pasmareis observando como eu leio
Da Divisa o implicito segredo. »

VII

Sobre o semblante de Alvaro Gonçalves
Expressão de curiosidade intensa
Transluzira; nem vê que as damas param,
Que os grupos que perpassam lentamente
Na Camara Estrellada, vão notando
O colloquio animado.
Insiste Ethwalda:
«*Plus est belle qu'ymage!* Sêde attento.
Muitos Lords e inglezes Cavalleiros
Que pelo continente têm viajado,
Quadro singularissimo conhecem
Denominado — a *Bella Portugueza.* »

D'entre um grupo intervem uma outra Dama,
A donairosa Egberte:

= E' um retrato
A *Bella Portugueza!* Maravilha
Do pincel de Van-Eyck; eu vi-o, quando
Estive com meu pae ha pouco em Flandres.
E' sem egual aquella formosura,
Não sonhada, mas real. Assombra e encanta
Com expressão suave, sobrehumana.
Vão lá de todo o mundo para vêl-a.

Outra exclamava com vaidoso intuito:

— « Que vida tem a *Bella Portugueza!*
E' um retrato; mas ha quem duvide?
Quando esteve na côrte de Lisboa
Van-Eyck, ahi pintou esse retrato...
Quem fosse a dama ignora-se...

Magriço
Maravilhado fica ante o que escuta;
Manteve-se em reserva cautellosa,
Não quer que se conheça a ignorancia
Que tem d'essa obra prima, proclamada
Pelo titulo «*A Bella Portugueza.*»
Suscitado pelo intimo sentido
Da Divisa, que deparara a sorte,
No seu animo crente delibéra:

— Irei vêr tal assombro de arte a Flandres! —

VIII

De subito, um murmurio se propaga
Pela extensão da sala. Qualquer cousa
Vae passar-se de extraordinario... Consta
Que um Entremez por Chaucer inventado
Expressamente para o Serão regio,
Se representa agora; o Argumento
Dizem que é de Amor.
Da sala ao fundo
Vê-se ondear a cortina. Tudo aguarda
O espectaculo novo, inesperado.
Senta-se o Rei, as Damas; já se agrupam
Cavalleiros e altos personagens;
Mudez attenta. O proprio poeta Chaucer
Vem recitar o Prologo da Scena:

ENTREMEZ DA CAMARA ESTRELLADA

Corrida a cortina do fundo da Sala, vê-se sobre um estrado sentada em cadeira de espaldar a Condessa MATHILDE DE FALKENSTEIN, *ladeada de suas Damas, de pé; proximos d'ella, de cada lado, estão os dois Minnesaenger* HENRIQUE DE OFFTERDINGEN *e* WOLFANG VON ESCHENBACH, *convidados para lhe explicarem ou melhor definirem o que é o Amor.*

PROLOGO

O POETA CHAUCER, expondo a situação:

Embalada n'um sonho de candura,
Como no conto a *Belle au bois dormant*,
Da Condessa Mathilde a formosura
Se entreabre como a rosa da manhã.

N'esse enlevo encantado
Lhe escolheram seus paes um desposado.

Sem que ouvida ella fosse, o casamento
Com o Conde de Falkenstein se faz;
Da alta estirpe é por certo apuramento,
Pois que é joven, é generoso e audaz;
Pela conveniencia
Da familia dos dois fez-se a violencia.

Era o Conde inda novo, homem já gasto,
Nas caçadas, torneios, correrias;
Dos prazeres mais loucos busca o rasto,
E, longe do solar dias e dias,
O socego aborrece
E até da esposa, do seu lar se esquece.

De Mathilde á gentil graciosidade,
Torna-se totalmente indifferente!
Redobra-lhe a belleza a flor da edade;
Em aventuras anda o esposo ausente,
E agitado passa
Longe do fóco intimo da graça.

Do Castello na solitaria estancia
Cantando estrophes de Canções antigas,
Com que fôra embalada em sua infancia,
Busca apoio em recordações amigas
A terna e meiga esposa,
Que nem mesmo increpar o marido ousa.

Canções de Trovadores da Provença
Que espalham os Jograes pela Allemanha,
Embalam-lhe a alma em emoção intensa,
Elevam-na a altura ideal, tamanha!
E assim passam-se os annos,
Sem que ella sinta os frios desenganos.

Eis, que o Conde de Falkenstein se inscreve
Com outros Cavalleiros na Cruzada
Da Terra Santa; vae partir em breve,
N'essa onda impetuosa, hallucinada,
Que leva a Europa ao embate
Contra a Asia, do Sepulchro ao resgate.

No esplendor de tanta formosura
A solidão deu-lhe expressão de magoa,
No rosto de Mathilde mais se apura
O sobrehumano aspecto n'essa frágoa;
Mas, foi então que viu
Que ha na sua existencia atroz vasio.

Deu-lhe a sorte belleza e opulencia,
Singular graça, excelso nascimento,
De admirações bordou-lhe a existencia,
Tem lucilante vôo no pensamento;
Da vida passa a aurora;
Mas, o que seja o Amor, o Amor? ignora.

Tarde conhece não ter sido amada!
E ao tornar-se mais bella cada dia,
N'essa anciedade vive desolada;
Quem do Amor no mysterio a inicia?
Como o Amor na alma lavra,
Quem o pode explicar? Com que palavra?

CÔRO DAS DAMAS:

Não vos faltam conselhos de prudentes;
Convidae da Allemanha os grandes Poetas,
Porque os Poetas são de Amor scientes,
Almas do indefinivel inquietas!
O Amor é eterno thema
A que dão sempre uma expressão suprema.

UM GRUPO:

Convidae Offterdingen, que segundo
Consta, foi ao Castello de Klingsor,
Do Magico afamado em todo o mundo,
Pelos mysterios do prazer no Amor!
O Minnesaenger ledo
Não ignora de Amor nenhum segredo!

OUTRO GRUPO:

Convidae Eschenbach, que já esteve
Lá no Monte-Salvat! E' sem rival;
No seu coração puro como a neve
Guarda os segredos mysticos do Graal!
Quem haverá como elle
Que a emoção do Amor ideal revele?

CHAUCER, terminando o Prologo:

E' o Solar de Falkenstein em festa!
De Mathilde ao poetico Torneio
Offterdingen solicito se apresta,
Logo Eschenbach pressuroso veiu...
Que alegria completa!
Interroga a Condessa a cada Poeta.

MATHILDE, propondo o problema aos dois Minnesaenger:

O que é o Amor? que torna o Heroe forte;
Que ao Poeta dá a alta visão do Bello?
Que accalma a dôr, e vence mesmo a morte?
Que une as almas em secretissimo élo?
Não o sei n'este momento!
Explicae-me o ineffavel sentimento.

OFFTERDINGEN:

Para mim, e por quanto eu entrevejo
Na vida do Universo,
O Amor — é o Desejo!
Submette o Cáos revoltoso, adverso;
Funda a Ordem illeza
Na harmonia immanente á Natureza.

E' o Desejo o Amor irresistivel
Que a Tristão e Yseult ardentes liga;
Quem ha que melhor diga
Do poder da anciedade indeffinivel,
Que aquelles dois amantes
N'este Colloquio, que tiveram d'antes:

Dialogo entre Tristão e Yseult

Yseult:

Fatal engano! Desde que nos labios
Tocou a Taça que me deu Brengienne,
Um incendio perenne
Ateou esse philtro, de que os sabios

Não percebem a acção maravilhosa!
Um fogo no meu sangue,
Que me quebra a vontade e torna exangué,
Poz-me n'alma este Amor, que tudo ousa.

Amor louco, Amor cego, irresistivel,
Que nem já me conheço!
Por ignoto processo
O odio, que a Tristão votara, incrivel!
Converteu-se na subita paixão,
Na sympathia ignava,
Que me faz de rainha ser escrava
Do indomito desejo de Tristão.

Não é o absurdo o que me torna triste,
Por vêr, que uma estranha paridade
Entre Odio e Amor existe!
Mas, subjuga-me a atroz fatalidade,
Desvario, a que o espirito obedece,
E impéra no meu sêr,
Quando a esposa as ternuras do Dever
Por um delirio repentino esquece!

Affrontando o Dever mesmo com gosto,
Calquei os attributos do pudor
Por este ardente amor;
Se alguma sombra vem toldar-me o rosto,
Tristão! Tristão! é quando te não vejo!
Então se me revela
Que o Amor a existencia me atropella,
E' o bárathro horrivel do Desejo.

D'este Amor, que me encanta e tanto opprime
Não haverá prestigioso carme
Que possa libertar-me,
Que o torne puro, sem labéo de crime?
Bem sei, Tristão, o que a tua alma sonha!
Tu de amar-me não deixas!
Nem de um Amor assim sequer te queixas,
Mais o exalta o remorso e a vergonha!

Tristão:

Feliz engano! e não fatal, digo eu,
Quando por tua mão libei a Taça!
Relampago de graça
Me abriu patente o céo.

Transformou-se-me o mundo em visão nova;
E o fóco d'aquella infinda aurora,
Que fostes vós, senhora,
Meu extasis o prova!

Como aquelle, cahindo em mar immenso,
As algas envolvendo-o dão-lhe a morte,
No Amor, da mesma sorte
Affundo-me; assim penso.

Amor involuntario, irresistivel,
Manietou-me; eu já não sou quem era:
Absorto na chimera
Affrontei o impossivel.

A' minha guarda fôras confiada,
E quebrantando a honra, eu cavalleiro,
A tal despenhadeiro
Te trouxe, oh doce amada!

De tanta dôr tudo isto foi inicio!
Fatidico, absoluto o amor se impoz!
Tudo esqueci por vós;
Que Amor, sem sacrificio?

Sêr degradado e vil! por este preço
O Amor é um constante soffrimento,
Oceano turbulento,
Para o qual me arremesso!

Desejo irrepressivel que em mim arde,
Insanavel, intérmina ferida
E' para mim a vida;
De tal dôr faço alarde.

D'esse Amor, que me vence e me traz cego,
Da ferida que sangra sempre aberta,
Que philtro me liberta,
Se a deshonra renego?

Yseult:

Tenho ouvido dizer, que o mal de Amor
Com o mesmo amor se cura!
Que dôr sinto, que dôr,
Ter-se perdido a Taça, em que á mistura
Com tanto Amor libámos a loucura!

Do Amor irresistivel, por ventura,
Libando mais um trago,
Nos faria esquecer tanta amargura,
Do Dever e da Honra o cruento estrago,
N'este viver aziago.

Cahiriamos na inconsciencia,
Na beata plenitude
Da insensibilidade na desgraça!
Onde achar a maravilhosa Taça
D'esse philtro de uma affectiva essencia?
Nunca mais outra vez achal-a pude!

Tristão:

Do Magico Klingsor lá no Castello,
Onde quem ahi entra
De lá nunca mais torna,
Está guardado esse thezouro bello,
A Taça que concentra
Philtro de Amor, que a existencia adorna.

E' o Castello um pélago de goso,
De prazeres arrôbo,
Um edênico enlêvo!
Fez da Taça do Amor arteiro roubo;
Mas, furtal-a animoso
Mesmo affrontando a morte hoje me atrevo.

Yseult:

Nós ao Castello de Klingsor sigamos;
De mais gosos não imos á procura!
Se a paz, a paz que para sempre dura
No fundo d'essa Taça a deparamos?

Tristão:

A intensidade d'este Amor revela
O remedio onde está, e de que sorte;
O Amor é irmão da Morte!
O soffrimento que duas almas sela

Mão grado Honra e Dever, n'essa união,
Da angustia do Desejo
Insaciavel, bem vejo,
Só pela morte obtem libertação.

Yseult:

E' um suicidio misero e covarde?...

Tristão:

Não! Que a chamma que em duas almas arde
Através da mais intima amargura,
Dá-lhe a morte a fusão:
Da vontade o lampejo que inda resta
Pela renuncia é que se manifesta,
E' a renuncia uma delicia pura!

Yseult:

Comprehendo agora! Ah, quando te entreguei
Taça lethal do Odio, que envenena,
Eu senti logo o Amor, que me dá pena,
Que affronta toda a lei;
Só bem tarde notei,
Que ha no fundo da Taça
Precipitadas fezes,
Que agitadas no ultimo momento
Accalmam os revezes,
Supplantam a desgraça,
Têm o poder do apaziguamento.

Ambos:

A Taça que incitou este Amor forte,
E' da libertação ditosa nuncia!
Dá-nos no trago ultimo — a renuncia,
Identifica o Amor na união da Morte.

Já no Castello de Klingsor entrámos!
De mais gosos não viemos á procura;
Nós no fundo da Taça deparámos
A paz, a paz, que imperturbavel dura.

ESCHENBACH, dirigindo-se por sua vez serenamente a Mathilde:

Para mim, ai, revela-m'o a existencia,
O Amor é a Piedade!
Conflagra-se a Materia com violencia;
Só a rasão descobre a immanencia
Da latente unidade.

Pela Piedade a alma em nós se apura,
Sublima o soffrimento!
Lá do Monte Salvat no ethereo assento,
E' que existe do Amor a noção pura,
Ideal conhecimento.

N'esse perenne culto do San Graal,
A seu filho Lohengrin
N'um Monologo explica Percival
Do Amor-Desejo o louco phrenesim;
Falla extatico assim:

Percival:

Espectaculo immenso do Universo,
A Dôr! a Dôr! em tudo, em toda a parte!
Homem! que tens da Dôr consciencia, immerso
N'esse pélago, a Dôr torna ideal da Arte.

As forças todas que se manifestam,
São resultantes de immanente lucta
Interminavel, bruta,
De elementos que activos se detestam!
Não se aniquillam, não, mas decompõem-se,
E como n'um ludibrio,
Sobre ellas, novas formas contrapõem-se
Tentando outro equilibrio.

N'este desdobramento successivo,
N'esta fusão em um lethal cadinho,
Onde vae tal caminho?
Inda procura a Dôr maior miseria:
Pela organisação fixa á materia,
Quer que sinta o sêr vivo!

A vida pela Dôr tem a consciencia,
A' sensibilidade predisposta!
Quem attingiu moral delicadeza,
Buscando do Universo na immanencia
A harmonia em si, na Natureza,
Ordem, ou pensamento,
Só com a Dôr arrosta!
Não encontra senão o soffrimento.

Leva o conhecimento,
Da Dôr universal á condolencia:
Nova forma da sensibilidade,
E' o que nos eleva
Acima d'esta atroz fatalidade,
E oppõe á angustia séva
Uma benevolencia,
Dôr pela Dôr dos outros — a Piedade.

N'este cahos revolto, infindo, mudo,
De uma Dôr indistincta,
Que no sêr vivo indomita requinta,
E' o Amor, o Amor unico escudo!
Da mesma Dôr acorda a sympathia,
Na defeza os desalentados liga!
E dos éstos da ancia que profliga,
Faz religião e ideal da Poesia.

Do Universo na lugubre voragem
Escancarada, aberta,
A renuncia com intima coragem
De esperanças, de gosos, da miragem
Da psychose illusoria nos liberta!
O Amor é da renuncia porta aberta.

*

Do Universo n'esta horrorosa trama
E interminavel lide,
Os que soffrem, a Dôr mais os divide
No grupo estranho -- *Aquelle que não ama.*
Esse vae arrastado
Pela corrente cega
Por paixões e appetites dominado,
E toda a vida emprega

Sem outra luz ideal
Ná sensualidade do animal,
Vaidade do talento,
Orgulho do Poder ou formosura,
Na riqueza, ou na gloria de um momento,
No odio do interesse...
Tudo por fim perece
Arrojados á paz da sepultura!

O que não ama! Esse entra e sae da vida
Movido unicamente pelo espinho
Cravado no seu sêr
Do estimulo da cousa appetecida!
E a final no cansado desalento
Do illudido prazer,
A morte o elabora em seu cadinho,
Dá-lhe apaziguamento,
Sem que, atterrado, a possa comprehender.

Os outros são *Os que amam!* Fazem esses
Do Amor o ideal da vida;
Amam o Bello, o Bem sem interesses;
Das emoções, deliciosas mésses,
A Dôr é supprimida!
O puro ideal os leva ao sacrificio,
E então a Morte é-lhes da vida o inicio.

Esse Amor tem a expressão completa,
Se á condolencia á alma nos conduz;
A existencia da Dôr sempre repleta
Foge á fatalidade,
Aureolada de indefinida luz,
Pela emoção suave da Piedade,
Como a sentiram Budda e Jesus!

E' nossa mãe commum a Humanidade,
Em seu seio nos trouxe
Da civilisação á enorme altura!
Symbolo augusto e doce,
D'essa angustiada e ideal maternidade
A Virgem-Mãe é sempre a imagem pura.

A Virgem-Mãe, trazendo nos seus braços
Esse votado ao sacrificio, o Filho,
Que na renuncia funda a liberdade,
Com que célico brilho
Seu amor illumina os nossos passos,
Ensinando da condolencia o trilho!
Oh Mater Dolorosa! és a Piedade.

(Cerra-se a cortina)

EXODIO

O POETA CHAUCER:

Dos Minnesaenger o Torneio é findo!
Do Magico Klingsor pelo prestigio
Sentiu Mathilde estranha obsessão:
Desejou vêr o seu Castello lindo!...
De tal fascinação,
Só do Santo Graal pelo prodigio,
De Percival liberta-a a expressão,
Restitue-lhe a alma á plena liberdade;
Longe da seducção que a hallucina,
Reconheceu que o Amor é a Piedade,
Condão, essencia da alma feminina;
Que só a mulher hade
Guiar o mundo á felicidade
Por esse dom de uma emoção divina.

(Exit.)

IX

Terminado o espectaculo, eis se ostenta
Logo a *Dansa das Tochas* delirante,
Quasi como em festim esponsalicio.
Cavalleiros e Damas se entrecruzam,
N'um tropel em freneticos volteios,
Passando o acceso facho, retomando-o,
De mão em mão seguindo com presteza,
Em convulsivos, incessantes risos,
Buscando-se, envolvendo-se, fugindo
Ao rodopio, quando é extincta a chamma,
O serão real termina em desvario.

X

Para Avranches, a singular combate
Partiu Alvaro Vaz de Almada. A Flandres
Vae Magriço levado pelo empenho
De descobrir no genial quadro a Dama
Que na côrte de Dom João Primeiro
Retratara Van-Eyck, ignota imagem
Denominada a *Bella Portugueza*.
Como n'um vago sonho, o embala a ideia
De entrevêr no semblante a realidade.
Chegando a Flandres, soube facilmente
Pela voz popular a egreja aonde
O esplendido retrato se conserva,
Sob a guarda de fervoroso culto.

Quantos a Flandres vêm, vão contemplal-o.
Em maré de felicidade estava
Magriço; soube aonde era a officina
De Van-Eyck, e contente se dirige
A' officina do immortal artista.

Subito sob impressão viva pára!

Pintava o artista o quadro religioso
Fons Vitae, designado; fita os grupos
Que estão da Pia baptismal á volta:
Conhece o vulto de Dom João Primeiro,
E os inclytos Infantes, que enumera.
Ouvindo-o proferir aquelles nomes
E o accento do portuguez idioma,
Deixa o pincel Van-Eyck, e interroga
O forasteiro, cuja voz desperta
De Portugal lembranças jubilosas.
Conta Magriço que motivo o trouxe
Agora a Flandres, vindo de Inglaterra,
Do Torneio dos Doze Portuguezes
Em que tomara parte; aqui intenta
Vêr, admirar a *Bella Portugueza*,
Proclamada do genio a obra prima.
Van-Eyck aperta a mão ao Cavalleiro,
E diz cheio de alegre confiança:

— Eu mesmo irei mostrar-vos esse quadro.

XI

Sáem. Perto era o templo, visitado
Por quantos estrangeiros vêm a Flandres.
Magriço escuta attentamente o artista:

— Muitos viajantes bem desejariam
Conhecer de quem é esse retrato
Que a todos impressiona. Eu só me lembro
Que na Côrte do Mestre de Avis vira
Uma Dama de ideal physionomia,
Rosto oval de archangelica pureza,
Quando lá estive pela vez primeira.
Essa expressão suave de Piedade
Revelaram-me as linhas do seu rosto,
E assim fixei na tela todo o enlevo
Do hieratico estylo! Oh não me esquece
Que foi de Portugal, que eu de lá trouxe
Novo processo de pintura a oleo,
Que dá á côr os tons indefiniveis,
Que fazem da Pintura a Arte suprema
Sobre todas as outras formas da Arte. —

XII

Magriço, todo absorto, não se farta
De contemplar o quadro; e reunindo
Reminiscencias vagas, que completam
Situações que passaram, mal sabidas,
Rompe o silencio em que estivera immerso,

Disse para Van-Eyck:
«Eu conheci-a
A *Bella Portugueza!* Abandonara
A côrte... Ah, vós não o sabeis por certo;
E' um drama tremendo, que impressiona!
Essa Dama gracil, e a mais fidalga,
Com ardor era amada; o namorado,
Surprehendido a fallar-lhe á gelosia
No paço real á noite, fóra de horas,
Foi pelo rei Dom João Primeiro á morte
Condemnado; e no pateo era cumprida
A sentença verbal no mesmo instante!
Deixou a Dama a côrte, desolada,
Ninguem soube mais d'ella. Referiam
Que a internara o rei em um mosteiro
De regra austera de severas Donas;
Outros contavam com maior verdade,
Que em completa renuncia de si mesmo,
Foi ser *Emparedada;* aonde? ignoram.»

Contemplava Van-Eyck esse retrato
A nova luz; outra expressão lhe encontra;
E murmurando como alheio á vida:

— Vi-a radiante em plena formosura
A *Bella Portugueza*...
E espontaneas
Mudas lagrimas sulcam-lhe o semblante:
— Eu bem posso affirmar-vos, Cavalleiro,
Que era ainda mais bella que o retrato,
Que os longes fixa da visão etherea.

XIII

Possue Magriço a comprehensão completa
Do sentido d'aquelle mote vago
Plus est belle qu'ymage! Então se lembra
De já ter visto casualmente e a furto
Traços vivos da ideal physionomia
Na *Emparedada* humilde das Virtudes,
Ao passar em romagem pelo Porto:

— Como eu a amara, se ella ao mundo ainda
Pertencesse! Não pode já ser minha.
Diante d'este retrato renuncio
Ao amor de mulher; e d'ora em diante
Voto o meu peito a um amor mais alto,
Alentando-me o generoso impulso
Pela ditosa e tanto amada Patria. —

XIV

Teve Magriço em Flandres a noticia,
Que á côrte de Inglaterra era chegada
Uma carta do rei Dom João Primeiro,
Chamando á pressa e com instancia viva
Os Doze Cavalleiros portuguezes
Que na Estacada de Smithfield foram.

O motivo?

Dizia-se que o Mestre
Organisava expedição guerreira
De occupação da costa Tingitana.
Quer dar campo da honra a esses Doze
Inaltecidos no Torneo de Londres,
Provando agora em Africa suas lanças;
Que os Algarves de áquem, na lusa terra,
Por além-mar em Africa se estendam,
E que as Columnas de Hercules baqueiem.

Ah! se n'essa phalange generosa
De Alvaro Vaz de Almada o nome falta,
Certo é que pela Europa alastra a gloria
De Portugal em estrondosos feitos.
E se o Magriço não accode ao brado
Que a lusa mocidade chama a Ceuta,
Forçado é hoje a prolongar a ausencia
De Portugal, da patria, em nobre causa:
Da Condessa de Flandres em serviço,
Que um desaggravo á sua espada exora,
Honra e justiça o nome lhe eternisam.

XV

Pouco antes do momento da partida
Dos Cavalleiros portuguezes, gratos
A's distincções da Côrte de Inglaterra,
No grupo alegre o Duque de Lencastre

A João Pereira busca, a João Pereira
Vem fallar, e á presença conduzil-o
Do soberano que o ouvir deseja:

«Quer Ricardo Segundo, que perdôa
O accesso de colera indomavel
Que vos fez derrubar Austin por terra,
Quer saber qual o *Gab* interrompido
Pelo fatal successo do banquete
Nos Paços de Saboya! Empenho grande
Tem em reconhecer o enorme arrojo
Que reflectir deveis na phantasia.
Condescendei em vir communicar-lhe,
Para ser agradavel ao monarcha,
O *Gab* interrompido.»

João Pereira
Por juvenil, e genio resoluto,
A' presença do Rei segue contente.
Affavelmente o accolhe, e entrerindo,
O Rei jovial o escuta bondadoso.

— Senhor! já que me honraes com vosso empenho,
Appresento o meu *Gab*; é a bitola
Com franqueza da phantasia minha:

Abyla e Calpe! de Hercules Columnas
Postas á audacia humana por limite,
Em epoca de trevas importunas,
Abaterei em uma e outra plaga!
A Divisa do *Non plus ultra* apaga
Minha mão! Tal ameaça não permitte!

— Gloria ao Mestre!—
Gritam Alvaro Mendes de Cerveira
E Martim Lopes de Azevedo; crentes
Na conquista gloriosa que entrevêem
Já Ruy Gomes da Silva e João Pereira
Com Soeiro da Costa renunciam
A's aventuras do amor, jurando
Nas muralhas de Ceuta alçar as Quinas,
E derrubando todas as mesquitas,
A' cidade do réfece Agareno
Dar-lhe no proprio sangue o seu baptismo.

EPILOGO

O CREPUSCULO DA HISTORIA

SARPA a Náo Frol da Rosa, e faz-se ao largo,
Singrando, mar em fóra a todo o panno,
Na róta de Lisboa. O nobre Troço
Dos Cavalleiros portuguezes volta
A' Patria pelo Amor dignificado,
A' Patria, pela Acção, de ora em diante
Na generosa Empreza engrandecida,
De dilatar á Humanidade o mundo.

Eil-a a missão do Peito lusitano.

E emquanto vão sulcando o Oceano vasto,
No saudoso regresso, sobre as aguas
Viu-se um clarão como suave e esparso
Phantastico luar. A marinhagem
O luminoso ponto contemplando,
Que espalha discos de palhetas de ouro,
Cuida vêr uma LYRA que fluctúa!

Não é só do fulgor que vem o assombro,
Irradiando como Estrella Nova;
Escutava-se no ár a resonancia
De uma equórea harmonia immensa, um canto
Na linguagem humana intraduzivel!
Attentos, tudo escutam com surpreza,
Nada alcançam da infinda melodia.

Alto mysterio aos seculos se ostenta.
Era a LYRA DE ORPHEO, illuminando
O Mar que abrange os Continentes ambos,
Patenteado á acção consciente do Homem;
Era o cantico novo, suggerindo
Mais bello Ideal aos Poetas de uma edade
Em que a lucta pacifica triumpha:

PLUS ULTRA

(RHAPSODIA)

I

O élo que prendia
O homem moderno ao Mundo antigo, um dia
Quem quebrantal-o ousa?
E' de um pequeno Povo a valentia,
Como anjo ao revolver sepulchral lousa,
D'onde o immortal espirito irradia.

De um Mar exiguo e interior nas bordas
Sobre o Mediterraneo, como pharos,
Lyra das Sete cordas
Em um concerto ideal,
Ergueram-se Nações e Imperios claros:
O Egypto, Aram, Phenicia e a Judeia,
Grecia, Roma, Carthago, a acção e a ideia,
A Civilisação Occidental!

A prolongar-se veiu este alto impulso
Pelo prestigio excelso do passado
A's Nações do Occidente subjugadas!
De quem será o pulso
Que se atreva a romper o ambito estreito?
Ah, qual será na terra o Povo eleito
Mais que os outros ousado,
Transpondo no orbe as regiões sonhadas!

II

E' Portugal! que rompe audacioso
Esse Mar interior quasi sagrado,
Pelas Columnas de Hercules fechado!
Para o Mar Tenebroso
O panno ás Náos desferra,
E altivo toma posse denodado
Do Oceano universal que cinge a terra.

E' Portugal! — esse pequeno Povo,
Que patentêa a arena
A' actividade ingente do homem novo!
Em não sulcados mares lança a antenna,
E unindo agora a um o outro Hemispherio,
Um pensamento o absorve:
Dar ao expulso do Eden o imperio
Pleno e inteiro do Orbe!

III

Exclama a Grecia — que sentiu primeiro
O humano ideal do universalismo,
Sem ter logrado dar-lhe realidade:

«Dei a expressão do Bello á humanidade,
E a consciencia ao individualismo;
Mas, terrivel nevoeiro
Das bandas do Oriente,
Sobre as almas espalha de repente
A sombra de Mil annos de tristeza!

Ficando inerte, preza
A contemplar a morte e a cova aberta,
Da tremenda apathia se liberta
A Humanidade pela Acção. Mas, como
Poderá Portugal, que eu mal assômo,
Realisar tal Empreza?»

Falla Roma, — que impavida fundara
A Lei, dando a Justiça essa harmonia
Sobre a concordia mutua das vontades:

«Fiz do Direito esplendida Poesia,
Que trouxe os Povos ante uma mesma ára,
Unificando todas as Cidades
Em uma Patria humana!
De Paz e Ordem a grandiosa traça
Que eu construi ufana,
Toda caíu em ruina,
Quando o Dogma da Graça,
Com a credulidade da rudeza,
A vontade divina
Contrapoz sobre as Leis da Natureza!

«Como hade Portugal sahir agora
Da religiosa cerração espêssa,
Que envolve o Velho mundo?
E da edade moderna que começa
Rasgar á nova aurora
Mar de trevas profundo?
Pequeno o Povo, e d'esse Dogma preza,
D'onde haurir forças para tal Empreza?»

Falla a França — que a continuidade
Mantem do ideal hellenico e romano:

«Eu proclamei a Confraternidade
Pela revolta contra o jugo insano
Dos Barões sobre as raças expoliadas;
Levou a união não vista

O Povo ao desvario das Cruzadas,
De um Sepulchro á insolita conquista!
Do collapso lethal o homem se erga,
Tornado de si mesmo Providencia;
Um outro céo, outro horisonte enxerga,
Em vez da Fé — a Sciencia.
Com que recursos Portugal emprehende,
Elle, pequeno, assim tamanho feito?
Quem para a ousada aspiração o incita?
Quem para amar propende,
Por certo o Amor agita
O lusitano Peito!»

IV

Têm os pequenos Povos
Sempre um Ideal que os fortifica e impelle:
Vêde como Israel
Trouxe ás consciencias uns consolos novos,
No sonho de Adonai
Dando ás raças um universal Pae!

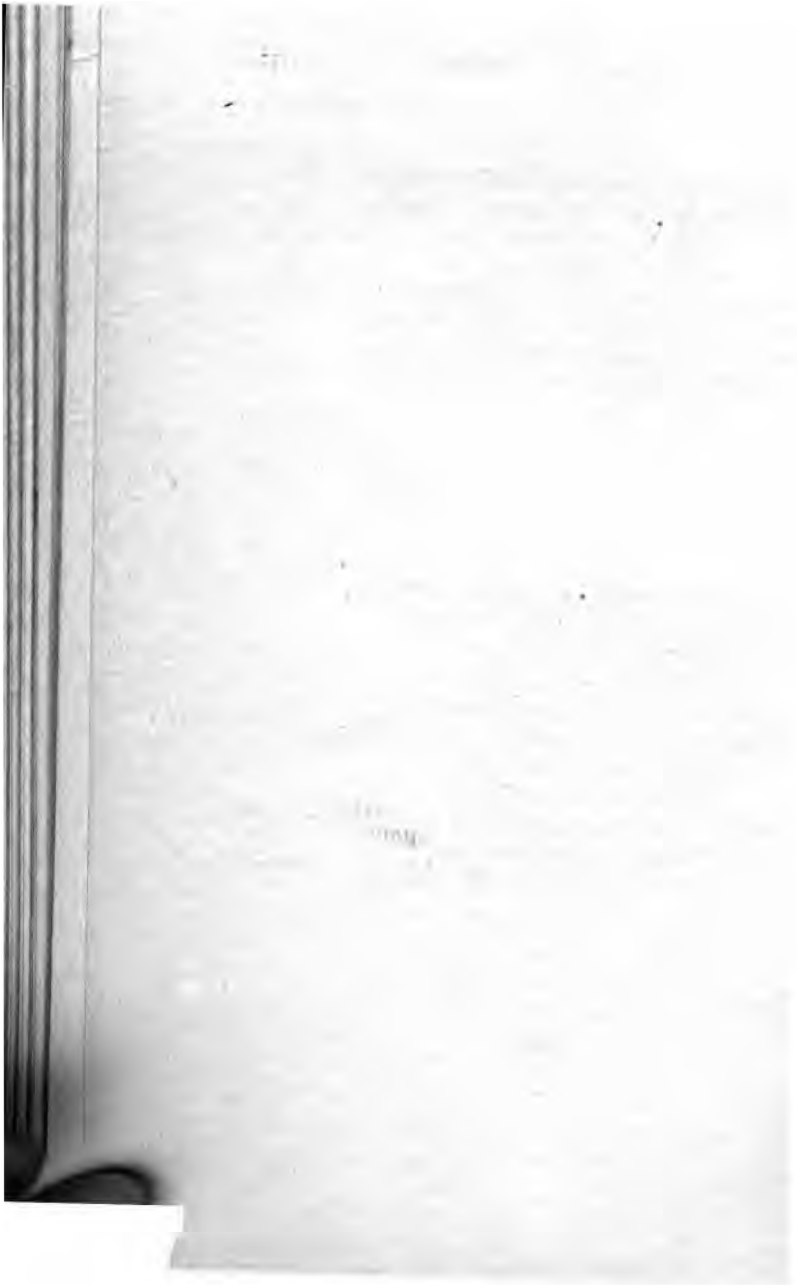
Com audacia infinita
A Portugal força intima o incita,
Leva-o com espanto
Como porta-estandarte da nova éra!
Elle dá realidade á gran chimera.
Poder do Amor! Amor da Patria santo.
Do Mediterraneo o estreito berço
Das Civilisações do mundo antigo
Rompe, e affronta o perigo
No tenebroso Mar sulcando terso.

E' pelo Amor, Amor da Patria immenso,
Que Portugal affronta ousado os mares,
Vencendo mil azares
Do Oceano iracundo!
Mais á gloria que a lucros é propenso;
Abre a rota do Oriente, e dá ao mundo
Campo infindo de acção, esforço e vida
Por onde a Humanidade ardente lida.

V

Ai, se este Povo, que o passado affronta
E a veredas incognitas se arroja,
Se com o ouro defronta,
E na abjecção se roja!
Toda essa valentia e tanto heroismo,
Todo o vigor moral que ao tempo imprime,
Baquearão no desdoiro,
De que não se redime;
Se em vez do Amor da Patria, que sentia
E lhe dava a humana hegemonia,
Deixa absorver-se por venal Thesouro...

FIM



NOTA

SOBRE

OS DOZE DE INGLATERRA

No canto VI dos *Lusiadas* tratou Camões como episodio epico em vinte e sete bellas outavas a tradição graciosa da aventura cavalheiresca dos *Doze de Inglaterra*. O seu genio esthetico comprehendeu a belleza d'esse quadro, para synthetisar a epoca de D. João I, na qual estavam em voga as Novellas da Tavola Redonda e do Santo Graal, a ponto de terem os nomes dos personagens d'esses poemas das aventuras do Amor penetrado na vida civil da fidalguia portugueza, como *Tristão*, *Percival*, *Isêa*, (Yseult) *Viviana*, *Oriana*. O proprio D. João I equiparava-se diante dos seus Cavalleiros ao bom *Rey Arthur*, e via em cada um d'elles a imagem dos Companheiros da *Tavola Redonda*.

E' no meio dos enfados da viagem incerta da frota de Vasco da Gama, e quando o destino prepara novas catastrophes para os Navegadores vencerem, quando vigiam á amurada entre os silvos da rajada e o somno da fadiga que os accommette, que se lembram de procurar a distracção nos contos de amor e de bravura:

«Remedios contra o somno buscar querem, — Historias contam, casos mil referem.»

N'este quadro da epopêa figuram esses dois personagens lendarios da Expedição de Vasco da Gama, o namorado Leonardo Ribeiro e o chistosissimo Fernão Velloso, que apparecem em outros logares dos *Lusiadas*. Do primeiro diz o Licenciado Manoel Corrêa: «Este soldado se chamava Leonardo Ribeiro, segundo me disse Luiz de Camões, perguntando-lhe por elle, mancebo desenvolto, dizidor e grande namorado.» (*Comm.*, Cant. VI, est. 40.) De Fernão Velloso fallam Castanheda e João de Barros em suas Chronicas, com o mesmo caracter com que o retrata o poeta, semelhante ao que apparece no *Roteiro de Vasco da Gama*. Quando os marinheiros queriam passar a vigilia tempestuosa com contos alegres:

Responde Leonardo, que trazia
Pensamentos de firme namorado:
— Que Contos poderemos ter melhores
Para passar o tempo, que de amores?

«Não é, disse Velloso, cousa justa
Tratar branduras em tanta aspereza,
Que o trabalho do mar, que tanto custa,
Não soffre amores, nem delicadeza;
Antes de guerra férvida, e robusta,
A nossa historia seja. . . . . .

Encarregam por isso a Velloso o contar a historia do genero que propoz, e elle obedecendo justifica o seu intuito:

. . . porque os que me ouvirem d'aqui aprendam
A fazer feitos grandes de alta prova,
Dos nascidos direi da nossa terra,
E esses sejam os *Doze de Inglaterra*.

Seguem-se depois as bellissimas, galhardas e inimitaveis vinte e sete estrophes, em que relata Camões a aventura dos Doze cavalleiros portuguezes que foram em desaggravo das Damas inglezas á antiga patria dos paladinós de Arthur. Ariosto nunca foi mais feliz no *Orlando*, e quadros assim distribuidos por toda a narrativa dos *Lusiadas*, levaram Frederico Schlegel a considerar Camões muito superior a esse ultimo troveiro litterario de Italia.

D'onde colheria Camões esta tradição nacional que apparece pela primeira vez tratada por elle artisticamente? As chronicas do reino não alludem a semelhante lenda. Apenas Jorge Ferreira de Vasconcellos, no *Memorial dos Cavalleiros da segunda Tavola Redonda* (Cap. 46) traz uma referencia como a facto conhecido: «E em tempo del Rey don João de boa memoria sabemos que seus vassalos no cêrco de Guimarães se nomeavam por cavaleyros da Tavola redonda, e elle por el rey Artur. E de sua côrte mandou treze cavaleyros portuguezes a Londres, que se desafiaram em campo çarrado com outros tantos ingrezes nobres e esforçados, por respeito das Damas do Duque Dalencastro.» E' a referencia de Jorge Ferreira pouco posterior a 1554, quando Camões apenas iniciara o primeiro canto dos *Lusiadas*.

O licenciado Manoel Corrêa commentando o episodio, explica circumstancias que se não encontram apontadas no Poema, e como que seguindo uma Relação manuscripta: «Esta historia conta aqui Luiz de Camões, mas como no verso nunca se diz tão claramente que se excuse declaração, fiz aqui este breve discurso...» E commentando o ultimo verso da outava 43, diz: «A differença que ha entre a Relação e os versos de Luiz de Camões é, que *na Relação se diz, que a briga foi a pé, com maças de ferro no principio e depois com es-*

padas. Luiz de Camões diz que foi a cavallo. Mas não temos certeza, por ser cousa sem memoria; em Inglaterra dizem que a ha.» Pela parte que Pedro de Mariz teve na publicação dos Commentarios de Manoel Corrêa em 1613, pode-se inferir que elle mesmo lhe fornecera indicações contidas na Relação manuscripta a que o licenciado allude. Assim, nos *Dialogos de varia Historia*, publicados em 1594, Pedro de Mariz inclue uma narrativa da aventura dos Doze de Inglaterra, referindo-se a uma *Chronica antiqua hujus temporis:*

«Em tempo d'este rei (sc. D. João 1) aconteceu tambem aquelle grande feito em armas dos *Doze de Inglaterra*, a que o nosso Camões deu egual gloria á que mereciam. Porque sendo em aquelle tempo em Inglaterra algumas damas do paço motejadas pelos cavalleiros inglezes de muito feias, e pouco para amadas, e taes, que nenhum cavalleiro por força de armas lhes ousaria contradizer isso, e mostrando egual sentimento á magoa que tinham de não haver cavalleiros no reino, que com estes se ousassem combater, por serem os melhores e mais esforçados de todo elle. A isso acudiu o Duque de Lencastre, que presente se achava, a petição d'ellas, dizendo-lhe estas palavras:

« — Eu em minha côrte não acho cavalleiros, que se queiram combater com est'outros, porém dar-vos-hei um conselho se vós quizerdes, e é tal. Quando eu andei em Portugal, vi na batalha que El rei meu genro deu a El rei de Castella, muitos e bons cavalleiros em feitos de armas; se vós quizerdes, eu vos nomearei *Doze*, os quaes eu conheço, e escreverei a El rei meu genro, que lhes dê licença, se elles quizerem tomar esta Empreza, e vós escrever-lhe-heis a cada um sua carta, e eu tambem, e querendo elles vir, sereis satisfeitas de vossa injuria.

«Então fez logo o Duque escrever os nomes d'aquel-

les que lhe pareceram, cada um em seu papel, e os nomes d'ellas da mesma maneira; lançaram sortes, e aconteceu a cada Cavalleiro sua Dama, que eram doze as mais aggravadas; de maneira que, pelo nome sabia já cada Dama qual era o seu Cavalleiro pela sorte que lhe acontecera. Depois d'isto, fazendo ellas e o Duque a cada um sua carta, e havida a licença de El rei de Portugal, e por elles alegremente acceitado o partido, todos se pozeram ao caminho; onze d'elles se embarcaram em a cidade do Porto, e um se foi por terra, para mais á sua vontade exercitar as armas, mas com protesto, que se a vida lh'o não atalhasse, elle seria com elles no dia aprazado, que era pelo Espirito Santo. Estes Cavalleiros, se affirma, que eram os mais d'elles dos logares que estão pelas faldas da Serra da Estrella, e que um se chamava Alvaro de Almada, outro Alvaro Gonçalves Magriço, outro Pacheco, outro Pedro Homem, e outros. Dos quaes chegados os Onze a Inglaterra, dois dias ante do Espirito Santo, todas as Damas estavam muito contentes com taes defensores de sua honra; senão aquella a que coube em sorte Alvaro Gonçalves Magriço, que era o que por França caminhava. Mas a esta tristeza acudiram os onze, promettendo-lhe, que quando a morte impedisse seu companheiro (porque só isso o podia fazer) elles se combateriam por todas e cada um d'elles tomaria á sua conta o desaggravo d'esta dama. Estando n'estas desconfianças, chegou o Cavalleiro, e junto com os companheiros, assegurado o campo, e ordenadas as mais cousas em taes actos de armas costumadas, feitos grandes cadafalsos, em que grandissimo numero de gente estava presente em a cidade de Londres, metropole de Inglaterra, entraram os competidores, e de novo se desafiaram. Então começaram de se *combater primeiro com maças de ferro, e depois com espadas;* de modo

que a batalha foi mui cruel, e tão dura e bem pelejada, que começaram pela manhã, e á hora da terça descançaram; e quando veiu a segunda batalha, apertaram os portuguezes tanto com elles, que os lançaram fóra do campo, com outo d'elles mui feridos, em que fizeram grandes provas em armas, e se deram golpes, que pozeram espanto a todos os que os viam. E assim do Duque, como dos fidalgos, e mais gente foram os Portuguezes victoriosos mui louvados, e acompanhados com grande alegria e das Damas recebidos, como taes obras mereciam. Feito isto os nove se tornaram a Portugal, e os tres ficaram por aquellas partes; fazendo taes obras em armas, que um d'elles alcançou de el rei de França o Condado de Abranches em França, pelas obras que em seu serviço fizera. Este é o que depois veiu a morrer na Batalha de Alfarrobeira como adiante diremos.»

Vê-se pela circumstancia das *maças de ferro*, que tanto Manoel Corrêa como Pedro de Mariz tiveram presente a mesma Relação manuscripta; qual seria pode talvez inferir-se pelo documento, que existia na Livraria do Conde de Vimeiro, sob o n.º 94:

— «Miscellanea em que estão versos e Cartas curiosas: Poesias de Pedro Affonseca de Vasconcellos; Instrucções de Gaspar Gil Severim a seu filho, quando embarcava; *Catalogo dos Doze de Inglaterra;* dos Grandes de Hespanha, etc.»

Manoel de Faria e Sousa, no Commentario ao Canto VI dos *Lusiadas*, estancia 43, tambem allude á Relação: «Yo quando no hubiera visto un *Papel antiguo d'este successo*, le tuviera por verdadero, forçosamente, etc.» E accrescenta, ao commentar a estancia 50: «Ademas de los auctores conocidos, en que lo hallamos, siendo el ultimo Manoel Soeiro, en los *Anales de Flandres*, hubo en nuestro poder un *Papel antiguo*, en que

toscamente se referia este caso, que tienen por apocryfo algunos escrupulosos...» A forma tosca significa a simples indicação dos nomes dos Cavalleiros; Faria e Sousa consideraria como auctoridade historica o segundo Conde da Ericeira D. Fernando de Menezes, (1614-1693) que teria conhecido o *Catalogo dos Doze de Inglaterra* da Livraria do Conde de Vimeiro, denunciado em 1724 á Academia da Historia, em uma Conta por um outro Ericeira. Manoel Corrêa e Pedro de Mariz citam os mesmos nomes de Cavalleiros, que foram depois completados em nota marginal á edição dos *Dialogos* de 1758. Escreve Manoel Corrêa, citando os nomes de cinco d'esses Cavalleiros: «entre os quaes era um *Alvaro Vaz de Almada*, que depois foi Conde de Abranches em França, e outro, *Alvaro Gonçalves Coutinho*, de alcunha o *Magriço*, filho do primeiro marechal Gonçalo Vasques Coutinho e irmão de D. Vasco Coutinho, primeiro Conde de Marialva. E outros diziam que se chamava *João Pereira Agostim*, filho de Gil Vasques da Cunha, senhor das terras de Basto e de Montelongo, e Alferes-mór d'el-rei D. João de Boa memoria. Os outros, um d'elles se chamava *Pacheco*, e outro *Pedro Homem*, e outros, que eram por todos doze e todos mui esforçados e valerosos Cavalleiros.»

Pelos nomes vulgarisados pelo *Catalogo*, espalharam os genealogistas do seculo XVII algumas noticias, illustrando as linhagens com referencias á parte tomada na aventura dos *Doze de Inglaterra*. Na *Pedatura lusitana*, inedito genealogico do seculo XVII, fallando-se de *Alvaro Vaz de Almada*, accrescenta: «e *foi um dos Doze Pares de Inglaterra.*» [1] Seria pela vaidade

[1] Tom. II, fl. 212, ✝. Ms. da Bibl. municipal do Porto.

genealogica que os nomes dos Cavalleiros foram-se augmentando além dos Doze. Nos *Parellelos de Principes e Varões illustres*, Francisco Soares Toscano cita um, que não apparece nas listas correntes dos Doze de Inglaterra; ao fallar de *Vasco Annes Côrte Real* escreve: «Foi o primeiro que teve este nome, que El rei D. João I deu pela facilidade com que se offerecera ao *desafio dos Cavalleiros de Inglaterra*, onde foi com onze Companheiros sobre o aggravo das Damas inglezas, em que entrou *Alvaro Gonçalves*, o *Magriço* de alcunha. Foi este Vasco Annes fronteiro mór de Tavilla, grande cavalleiro, e de tão prodigiosas forças, que excedem o credito humano. — Este foi o Cavalleiro que em Inglaterra venceu um inglez em um desafio, que trazia por armas a cruz simples vermelha, que elle por memoria de seu vencimento applicou ás suas antigas armas dos Costas...» Em outros escriptores do seculo XVII é frequente a referencia aos Doze de Inglaterra, como vêmos no ascetico Bernardes. Quasi com o mesmo titulo que traz Toscano, publicou-se em Lisboa em 1732 um folheto, ou pliego suelto, com o titulo *Desafio dos Doze de Inglaterra, que na Côrte de Londres se combateram em desaggravo das Damas inglezas*, escripto por Ignacio Rodrigues Vedouro; ahi citam-se os nomes dos aventureiros completando-os com os cinco apontados por Manoel Corrêa e Pedro de Mariz: *Rui Gomes da Silva, Alvaro Mendes de Cerveira, Martim Lopes de Azevedo, Luiz Gonçalves Malafaia, Soeiro da Costa* e *Alvaro de Almada, o Justador*. Tem o folheto suas pretenções a chronica, mas é escripto em um estylo rhetorico que deixa a nú a intenção calculada; segue os *Lusiadas* na descripção do combate a cavallo, mas declarando que foram seus subsidios Manoel Corrêa, Faria e Sousa e o 2.º Conde da Ericeira D. Fernando de Menezes; vulgarisou o que em 1724 constava

do *Catalogo dos Doze de Inglaterra*, da Livraria do Conde de Vimeiro. [1]

Da mesma forma que as Tragedias gregas foram o desenvolvimento scenico dos episodios da *Iliada*, assim na Epopêa de Camões procuraram os poetas dramaticos do seculo XVII assumptos tradicionaes; Jacintho Cordeiro escreveu uma Comedia famosa intitulada *Os Doze de Inglaterra;* na renovação litteraria do Romantismo tambem Garrett começou um poema digressivo sobre a lenda do *Magriço*, de que existem alguns fragmentos publicados por Gomes de Amorim nas *Memorias biographicas de Garrett.*

Na autobiographia de Garrett, publicada anonymamente no *Universo pittoresco*, falla do *Magriço e os Doze de Inglaterra:* «poema de um genero caprichoso, uma cousa entre o *Orlando* de Ariosto, e o *D. João*, de Byron; tinha por titulo e acção principal o *Magriço e os Doze de Inglaterra;* mas excentrico e indeterminado na sua esphera, abraçava todas as cousas antigas e modernas, e ora philosophava austeramente sobre os desvarios d'este mundo, ora se ria com elles;... Este poema, de que por intervallos sabemos que o auctor se andou occupando até ao anno de 1832 (nove annos de vida) em que tinha consignado as impressões de suas variadas viagens, e que era realmente uma rica e immensa collecção de variadissimos stylos poeticos, veiu a perecer, com muitos outros trabalhos litterarios e

[1] Na *Historia de Camões*, Parte II, de p. 429 a 434, tratamos esta tradição, estudada depois pelo Dr. João Teixeira Soares em um pequeno ensaio *Os Doze de Inglaterra*, publicado na nossa revista *Era Nova*, p. 448 a 466. Lisboa. 1881. N'esta nota completamos os dois estudos com as nossas ulteriores descobertas.

scientificos do auctor, na entrada da barra do Porto com a perda de um navio, que no fim d'esse anno vinha dos Açores, e ahi metteram a pique as baterias inimigas. Grandes fragmentos d'aquelle poema foram vistos por muitas pessoas de quem houvemos estas informações. E' uma verdadeira perda para a litteratura portugueza, que dos vinte e tantos cantos, que já estavam compostos e que levavam o heroe até á estacada de Smithfield em Londres (onde se pretende que fôra o combate dos Doze) é pena, dizemos, que não possa salvar algum a reminiscencia do auctor. Mas temos-lhe ouvido protestar, que nunca mais poderia achar-se nas diversas disposições de animo em que estivera ao compôr aquelles variados cantos.»

Em carta datada de Londres, de 17 de Janeiro de 1831, escrevia Garrett para um amigo em Hamburgo, descrevendo-lhe o trabalho da idealisação do poema, alludindo ao começo da acção: «Eu continúo ainda adoentado, porém muito melhor: mas, com os incommodos do *poeta* teem medrado os negocios do *Cura;* e observará a primeira vez que lhe apparecer essa alma branca, que hade vêr mais desassombrada e despenada. E comtudo, quanto ao despeno final, não sei quando será, nem como, porque o panno da obra tem dado de si e acho-me contra a minha espectação, com mais do que para mangas.» E depois de esboçar o elenco das aventuras de Magriço e dos Doze de Inglaterra, que tinham de estender-se por trinta cantos, torna a alludir ao episodio inicial: «Com que, meu bom amigo, por este *exposé*, que pode, se julgar conveniente, communicar ao *Cura* na primeira conferencia, — verá, que me faltam pelo menos bons cinco cantos para acabar a obra, e tirar do Purgatorio o *director da consciencia quixotina.* — Mas, ou muito me enganam esperanças ou por todo este mez, principios do outro, o

homem está no céo, e santo approvado e confirmado como os que o são. Pouco espero, é verdade, que em se pilhando canonisado, o maganão do *Cura* lhe importe mais com o caritativo poeta que o despenou, e guarde de criticos e mordedores a obra que o salvou, mas faça a gente uma obra boa, e deixar ingratos por santos que sejam.» [1]

O amigo a quem endereçara esta carta poz-lhe a nota explicativa da referencia ao *Cura* no poema *O Magriço:* «Contava o poeta no 1.º canto, que estando elle uma noite de inverno ao fogão, lhe apparecera a alma do P.e Cura, que condemnara ao fogo os romances de Cavalleria que compunham a livraria de D. Quixote, e lhe revelara como por aquelle nefando desacato fôra por S. Pedro impedido de entrar as portas do céo, a que as suas virtudes lhe dariam sem isso facil accesso. Era preciso, segundo a declaração do divino porteiro, que um Poeta peninsular desaggravasse os nomes de tantos e tão donosos auctores condemnados pelo Cura á fogueira, escrevendo um romance de Cavalleria. Só então poderia o pobre Cura sahir do Purgatorio e recolher ao céo.» [2]

Quando em 4 de Fevereiro de 1899 commemoramos o Centenario do nascimento de Garrett, em sessão publica da Academia real das Sciencias, tomámos este quadro do Cura manchego imaginado pelo excelso poeta, como ponto de partida da nossa idealisação do thema tradicional dos *Doze de Inglaterra,* de que appareceu o primeiro excerpto. Foi a homenagem que mais significava a admiração pelo genio que soube fortalecer Portugal fazendo-lhe sentir as tradições nacionaes.

---

[1] Apud *Memorias biographicas de Garrett,* t. 1, p. 524.

[2] Ibidem, p. 511.

INDICE

—

			Pag.
RAZÃO ESTHETICA.			V
PROEMIO			1
		OS DOZE DE INGLATERRA	
INVOCAÇÃO			9
Canto	I.	**O aggravo das Damas.**	13
—	II.	**No paço de Saboya.**	33
		Percival errante.	39
		O Perdão de Lohengrin.	52
—	III.	**Patria e Amor**	67
		A Alą dos Namorados	70
—	IV.	**A Mensagem ducal.**	81
—	V.	**Na Sala das Pêgas**	91
		Crisauto de Amadis.	106
		Amor e Morte	111